

A close-up of a man's face and torso, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is holding a playing card, the Jack of Spades, which is partially visible. The background is dark with wisps of white smoke or steam. The title 'JACK OF SPADES' is overlaid in large, bold, sans-serif font. 'JACK OF' is in white, and 'SPADES' is in red.

JACK OF SPADES

VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

U S A T O D A Y B E S T S E L L I N G A U T H O R

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Sinopse

“VOCÊ ESTÁ À MINHA MISERICÓRDIA AGORA, AMORE.”

Desculpe, Bela. Você recebeu a mão perdedora.

Testemunha de um crime, você é minha prisioneira agora.

Eu não queria que as coisas acontecessem dessa maneira,

Mas amarrar você na minha cama e fazer você gritar

é um prazer inesperado. Um privilégio, realmente.

E mesmo que eu confiasse em você, agora que experimentei,

Não tenho certeza se deixaria você ir...

CAPÍTULO UM

Corey

Três tipos de jogadores que gastam muito na minha mesa de roleta.

Há o cara que está todo na cabeça. Ele está quieto, linguagem corporal fechada. Ele se senta com os ombros curvados e mal encontra meus olhos. Ele joga probabilidades, geralmente tem um sistema que ele segue religiosamente. Como ele sempre joga vermelho e dobra sua aposta quando perde.

Depois, há o jogador imprudente. Ele está montando emoção, drogas ou álcool. Ele é o oposto do primeiro tipo. Nenhum sistema, totalmente aleatório. Ele poderia pedir à mulher ao seu lado seu número favorito e apostar.

Depois, há o terceiro jogador, meu favorito. Ele carrega consigo uma eletricidade que muitas vezes leva a mesa inteira embora. É o cara que encontrou a mágica. Lady Luck, mojo, suas estrelas se alinhando, quem sabe o que é, mas eles têm uma energia que estão seguindo. Eles ficam no fluxo, seguindo sua intuição e apostam certo todas as vezes.

Muitas vezes eles se parecem com jogadores imprudentes: são extrovertidos, sociais. Eles se envolvem com as pessoas ao seu redor, inclusive eu, sua crupiê.

A baleia, que é Vegas para quem gasta muito, na minha mesa esta noite não nenhum dos três perfis, embora ele tenha a personalidade e o estilo de ambos. Ele é lindo com um terno bem cortado e um toque europeu, como se ele tivesse saído das páginas de uma revista masculina italiana. Ele flerta descaradamente comigo e conversa com as pessoas ao seu redor.

Eu pego e empilho as fichas e concedo os ganhos com finesse praticada, fazendo uma divisão de uma mão e empilhando e me movendo com a velocidade da luz.

— Lá vai ela, beleza e talento.

É brega, mas eu lhe dou um sorriso. Eu gosto de tê-lo na minha mesa, amo seu charme e talento, as grandes gorjetas, mas meu senso de aranha continua soando. Há algo de errado com ele.

Ele está abaixo de dois mil no momento. Ele desliza suas fichas para a mesa no último minuto, bem quando eu aceno minha mão e não pago mais apostas. Ele os configura de forma descuidada, também. Não sei dizer se ele as quer na caixa do *Terceiro Doze* ou *Ímpar*.

— Qual deles, senhor? — Eu me inclino para chamar sua atenção enquanto a roda gira.

Ele está bebendo bastante, mas não parece embriagado. Seus olhos vão para o meu decote, que eu ainda consigo trabalhar apesar do uniforme masculino, então de volta para o meu rosto antes que ele me dê um sorriso lento e bem-humorado. — Probabilidades, por favor. Desculpe por isso.

— Sem despejos, — eu aviso, e puxo as fichas enquanto a bola se acomoda.

Ele ganha. Ele desliza duzentas fichas de cem dólares pela mesa para mim como uma gorjeta. Quando puxo suas fichas, vejo que ele colocou uma ficha de dez dólares no meio, em vez de cem. Eu olho para cima e vejo que ele está me observando. Ele pisca.

Idiota.

Eu sutilmente sinalizo para que a Segurança venha.

Não é a primeira vez que me propõem enganar um cliente. Acontece com bastante frequência. Isso meio que confunde minha mente que ele gastaria duzentos dólares me pagando para fazer noventa. Mas acho que foi um teste. Uma vez que ele descobrisse se eu lhe daria alguma coisa, ele teria tentado de novo e de novo.

Vincent, o gerente de segurança no andar hoje à noite anda devagar e fica perto de mim, abaixando a cabeça para ouvir.

— Esse cara está jogando slop e tentando colocar fichas baixas em sua pilha.

Mais tarde, eu perceberia que Vincent parecia um pouco satisfeito demais comigo, mas não se registrou. Estou apenas ignorando as vibrações na minha barriga enquanto ele caminha para escoltar o cara para fora. Eu não sinto muito. Fiz a coisa certa, com certeza. Só estou desapontada porque o cara era atraente e meio fascinante para mim, e eu fantasiei por um momento sobre ele me convidar para sair.

Mas de qualquer forma. Eu não vou arriscar este trabalho, nem mesmo por um homem sexy em um terno elegante. Trabalhar no Bellissimo é como um emprego, educação e socialização em um pacote glamouroso. É de propriedade do notório Nico Tacone, da família criminosa Tacone Chicago, que governa o lugar com mão de ferro. Eu não foderia com ele. Mesmo que ele esteja apaixonado pela minha prima.

Termino meu turno e vou em direção aos vestiários dos funcionários. Quando passo pelo corredor em direção aos escritórios de segurança, paro de repente.

Vincent está de pé em uma postura relaxada, atirando na merda com ninguém menos que o terno sexy da minha mesa.

— Corey, — ele sorri e me chama para mais perto. — Vem cá, quero te apresentar a alguém.

Ai Jesus. Ele era um comprador secreto. Ou o que você chama de teste de segurança. Não sei por que isso me irrita, mas irrita. Meu estômago se aperta em um nó enquanto eu passo.

— Corey, conheça Stefano Taccone, nosso novo chefe de segurança.

Eu levanto minha mão para dar um tapa no rosto de Stefano. Eu não sei porque eu faço isso. Sim, tenho temperamento de ruiva e cresci em uma família violenta. Ainda assim, eu deveria saber melhor.

Ele pega meu pulso e o usa para me puxar contra ele. — Eu não faria. — Seu aviso é menos um rosnado do que um ronco baixo e esfumaçado. Como se ele estivesse falando mal de mim aqui no corredor.

Meu corpo responde imediatamente, meu núcleo derretendo. Claro, minhas malditas bochechas esquentam também. E acredite, em uma ruiva, não há como confundir um blush.

— Ninguém ataca um Taccone sem se arrepender. — É uma ameaça, mas ainda é falado com boa índole, com o mesmo charme de parar o coração que ele usou no chão, tentando me fazer trair para ele.

Merda. Eu realmente levantei a mão para um chefe da máfia? Um frio desliza pelas minhas costas.

Vou perder meu emprego.

Exceto que Stefano não parece zangado. Parece que ele quer me comer no almoço.

Acho que minha melhor aposta é assumir meu erro. — Me perdoe.



Stefano

A beleza em meus braços, bem, não exatamente em meus braços, mais à minha mercê, encontra meu olhar com coragem.

Não vejo medo nem desafio nos olhos azuis brilhantes, apenas curiosidade pura e simples, quase uma pitada de fascínio.

Da mesma forma, Bela .

Eu escolhi a mesa dela por um motivo, e não foi porque alguém suspeitasse que ela estava traindo. Muito pelo contrário. A gerente de salão diz que sempre atrai uma multidão de cavalheiros, ganha gorjetas grandes. Ela é rápida e vistosa, exalando o equilíbrio certo entre um profissional legal e um convite caloroso em qualquer jogo que ela lide. Eu a testei porque precisamos de um dealer para jogos particulares no andar de cima.

Agora, porém, quero jogar todos os tipos de jogos particulares com ela e nenhum deles envolve um baralho de cartas ou uma roleta.

— Eu não gosto de ser humilhada, — ela diz. Por um momento, acho que ela está falando com meus pensamentos, e então percebo que é a justificativa dela para tentar me dar um tapa. Ela vira o pulso na minha mão, tentando se libertar.

Eu não permito, puxando sua pequena mão até minha boca para roçar meus lábios em seus dedos. — Vou me lembrar disso, — murmuro.

Ela fica quieta, a garganta trabalhando em uma andorinha. Ela está tão perto que sinto o calor de seu corpo esguio, noto o leve tremor em seus dedos, apesar da uniformidade de seu olhar.

Lá se vai o rubor novamente, entregando-a. Eu quero mantê-la apertada contra o meu corpo, vendo aqueles olhos azuis elétricos se dilatarem toda vez que eu falar, mas se eu fizer isso, eu vou acabar empurrando-a contra a parede e tendo o meu caminho com os peitos que ela empunha como armas.

Nenhuma outra crupiê feminina se parece com esta. O novo uniforme é um oxford branco, colete carmesim e gravata borboleta, pelo amor de Deus.

Corey consegue tornar a roupa pecaminosa, no entanto. A saia preta curta abraça cada curva de sua bunda, quadris e cintura, desencadeando um par de pernas longas e esbeltas. Ela está com a blusa desabotoada e aberta até o colete, a gravata-borboleta usada por dentro como um colar de diamante. Como eu adoraria colocar uma coleira nessa linda criatura e trazê-la de volta; ela teria algum treinamento, também. O *cupê de graça* da roupa é o colete. Ela escolheu um dois tamanhos menor, fazendo com que parecesse mais com um bustiê ou espartilho, apertando abaixo dos seios e empurrando-os para dentro e para cima até que implorassem para derramar de sua blusa. Eu não posso dizer com o colete se seus mamilos estão duros, mas a julgar por seus lábios entreabertos e respiração curta, eu acho que eles estão.

— Venha ao meu escritório, vamos bater um papo. — Eu aceno meu braço para indicar meu novo escritório.

Mais uma vez, ela mantém a cabeça erguida, jogando suas longas e grossas ondas por cima do ombro enquanto me precede até a porta fechada.

Ela espera que eu abra, provavelmente porque é o meu escritório, mas tenho uma satisfação distinta em passar por ela para mantê-lo aberto, como se estivéssemos em algum tipo de encontro elegante em vez de uma entrevista.

— Sente-se, Corey.

Ela me lança um olhar cauteloso enquanto se senta à minha frente na minha mesa. — Nico mandou você pra cima de mim?

Eu arqueio uma sobrancelha. — Você está em uma base de primeiro nome com meu irmão?

— Senhor. Tacone, — ela corrige com um leve rubor. Eu amo seus blushes porque eles estão tão em desacordo com sua confiança natural. — Não, desculpe, de jeito nenhum. Ele está namorando minha prima, então eu só...

— Ah sim. *A mulher*. A razão pela qual Nico me ligou de volta da Sicília.

Corey parece surpreso. — O que você quer dizer?

Eu pisco. — Estou aqui porque ele corria o risco de perdê-la, trabalhando muitas horas. Ainda não a conheci, essa sua prima. Deixei meu olhar viajar pelo rosto de Corey, até seu decote sedutor e costas. — Eu posso ver por que ele pode estar encantado.

Sem rubor desta vez. Na verdade, acho que ela reprimiu um revirar de olhos. Eu realmente gosto dessa garota. Domá-la seria tão divertido.

— Qual é o nome dela?

Ela cruza as pernas longas, a facilidade rastejando em sua postura. — Sondra. E você provavelmente não vai conhecê-la. Ela se foi.

Eu já sabia disso. É uma coisa boa eu ter chegado quando cheguei porque Nico está completamente fora dos trilhos desde que sua mulher o abandonou. Eu ainda tenho que ver o cara, mas eu sei que ele voou para casa em Chicago para descobrir seu casamento arranjado e outras merdas com nosso pai.

Ela tenta retomar a liderança da conversa: — Então, por que me atacar? Eu sou uma boa entregadora de drogas. Eu mantenho meu nariz limpo.

Meus lábios se contraem. Eu amo o espírito dela. Ela vai ser perfeita para o andar de cima. Só tenho que me certificar de que ninguém a toque porque já estou começando a me sentir um pouco proprietário sobre o espectador. — Seus supervisores gostam de você, sim. Os que não são ciumentos. — Percebi que a supervisora lhe deu notas muito mais baixas do que os homens.

O canto dos lábios de Corey se ergue. Gosto do reconhecimento fácil que ela dá ao meu depoimento. Ela já interpretou corretamente minhas palavras e não se incomoda com elas. Eu já me decidi, ela é esperta. Confiante. Fácil para os olhos. Ela é perfeita.

— Estamos mudando você para jogos de apostas mais altas. Privadas.
— Eu não estou perguntando; Estou dizendo. É assim que a Tacones faz negócios.

Agora eu a peguei desprevenida. Seus lábios vermelhos se abrem e, por um momento, nenhum som sai. — Isso soa perigoso. — Sua voz estrangula ligeiramente na última palavra.

Eu levanto uma sobrancelha, curiosa e impressionada com sua conclusão. — Não é. Estarei presente em todos os jogos. Não vou deixar nada acontecer com você. — Quando ela permanece imóvel, eu digo: — Ou é comigo que você está preocupada?

Um leve rubor me diz que ela está definitivamente interessada, mas ela balança a cabeça. — Não. Sim. Acho que quero dizer que soa... ilegal.

Aí está. Eu aprecio muito as pessoas que podem ser diretas.

Eu abro minhas mãos. — Esta é Las Vegas. Temos uma licença de jogo. É a razão pela qual meu irmão se mudou para cá.

— Certo. É claro. — Ela assente, desviando os olhos. Eu amo esses pequenos sinais de submissão em uma fêmea alfa. Como quando ela se desculpou por tentar me dar um tapa. Ela sabe quando se segurar e quando se virar. Isso me faz querer flexionar meu domínio em todos os tipos de maneiras sujas, colocá-la de joelhos e sufocá-la com meu pau. Amarrá-la na minha cama e mantê-la gritando a noite toda. Ganhar sua obediência com um chicote e uma cenoura.

Ela não acredita em mim, o que novamente mostra que ela é inteligente. O jogo pode não ser ilegal, mas há todo tipo de coisas sórdidas e subterrâneas que acontecem por aí. Como a coleção às vezes forçada de apostas inusitadas feitas por homens desesperados.

Este é o jogo que meu irmão Nico aprendeu com *La Famiglia*. Ele foi um gênio ao trazê-lo para Vegas, onde grande parte é legal. Sim, significa que ele paga impostos, mas acredite, não tanto quanto deveria.

— Não será o tempo todo. Três ou quatro noites por semana. Vamos dobrar seu salário base e as gorjetas também devem aumentar.

— Você não está me dando escolha. — É uma afirmação, não uma pergunta.

Eu pisco. — Você notou isso, não é? Preciso de você nos jogos do andar de cima, Corey. Fim da história.

Raiva pisca em sua expressão, mas ela rapidamente a esconde. — Por que eu?

Eu levanto meus ombros em um encolher de ombros casual. — Você é profissional. Fria e reservada. Fidedigna. Linda. Em suma, você é exatamente o que estou procurando.

A cautela em seu olhar se torna mais aparente. Sua antipatia pela minha oferta aparece em seu rosto, mas ela diz: — Bem. Acho que não tenho nada a dizer sobre o assunto.

Estou um pouco surpreso. Eu sabia que ela não era uma vadia que cairia em cima de si mesma, lisonjeada, mas não acho que esteja fazendo um mau negócio. E se a prima dela já está na cama com Nico, literalmente, não acho que ela tenha grandes problemas com nossa família.

Mas talvez ela o faça.

— Oh, há sempre uma escolha, Sra. Simonson. Você pode sair por aquela porta.

Eh, eu posso ser o jovem charmoso, mas posso ser tão *stronzo* quanto qualquer um dos meus irmãos. Talvez mais.

Seus lábios pintados de escuro se comprimem. — Eu não vou fazer isso, Sr. Taccone. — Seus olhos azuis brilham quando ela encontra o desafio em meu olhar.

— Bom.— Eu me levanto e estendo minha mão. — Bem-vinda ao grande momento.

Ela se levanta e noto sua breve hesitação antes de pegar minha mão, mas dou a ela um sorriso caloroso enquanto nos cumprimentamos.

— Amanhã à noite. Esteja aqui às oito.

— Sim senhor. Aqui... seu escritório?

Concordo com a cabeça, embora seja uma ideia terrível. Eu deveria empurrá-la para Sal ou Leo, dizer a ela outro lugar para se encontrar, mas não posso recusar a ideia de tê-la aqui, no meu espaço. Meu crupiê pessoal.

— Use um vestido, algo sexy.

Ela para na porta e se vira, a cautela totalmente no lugar novamente.

— Eu não vou deixar ninguém tocar em você. — Eu ergo três dedos.
— Honra de escoteiro.

Seus olhos se estreitam, os lábios se torcem em um sorriso. — Você nunca foi um Escoteiro. — Há uma nota irônica de conhecimento em sua voz que faz algo deslizar na minha barriga. A vontade de foder esse desprezo da cara dela combina com a necessidade de socar alguma coisa.

Ela está certa. Não sou escoteiro. Nunca fui. Meus irmãos mais velhos estavam dando surras em Nico e eu antes de perdermos nossos primeiros dentes de leite. Aprendemos a arte da violência ao mesmo tempo que aprendemos nosso alfabeto. Nico aperfeiçoou a arte da estratégia, como manipular e vencer contra as probabilidades, quando atingiu a puberdade. Ele me mostrou as cordas, me protegeu. Minha vida tem sido mais fácil do que a dele e não sou amargo, mas também não vou me desculpar,

especialmente para esse pedaço de bunda tagarela. Estas são as cartas que recebi, a família em que nasci.

Mas eu não permito que nada disso apareça. Em vez disso, lanço outra piscadela e meu sorriso matador de mulheres. — Você me descobriu.

Passo por ela para abrir a porta novamente. — Faça como disse, use o vestido. Cuidarei para que você seja recompensada. — Para colocar um ponto mais preciso, tiro uma ficha de quinhentos dólares do meu bolso e a lanço no ar. Ela o pega, então segura meu olhar enquanto ela lentamente o enfia em seu decote.

É tudo o que posso fazer para não bater a porta e empurrá-la contra ela, dar-lhe uma revista completa para ver o que mais ela está escondendo entre ou ao redor daqueles seios empinados.

— Vejo você amanhã, então. — Sua voz sai um pouco ofegante, me dizendo que ela não é imune ao calor do meu olhar.

Eu limpo minha garganta. — Amanhã. — Eu quero dar um tapa na bunda dela enquanto ela passa pela porta, mas consigo encontrar algum autocontrole a tempo.

Amanhã, porém, ela pode não ter tanta sorte.

Eu mal posso esperar para vê-la em um vestido. Eu já sei que a visão dela vai fazer a minha noite.



Corey

Eu ligo para minha prima Sondra ao sair, mas ela não atende. Ela está com Nico em Chicago depois de uma briga que todos nós pensamos que

tinha acabado com as coisas para sempre. Mas Tacone tem dificuldade em aceitar um não como resposta. Eu tenho que dizer — Nico Tacone pode ser um filho da puta assustador, mas ele está totalmente envolvido com Sondra.

Quando ela o deixou quatro dias atrás, ele surtou. Ele me encurralou, tentou me fazer dizer a ele onde ela tinha ido, colocou um cara do lado de fora da minha casa, presumivelmente para vigiá-la. Sondra pensou que ele a estava traindo. Mas conversei com todos próximos a ele depois que Sondra partiu, e todos contaram a mesma história. Ele tinha um contrato de casamento arranjado pela família do qual estava tentando se livrar e Sondra é a única mulher que Nico levou a sério.

Então, quando eu recebi sua mensagem ontem com uma foto de um anel de diamante em sua mão esquerda, eu sabia que eles tinham resolvido.

Eu realmente não sei o que pensar sobre Sondra se casar com um mafioso conhecido. Ela sempre teve um péssimo gosto para homens, não que minha última escolha fosse melhor.

Mas Nico Tacone é o negócio real. Ele é perigoso e poderoso. Ele fez meu ex desaparecer. Não que eu esteja chorando por isso. Dean tentou estuprar minha prima.

Mas ainda. Caras comuns não têm esse tipo de poder.

Eu não sou julgador sobre a coisa do crime. Como filha de um alimentado desonesto, tenho uma noção muito cansada do crime e da lei.

Mas é por isso que eu não queria me envolver em nada que me colocasse perto das entranhas decadentes da organização. E os jogos privados de alto risco definitivamente farão isso.

Não vejo meu pai há mais de dez anos. Quando ele deixou minha mãe por uma garota vadia em Detroit, todos nós demos um suspiro de alívio. Stefano sabe que meu pai está no FBI? De alguma forma eu duvido, e se ele descobrir, as coisas podem ficar complicadas rapidamente.

Eu realmente não sei quanta atividade ilegal acontece por aqui, mas acho que é mais periférico. Por que eles precisariam infringir as leis quando seu cassino fatura milhões por ano? Ainda assim, não quero ver nada disso. Eu nunca quero estar em uma posição em que eles tenham que confiar ou questionar minha lealdade.

Droga.

Eu deveria ter contado ao Stefano?

E por que diabos estou pensando nele como *Stefano* e não como Sr. Tacone? Ele me repreendeu por chamar seu irmão pelo primeiro nome.

Oh, talvez seja toda a merda que ele fez. Ou a maneira como ele beijou meus dedos depois de pegar meu pulso. Um arrepio me percorre ao lembrar a rapidez com que ele pegou e segurou meu pulso sem nenhum traço de esforço ou raiva. Em vez disso, ele parecia confuso. Como se ele gostasse da oportunidade de me mostrar sua força superior e me manter cativa.

Não é porque eu quero estar no primeiro nome com ele.

Eu definitivamente não.

Por que eu pensaria isso? Especialmente depois de todas as minhas preocupações com Sondra?

Mas algo sobre aquele homem me faz apertar os joelhos toda vez que ele pisca. O que é muito frequente.

Eu dirijo para casa para o meu pequeno apartamento. Pela primeira vez desde que Sondra se mudou para o cassino e Tacone fez Dean desaparecer, parece muito pequeno. Mesmo solitário.

Mas não estou procurando companhia. Eu não preciso pular para outro relacionamento.

Claro que ninguém está me perseguindo por um, também. Stefano parece ser o oposto do amante possessivo e obstinado do meu primo, Nico. Ele é definitivamente um jogador.

O que significa que sexo, apenas uma vez para tirá-lo do meu sistema, pode estar na mesa.

CAPÍTULO DOIS

Stefano

Ando pelo Bellissimo como se fosse o rei do castelo, orgulhoso do lugar e do que Nico construiu aqui.

Eu estava com Nico quando ele convenceu nosso pai a investir 1,2 milhão de dólares para abrir um cassino em Las Vegas. Não foi o suficiente. Inferno, só a licença de jogo custava mais de trinta mil. Mas Nico era inteligente. Ele sabia que não devia envolver quaisquer investidores que não fossem da família. Apenas Tacones foram autorizados a entrar e manter ações do Bellissimo. E eles fizeram. Ele juntou o suficiente para abri-lo e construiu a partir daí.

Nico fez os arquitetos projetarem a estrutura maciça para que pudesse ser adicionada em seções e ele foi elegante desde o início: azulejos italianos, estátuas de mármore, belos quartos.

A primeira versão do Bellissimo era pequena, um cassino boutique. Nada extravagante sobre isso, nunca. E assim atraiu clientes de alto nível desde o início. Especialmente quando se espalhou a notícia sobre os jogos privados.

Nico tinha um plano de negócios e uma visão, e convenceu nossa família a investir. Ainda assim, acho que ninguém esperava que fosse assim. Agora, é um edifício gigante,, cinco alas diferentes, vinte e oito andares de altura. Oito restaurantes servem todos os tipos de comida e ainda é o lugar mais elegante de Las Vegas. E o dinheiro? Porra, transborda.

Falando do meu irmão *stronzo*, estou no Bellissimo há trinta e seis horas e não vi o desgraçado. Primeiro ele estava fora de controle procurando

por sua mulher. Agora ele foi para casa para consertar as coisas. Nós conversamos ao telefone e já mandamos mensagens uma dúzia de vezes, mas ele está muito irritado para me dar uma boa direção.

Ligo para o telefone e ele atende com a mesma impaciência. — O que é isso?

— É bom ouvir de você também. Você acertou as coisas?

— Eu estou trabalhando nisso.

Claro que ele não vai me dizer nada. Ele não é exatamente o tipo de cara vamos falar sobre nossos sentimentos.

— Você falou com o papai?

— Do meu jeito agora. Sondra está comigo.

Sondra. A mulher que eu quero conhecer. — Ah sim. Eu tive que descobrir o nome dela por meio de uma adorável crupiê ruivo ontem à noite.

— Você conheceu Corey.

— Sim. Eu tentei convencê-la a trair e ela tentou dar um tapa na minha cara.

Nico bufa. — Parece correto.

— E quanto a Corey? — Ouço o timbre agradável de uma voz feminina.

— Você está no carro? Coloque-me no viva-voz.

— Não, foda-se.

— Sondra, — eu levanto minha voz para que ela possa me ouvir. — Eu conheci sua prima ontem à noite, — digo a ela. — Estou apaixonado.

Sua risada é leve e doce. Nico deve tê-la colocado no viva-voz porque ouço sua voz claramente. — Eu definitivamente estou ouvindo o italiano em você.

— Não, é verdade, — eu insisto, mas ela está certa, mesmo antes da minha passagem de seis meses na Sicília com meu tio-avô, eu adotei o estilo de corte agressivo exagerado do país de origem dos meus pais.

— Ele já levou um tapa, — Nico completa.

— Oi oi.

— *Quase esbofeteado*, — eu corrijo. — Ela tentou. Eu não permiti. Chegamos a um entendimento .

— Ela está sob minha proteção, — Nico resmunga, mas ele sabe que eu não machuco as mulheres.

— *Nada para se preocupar. Já te disse... já estou apaixonado. Tipo, mal posso esperar para colocar essas pernas longas em volta da minha cintura para que eu possa bater nela duro e sujo.*

Ela gostaria assim?

De alguma forma eu acho que ela iria. Mas ela não é do tipo que cai sem lutar, e eu não tenho tempo ou atenção de sobra. Já estou até os ouvidos no trabalho. Eu posso ver por que Nico precisava de ajuda para administrar as coisas.

— Ouça, Stefano. — Nico tira o telefone do viva-voz. Ele tem um tom sério em sua voz.

— Sim?

— Se as coisas derem errado, eu preciso que você cuide de...

Eu entendo o que ele está dizendo, muito bem. Acho que as chances de ele morrer são pequenas, mas nunca se sabe. Nosso pai está na prisão e Junior, nosso irmão mais velho, é um idiota.

— Eu vou proteger o que você ama, — eu digo baixinho, fazendo o voto soar na minha voz. Eu sei que é isso que ele está perguntando; ele quer saber que Sondra estará segura.

— Obrigada. — A voz de Nico é rouca.

— Boa sorte, Nico. Deixe-me saber como vai.

— Sim. — Ele desliga e eu balanço a cabeça.

Meu irmão tem um contrato de casamento estúpido pairando sobre sua cabeça desde que éramos crianças. Era uma maneira de nosso pai ligar nossa família a outra. Estupidez total, mas assinada com sangue. Nico está apenas fingindo que isso nunca vai acontecer todos esses anos, mas agora ele está apaixonado. E ela o deixou quando descobriu que ele tinha uma noiva.

Pobre coitado. Mas se alguém pode descobrir merda quando precisa, é Nico.

Veja o que ele fez com este lugar.

É bizarro pensar no meu irmão em um relacionamento sério. Eu com certeza espero que ele encontre a felicidade.

Eu? Eu não me comprometo. Nunca.

Eu sou um homem de senhoras. Eu amo sexo, mas o resto? Um relacionamento?

Não, obrigado.



Corey

Estou desconfortável em trabalhar no jogo privado esta noite. Não sei se é meu sentido de aranha me alertando para problemas em potencial ou se estou sendo paranóica. É a mesma sensação desconfortável que tive sobre Sondra namorar Nico.

Há perigo no Bellissimo e, até agora, sempre consegui ficar de fora.

Ainda assim, vou ser bem paga. E embora isso possa não me ajudar quando a situação chega, minha prima tem o ouvido do dono. Claro, ele não pensou duas vezes antes de fazer Dean desaparecer.

Eu uso um vestido vermelho justo, aquele que Sondra pegou emprestado na semana passada quando ela se meteu em problemas flertando com outro homem para deixar Nico com ciúmes.

Ele se molda ao meu corpo, mostrando meu decote com decote profundo e minhas pernas longas com uma fenda provocante na lateral.

Não estou me vestindo para Stefano. Eu *não estou*.

Ok, sim, ele pode ter estado em minha mente enquanto eu tomava banho e me vestia. Eu poderia ter prestado um pouco mais de atenção à minha maquiagem e cabelo esta noite do que o normal.

Mas isso não é porque eu espero que alguma coisa aconteça. Envolver-me com Stefano Taccone é a última coisa que me interessa, a última! Mas isso não significa que eu não goste de um pouco de atenção masculina, especialmente de um homem que faz meu corpo se iluminar quando está por perto.

Estaciono na área de estacionamento dos funcionários e entro no cassino, minha bolsa debaixo do braço. Eu a guardei em um armário de funcionários.

— O que você está vestindo? — Tad, um dos outros crupiês pergunta. Ele está bem. Bonito em si mesmo, mas bom o suficiente. Ele me dá um olhar para cima e para baixo sem muito interesse. Não tenho certeza se o cara está interessado em outra pessoa além da pessoa que ele vê no espelho.

— Não pergunte, — eu digo enquanto coloco meu crachá no vestido e fecho meu armário.

— Ei, ei, ei. — Ele pega meu braço. — O que está acontecendo? Você foi transferida para outro departamento? —

— Você poderia dizer isso. Estou escalada para um jogo privado esta noite.

As sobrancelhas de Tad sobem até a linha do cabelo. — Uau. Tome cuidado.

Eu concordo. Ok, eu não estava sendo paranóica. Mesmo funcionários regulares acham que isso é uma má ideia. — Obrigado, eu vou.

Eu vou para o escritório de Stefano, mantendo minha cabeça erguida, afundando em minha personalidade de crupiê. É interessante, — mais dominatrix do que aeromoça, mas ainda tenho que ser acessível e amigável, especialmente quando os jogadores estão se aquecendo.

A porta de Stefano está entreaberta e eu o ouço falando de um dos gerentes de andar. Seu estilo é diferente do de Nico. Sua linguagem corporal é casual, não tão mortal, mas o resultado é o mesmo. O gerente balança as

pontas das asas. O que não me incomoda nem um pouco, porque o cara é um babaca.

Stefano lança um olhar para mim e levanta um dedo, então dou um passo para trás para lhes dar privacidade.

Alguns momentos depois, o gerente sai, suor escorrendo de suas têmporas.

Eu entro e Stefano mostra seu sorriso de derreter as calcinhas, desdobrando-se de onde ele estava empoleirado na beirada de sua mesa, presumivelmente para se erguer sobre o gerente em um jogo de poder.

— *Entra , bambina.* Você parece bem. — Ele faz o gesto de beijo na ponta dos dedos como se eu fosse algo delicioso que ele fosse comer. — *Perfeição.* — Ele caminha até mim e pega meu crachá, desabotoando-o do meu vestido. Seus dedos roçam a pele nua do meu decote, enviando uma onda de calor entre minhas pernas.

É um gesto íntimo demais entre patrão e empregado. Estou muito ciente de sua proximidade, a boa aparência de Henry Cavill, o cheiro de sabonete e colônia leve, os movimentos hábeis de seus dedos tão perto de meus seios. O homem é sempre tão autoconfiante, o que não deveria me enervar. Eu sou do mesmo jeito, geralmente.

— Não, crachá, hmm? — Dou um passo para trás, lutando para recuperar o equilíbrio.

— Não. Isso atrapalha a, ah, visão. — Ele deixa seus olhos vagarem descaradamente pelo meu decote antes de jogar meu crachá em sua mesa com a mesma graça casual que ele faz tudo.

Eu emolduro meus seios com as mãos. — São as garotas que me deram esse novo emprego? — Eu pergunto secamente.

Ele me dá um sorriso torto. — Eles não atrapalharam. — Outro olhar persistente que me faz revirar os olhos. Ele sorri. — O jogo não vai começar por algumas horas. Caminhe ao redor do chão e seja meus olhos. Encontre-me às 21h30 e eu a levarei para cima.

— Ser seus olhos?

Ele balança a cabeça como se eu devesse saber exatamente o que ele quer dizer. — Verifique a segurança, procure por algo suspeito ou desligado, denuncie qualquer coisa que encontrar.

Tento esconder minha surpresa com esse novo dever. Sou um crupiê, não um segurança, mas não discuto. Pelo menos é uma tarefa para a qual meus peitos não precisavam se qualificar. Inferno, poderia realmente ser divertido. Eu tenho um bom senso para as pessoas. Posso sentir o cheiro de um rato a uma milha de distância. Você pode dizer que eu ganhei do meu pai, mas eu tento não reivindicar nenhum traço dele, bom ou ruim. E, além disso, ele era o maior rato de todos, — talvez seja assim que eu saiba.

Ando pelo cassino, parando para observar as apostas e as mesas. Eu gosto de olhar através das lentes dos olhos de Stefano. O que ele gostaria que eu relatasse?

Ele aparece ao meu lado uma hora depois. — Diga-me.

Eu pulo com a voz tão perto do meu ouvido, então xingo interiormente por me assustar. — Contar o que eu vi? — Eu me viro para encará-lo, enervada com o quão perto ele está de mim.

— Hum hm. Seu relatório completo. — Ele tem esse jeito de me olhar, — com apreciação e carinho, mas também a promessa de algo que sei que devo evitar.

Eu lambo meus lábios. — Bem, eu não tenho certeza do que você quer ouvir. Não vi nada grande.

— O que você viu?

— Vi uma garçonete guardar um chip quando um cliente o deixou cair. Eu vi um dealer colocar uma ficha de cinco dólares no bolso que não era uma gorjeta, vi alguns universitários tentando contar cartas e falhando.

— Qual revendedor? Toda a simpatia deixou o rosto de Stefano, como roubar do cassino, mesmo que apenas cinco dólares, é uma ofensa punível com a morte.

Um arrepio percorre minha espinha quando percebo o quão precisa essa avaliação pode ser. E eu tenho que jogar o cara embaixo do ônibus.

Eu pisco, hesitando por um momento.

Os olhos de Stefano não saem do meu rosto, a intensidade de seu olhar aumentando.

— Andrew, — murmuro, porque não tenho certeza de como sair disso sem dar um nome. Eu provavelmente não deveria ter dito nada em primeiro lugar.

— Vou contar o que vi. — A facilidade voltou ao seu rosto.

— O que? — consigo dizer.

— Eu vi você rejeitar seis homens diferentes e atrair a atenção de quase três dúzias. Eu vi uma mulher que sabe se portar com confiança e que presta

atenção. — Ele estende a mão e coloca um dedo sob meu queixo. Eu me afasto. Ele sorri novamente. — Eu gosto de fazer você corar.

— Você não me faz corar, — eu estalo. É um retorno idiota, já que meus rubores são impossíveis de esconder. Eu sinto um se espalhando pelo meu peito e subindo pelo meu pescoço agora.

Ele pelo menos tem a decência de deixá-lo cair. Ele pega meu cotovelo. — Hora de te levar lá para cima, *Bella*. Vamos lá.

Se alguém mais pegasse meu cotovelo de uma maneira tão mandona e controladora, eu daria um soco nele. Mas é Stefano, um deus do sexo em um terno de mil dólares, e sua direção hábil realmente parece certa. Ele é como um daqueles dançarinos de salão que podem conduzir uma parceira em qualquer lugar e em qualquer lugar simplesmente com mudanças sutis na pressão de sua mão nas costas dela. Não me afasto porque gosto da sensação de ser guiada por ele.

E isso é apenas dez tipos de errado, bem aí.

Ele me leva no elevador para um andar privado com acesso por cartão-chave e me deixa entrar em uma suíte de hóspedes. Foi configurada para jogos de azar. A porta do quarto está fechada e uma mesa em forma de ferradura fica no meio da sala com cadeiras finas de couro acolchoadas ao redor. Nenhuma cadeira para mim. Eu tomo meu lugar atrás da mesa e verifico o carrinho com minhas fichas e cinco baralhos de cartas ainda em suas embalagens.

— Mesmas regras do andar de baixo. A única coisa diferente serão os lances mínimo e máximo, *capiche* ?

Eu aceno para as instruções curtas de Stefano.

Ele pega uma garrafa de água, que coloca ao meu lado. — Isto é para você. Leo estará aqui o tempo todo. Se algum deles lhe causar problemas, apenas sinalize para ele.

— Onde você estará? — Não sei por que pergunto. É estúpido. Não é como se eu tivesse medo sem ele.

Talvez eu esteja, só um pouco.

— Eu tenho que correr merda. Com Nico fora, há incêndios para apagar. Não se preocupe, ninguém vai tocar em você. Se o fizerem, farei com que Leo quebre seus dedos.



Corey

Mr. Donahue. É assim que o cara é apresentado, e eu recebo uma vibração *dele* imediatamente. Por um lado, ele está atrasado. Estou negociando pôquer há duas horas com três outros caras que apareceram esta noite e eles não estão satisfeitos em deixar alguém novo no jogo.

Dois deles sacam dinheiro. O terceiro, Sr. Smith fica, mas isso é porque ele perdeu trezentos mil. Ele provavelmente está esperando ganhar algo de Donahue.

— Onde está Nico Taccone? — Donahue exige uma vez que ele está sentado e suas fichas estão na frente dele.

— Senhor. Taccone não está aqui esta noite, — eu digo suavemente, distribuindo as cartas.

Donahue parece chateado. — Por que não? Ele me convidou pessoalmente. Me disseram que eu jogaria pôquer com ele.

Meus olhos se estreitam ligeiramente. Duvido que seja verdade. Eu lanço um olhar para Leo, na porta. Ele não é um gerente ou segurança de cassino normal. Ele é importado de Chicago. Parte da Família, se você entende o que quero dizer. Trabalhei no Bellissimo tempo suficiente para conhecer os internos.

O lábio superior de Leo se curva como se ele quisesse enfiar o punho na boca do cara, mas ele apenas me dá um pequeno encolher de ombros.

— Não sei quem lhe disse isso, Sr. Donahue, mas não vai acontecer. É a sua aposta.

O cara parece chateado, mas ele joga.

— Stefano Taccone está aqui, — resmunga o Sr. Smith depois de fazer sua aposta.

Donahue se vira para ele. — Oh sim? Quem é ele? Outro filho Taccone?

Essa deveria ter sido a minha pista, ele se referiu a Nico e Stefano como *filhos*, não irmãos, mas não é mais estranho do que o resto do comportamento do homem.

— Irmão de Nico. Eu o conheci quando entrei. Ele estará de volta, — Smith sabiamente fornece.

Donahue fareja e se acomoda para brincar. Ele é um jogador de merda, distraído e impaciente. Como Stefano na noite passada, ele não se encaixa nas categorias normais de grande apostador, mas está apostando milhares de uma vez. Ele está aqui apenas para ver Nico? É por isso que ele estava tão chateado por não estar aqui? Talvez ele tenha algum tipo de negócio de *Família* para resolver e tem que ser pessoalmente.

Ele perdeu três rodadas para Smith quando Stefano entra.

— Ah. Aqui está o Sr. Taccone agora, — Smith diz, empurrando suas fichas sobre a mesa em minha direção. — Acredito que essa deve ser a minha deixa para pegar meus ganhos e ir embora.

Conto com ele e devolvo uma pilha de oito fichas de dez mil dólares enquanto Stefano entra com uma caixa de charutos na mão.

— Desculpe, eu não pude estar aqui para o jogo inteiro, cavalheiros. Espero que tenham gostado. — Ele oferece um charuto a Smith, que pega um, mas não fica para acendê-lo.

E é aí que todo o inferno se solta.

Donahue derruba seu copo de uísque e ele rola para o chão. Ele se inclina para pegá-lo, colocando o vidro quebrado na mesa enquanto se levanta. — Então você é um dos meninos Taccone? — Há malícia em seu rosto, e percebo que sua mão está no bolso desde que se levantou. Tento sinalizar para Stefano, mas ele já está caminhando em direção ao homem, respondendo.

O charme de assinatura de Stefano está presente, mas ele é cauteloso. — Sim, eu sou Stefano. Você conhece minha família?

Donahue tira a mão do bolso, segurando uma pequena pistola. — Isto é para o meu irmão, — diz ele, a arma balançando em sua mão trêmula.

Dois tiros disparam ao mesmo tempo.

Eu jogo a mesa que estou atrás para frente. Um grito sai da minha boca.

Donahue cai, uma bala entre os olhos. Tanto Stefano quanto Leo têm armas em punho, braços esticados na frente deles.

Meus ouvidos ressoam com o som dos tiros.

Por um momento, ninguém se move. Estou enraizado no chão, choque me atravessando como um relâmpago, enraizando meus pés no chão.

Stefano pragueja em italiano e coloca a pistola no coldre debaixo do braço. — Como ele conseguiu uma arma aqui? Ele não foi procurado por armas?

Meu corpo treme — os dentes batem. Não consigo tirar os olhos do homem morto. — E-eu acho que ele puxou de sua bota, ou perna da calça, — eu forneço, lembrando que ele tinha se enfiado debaixo da mesa.

— Quem é ele? — Léo pergunta.

— Nenhuma idéia. — Stefano se abaixa e retira a carteira de identidade e a carteira de Donahue. — Traga Sal e Tony aqui para ajudá-lo a se livrar do corpo.

Leo levanta o queixo na minha direção. Ele ainda não guardou a arma. — Então e ela?

Gelo frio dispara em minhas veias como punhais. *E quanto a mim?* Oh Deus, eu sou uma testemunha. Ele está perguntando se deveria me matar também?

Stefano me examina com um olhar inescrutável que parece durar milênios. Eu não respiro. — Eu vou cuidar dela.

— Sim? Tem certeza ?

Stefano não tira o olhar de mim. Ele dá um único aceno de cabeça.

Leo murmura alguma coisa e enfia o que parecem ser gravatas no bolso da jaqueta de Stefano.

A sala mergulha e gira.

Eu estou tão fodida.



Stefano

V affanculo. Por que diabos eu deixei um estranho lidar com um jogo privado? Trazer Corey Simonson aqui foi o pior erro. Agora eu tenho uma testemunha de assassinato em minhas mãos.

Corey é inteligente o suficiente para entender a posição em que ela está. Ela dá um passo para trás, seus olhos azuis normalmente astutos arregalados de choque. — E-espere. Por que você simplesmente não chama a polícia? — Sua voz guincha, um tom mais alto do que o normal. — Foi legítima defesa. Eu sou sua testemunha.

— Não é assim que estamos fazendo isso. — Eu mantenho minha voz suave, meu rosto inexpressivo. Eu não descobri o que diabos eu vou fazer com ela ainda. — Venha aqui. — Eu aceno para ela com o que considero meu comando de assumir o comando.

Ela dá mais um passo para trás, olhando ao redor em busca de saídas. Não há nenhum, exceto a que estou bloqueando.

Leo late ordens codificadas em sua unidade de comunicação.

Não quero que Corey veja mais nenhum dos nossos homens implicados nesta cena.

— Corey, *agora*. Eu faço minha voz afiada e urgente.

Funciona. Ela desliza para frente, ao redor da mesa que ela tão sabiamente virou. Reflexos incríveis.

Eu pego seu cotovelo e a empurro para fora da suíte, movendo-me rapidamente em direção aos elevadores. Eu realmente não tenho um plano ainda, além de tirar Corey da cena do crime.

Quando entramos, nós dois ficamos de frente para as portas, como se fôssemos estranhos. — Eu não entendo por que você não chama a polícia. — Ela se recompôs o suficiente para que sua voz quase soasse normal.

— E eu não vou explicar os negócios da Família para você, — digo a ela secamente. Que é a única resposta que tenho. Sim, foi legítima defesa. Mas aquele *stronzo* que apontou uma arma para mim não era um maluco da rua. Ele tinha uma treta com a Família — provavelmente meu pai. Eu não vou abrir essa lata de minhocas com os policiais locais e confiar neles para resolver isso comigo saindo por cima. De jeito nenhum.

Então acontece que Corey não está tão unida quanto eu pensava, porque de repente ela se lança para o painel de controle do elevador, batendo nos botões.

Eu pego seu pulso e envolvo em volta de sua cintura, a puxo de volta contra mim. — *Pare*. Você está em pânico.

Seu corpo treme contra o meu. — Eu não vou contar a ninguém. Eu sei que foi legítima defesa. — Sua voz vacila no final e eu xingo, percebendo que ela está chorando.

E, claro, o elevador tem que parar naquele momento e deixar as pessoas entrarem.

Eu libero seu pulso e seguro sua nuca, virando-a para me encarar, então seu rosto está inclinado para longe das pessoas que entram.

Ela olha direto para o meu peito, os olhos ainda nadando com lágrimas. Eu puxo um lenço de seda do bolso do meu terno e coloco na mão dela. É quando noto o sangue – pequenos respingos mancham a coluna lisa de seu pescoço.

Quando ela termina de enxugar as lágrimas, eu pego o lenço de volta e enxugo as manchas, usando a umidade de suas lágrimas para tirá-lo. Se possível, ela fica ainda mais pálida, provavelmente percebendo no que estou esfregando.

O elevador para no primeiro andar e todos saem, mas mantenho minha mão no pescoço de Corey, não permitindo que ela se mova. Apertei o botão para o nível de estacionamento.

Eu não sei qual é o meu plano, realmente. Leve-a para casa, converse. Certifique-se de que ela saiba que coisas ruins vão acontecer se ela abrir a boca sobre o que viu. Ainda não está bem formulado. Estou apenas respondendo ao senso de urgência para afastá-la do cara morto.

Quando o elevador se abre no nível da garagem, Corey entra em pânico novamente. Ela agarra o corrimão dentro do elevador e se segura, cravando os calcanhares quando tento acompanhá-la para fora. Eu puxo sua cintura, mas ela se dobra. Se eu vou tirá-la de lá, vai precisar de algum maltrato sério.

O que em diferentes circunstâncias pode ser atraente.

– Eu não vou entrar em um carro com você! Eu sei o que vai acontecer.

– Acalme-se. O que você acha que vai acontecer? Eu não vou te matar, é isso que você pensa?

— Apenas me deixe ir! — ela gagueja, se afastando de mim e depois girando e me dando uma joelhada forte nas bolas.

Eu gostaria de dizer que mantive a calma. Eu não bato em mulheres.
— *nunca*. Minha mãe me criou melhor do que isso.

Mas eu não estou acima de bater na bunda de uma garota. Especialmente quando pertence a uma mulher bonita. Eu puxo um dos fechos de zíper que Leo colocou no meu bolso, que eu não tinha intenção de usar. Torcendo seus pulsos juntos, eu aperto a tira de plástico ao redor deles e a aperto.

— Você precisa se acalmar, — eu cerro os dentes. Eu prendo suas mãos contra a parede do elevador e trago minha mão para bater em sua bunda.

Eu não me contenho. Minhas bolas estão latejando e cada palmada satisfaz a parte de mim que ela desarmou com aquele golpe baixo. Claro, agora meu pau começa a inchar, renovando a dor.

As portas do elevador se fecham e ele entra em movimento. Coloquei meu cartão-chave no elevador e bati no piso da minha suíte sem soltar seus pulsos da parede.

Então eu retomo sua punição. Ela engasga e se contorce enquanto eu deito tapa atrás de tapa.

— Ok! — ela chora.

— *Me desculpe por ter dado uma joelhada em suas bolas, Stefano, — eu incito com outro tapa.*

— Me desculpe por ter dado uma joelhada nas suas bolas, Stefano, — ela murmura.

Eu a viro e bato meus lábios nos dela.

Ela congela por um momento, provavelmente surpresa com minha mudança de tática, mas então ela responde. Seus lábios se movem contra os meus, o corpo suaviza. Eu seguro sua nuca com uma mão, sua bunda com a outra.

As portas do elevador se abrem.

— Tudo bem, vamos tentar isso de novo. Você sairá bem deste elevador desta vez. — Eu a empurro pela porta.

Ela permite. — Para onde você está me levando?

— Para o meu quarto.

Seus passos param e eu tenho que puxá-la em direção à minha porta.
— Por que? O que você vai fazer comigo?

A verdade? Eu não faço ideia.

Eu abro minha porta e a empurro, seguindo e fechando a porta. Ela imediatamente se vira e tenta puxar a maçaneta da porta, apesar do movimento limitado permitido por seus pulsos amarrados.

Eu chego ao redor para pegar a maçaneta e ela empurra sua bunda para trás. Meu pau fica duro como pedra com o contato.

— Se você continuar esfregando essa bunda sexy contra mim, você estará em um tipo diferente de problema.

Ela congela, prendendo a respiração. Mas quando ela fala, o desprezo enlaça suas palavras. — Você está dizendo que vai me estuprar?

É para me calar, mas sua bravura me excita ainda mais. Eu seguro sua garganta com uma mão, não apertando o suficiente para assustá-la, mas o suficiente para segurar sua cabeça no meu ombro enquanto minha outra mão desliza pela frente de seu vestido curto. Não hesito, — não está nos

meus genes. Eu encontro a pele de sua coxa e a traço sob seu vestido para cobrir seu monte .

— Encharcada, — eu respiro contra seu ouvido, triunfando socando meu pau contra minhas calças. — É estupro se você quiser?

— Eu não quero isso, — ela mente.

Eu deslizo meus dedos sob o reforço de sua calcinha minúscula e acaricio ao longo de sua fenda de mel. — Então eu não vou tocar em você, — eu deito de volta para ela.

Ela morde o lábio contra um gemido quando eu mergulho um dedo em sua entrada pronta. — Não, — ela diz, mas soa mais como um *sim* do que qualquer coisa.

— Não? — Meu dedo desliza para fora, arrasta para cima e circula seu clitóris. Seus quadris empurram contra mim, e minha mão se fecha com mais força ao redor de seu pescoço. — Você quer que eu pare, baby?

— Sim, — ela ofega.

Eu paro de mover meu dedo, mas o mantenho lá, seu clitóris pulsando contra meu dedo, entregando-a. Mas eu não vou continuar.

Eu não forço mulheres, e ela me disse para parar.

Lamentavelmente. Eu adoraria ter o privilégio de tirar Corey.

Eu puxo meu dedo. — Você me diz quando quer, baby, e eu te darei bem. — Eu não libero sua garganta.



Corey

Meus quadris se escrevem em um círculo como se eu estivesse procurando sua mão novamente.

Corpo traidor.

Estou tão confusa agora, não consigo pensar direito. Um minuto atrás, eu tinha certeza que Stefano planejava me jogar sobre a Represa Hoover. Agora estou em um tipo diferente de problema, como ele tão eloquentemente colocou.

É um problema muito preferido, apesar dos meus protestos.

— Venha aqui. — Stefano enfia o dedo indicador no zíper segurando meus pulsos e me puxa mais para dentro de sua suíte como um fazendeiro conduzindo sua vaca. É a mesma suíte de estilo que Sondra está hospedada aqui, com uma quitinete e sala de estar.

Ele não me leva para o quarto, mas para a cozinha, deixando-me na mesa enquanto pega uma garrafa de água na geladeira. Eu inclino minha bunda na mesa porque minhas pernas estão bambas demais para ficar de pé. Stefano volta e abre a garrafa, segurando-a em meus lábios.

Eu levanto minhas mãos amarradas para pegá-lo e beber. — Você tem algo mais forte? — Eu pergunto depois de ter engolido metade da garrafa.

Stefano me dá aquele sorriso preguiçoso e volta para a cozinha, voltando com uma garrafa de Glenlivet e dois copos. Ele serve para cada um de nós dois dedos de uísque e estende um para mim. — *Salute.* — Ele bate seu copo contra o meu.

Eu jogo o uísque de volta, esperando que a queimadura acabe com a memória do que aconteceu lá em cima da minha mente.

— Então, basicamente, sou um acessório agora. — Isso me atinge como um bloco de concreto na ponta dos pés.

Stefano dá de ombros como cúmplice de assassinato não significa nada para ele. — Isso nunca iria aguentar. — Ele se aglomera em mim, afastando meus joelhos para ficar entre eles. Eu ainda não consigo descobrir se isso é sedução ou uma tática de susto.

— Então você não está planejando me matar. — Ele já disse isso, mas acho que não acredito nele.

Ele estende a mão para segurar meu rosto, seu polegar roçando minha bochecha levemente. — *Cara*, se eu fosse te matar, você já estaria morta.

Eu tento ignorar o calor que seu toque produz, a vontade de me aninhar em sua mão. É só porque estou em choque e enlouqueci. — Por que me deixar viver? Por causa de Sondra?

Stefano balança a cabeça. — Eu não quero você morta. — Ele deixa cair o polegar em meus lábios e os traça. Fico quieto porque, apesar de sua garantia, ainda sou sua prisioneira. A braçadeira em meus pulsos prova isso. — Eu não mato inocentes. — Algo pisca atrás de seus olhos escuros. — Apesar do que você possa pensar sobre mim.

Sinto minhas bochechas esquentarem, o que me irrita. — Eu não penso em você.

Ele sorri porque nós dois sabemos que é mentira.

Molho meus lábios com a língua e ele acompanha o movimento, a fome queimando em seus olhos castanhos chocolate. — Então o que você vai fazer comigo?

Ele inclina a cabeça para o lado. — Estou descobrindo isso, *bambina*.

— T-há algo que é melhor eu te dizer. — Eu não quero trazer isso à tona, eu realmente não quero. Mas se descobrir de outra forma, pode atirar primeiro e perguntar depois.

Ele arqueia uma sobrancelha.

Eu lambo meus lábios novamente. — Eu não falo com meu pai. Tipo, estamos totalmente separados, e isso é uma coisa boa.

Os olhos de Stefano se estreitam. Tenho certeza que ele está se perguntando onde diabos eu estou indo com isso.

— Mas ele é um federal. Um agente do FBI, — eu deixo escapar.

Stefano pragueja em italiano, uma longa série de palavras que não entendo, mas entendo o significado. Ele puxa minha bunda para fora da mesa e começa a me revistar em movimentos rápidos e irritados, correndo os dedos ao longo do decote do meu vestido, ao redor do interior do meu sutiã.

Se eu não tivesse mais do que um pouco de medo de Stefano Taccone no modo guerreiro, poderia comentar a semelhança da minha situação com a de Sondra. Foi assim que ela conheceu Nico, afinal. Ele a revistou por escutas quando a encontrou limpando seu banheiro.

Stefano arrasta suas grandes palmas para cima das minhas coxas, até as costas, deslizando um dedo sobre o fio dental através da minha fenda. Ele verifica o reforço da minha calcinha, poupando-me de qualquer comentário sobre o quão molhada estou desta vez.

E sim, minha calcinha está úmida novamente. Eu não deveria estar excitada com a busca áspera e completa de Stefano, mas estou. Ele levanta

meu vestido até a cintura, sobe até minhas axilas antes de perceber que não está saindo. Não, a menos que ele remova a gravata.

Ele me puxa pela cozinha, onde pega uma tesoura da gaveta.

Acho que ele vai cortar a gravata, mas em vez disso o filho da puta corta o tecido do meu vestido.

Eu o empurro, mesmo que seja tarde demais. — Jesus! Não precisa cortar, idiota. Este é o meu vestido favorito. — O vestido cai em pedaços aos meus pés. Eu estou lá em um sutiã de renda preto e fio dental combinando, um par de meias pretas e meus saltos agulha. É uma roupa e tanto, mas ele aparentemente não é afetado.

Ele puxa o bojo do meu sutiã para baixo, procurando visualmente enquanto passa os polegares dentro deles pela segunda vez. — Cuidado com a boca, ainda sou seu chefe. Eu compro outra porra de vestido se você estiver limpa.

— Estou limpa, caramba. Onde mais eu esconderia um fio? Por que você simplesmente não cortou a gravata?

Ele pega meu queixo com determinação sombria. A princípio, acho que ele vai me punir por falar demais, mas ele abre. — Talvez eu goste de ter você à minha mercê. — Ele balança as sobrancelhas e eu registro o retorno de sua arrogância alegre, uma fração de humor e prazer. Talvez seja isso que me irrita. Quando ele varre um dedo para dentro para verificar meus dentes, eu mordo com força.

— *Merda!* Ele puxa o dedo para trás e meus dentes raspam sobre a carne. Eu os abro com o gosto de sangue, instantaneamente percebendo que fui longe demais.

Eu fico tensa, congelada como um coelho, mas Stefano não se move, exceto para apertar sua mão. Seus olhos travam nos meus, em chamas, mas não com raiva. Não, com promessa sombria. Excitação. Como se ele estivesse *feliz por* eu ter mordido ele.

Um arrepio percorre minha espinha.

— Acho que você deve querer outra surra. — Sua voz mantém uma calma mortal.

Eu não consigo me mexer. Não consigo respirar.

Temo que ele esteja certo.

Em um flash, ele me gira e empurra meu torso sobre a mesa. Ele não começa a bater forte como ele fez no elevador, no entanto. Ele apenas passa a mão sobre minhas bochechas nuas e assobia.

— *Bambina*, se eu soubesse que você estava escondendo *isso* debaixo do vestido, eu teria levantado sua saia para seu último castigo. — Ele circula minha bunda novamente.

Antecipação corre pela minha pele, vibra na minha barriga.

— Você ainda está usando minhas impressões de mãos. — Há um murmúrio de apreciação em sua voz, quase um ronronar. — Você está dolorido?

— Sim. — eu digo, infundindo petulância em minhas palavras. Eu ainda *estou* dolorida. Na verdade, agora que ele menciona isso, minha bunda está quente e formigando. É claro que os ruivos registram mais dor do que a maioria das pessoas.

Ele esfrega minha bunda. — Abra as pernas, baby. — Sua voz não passa de um murmúrio.

Eu tento ignorar a direção, como se eu não tivesse ouvido, mas ele chuta meus pés para longe. Para minha total humilhação, ele começa a bater na minha boceta. Toques curtos e deliberados bem sobre meu clitóris. Meus músculos internos da coxa saltam e estremecem quando ele coloca um pouco mais de pulso nele.

— Stefano! — eu suspiro.

— Isso mesmo, *amore*. Diga meu nome.

Minha boceta aperta, mais calafrios percorrem minhas pernas. Ele dá um tapa na bochecha de uma bunda, com força.

— Ai!

— Hum hum. — Ele dá um tapa na outra bochecha, depois acelera o passo, alternando uma bochecha e a outra. O homem não sabe a definição de um tapa leve. Toda vez que sua palma se conecta com a minha carne, envia ondas de choque de sensação sacudindo através de mim. Dor misturada com prazer. É demais, e ainda assim eu não quero que ele pare. Estou tragicamente apaixonado pela minha situação. Ele aumenta a intensidade e a velocidade outro ponto e eu grito. — Ai! Ei!

Sim, agora eu quero que ele pare.

Definitivamente.

— Você pode se lembrar das palavras que eu preciso ouvir, *Bella*.

— Eu sinto Muito! Desculpe por ter mordido seu dedo, Stefano.

Ele para e me gira. — Boa garota. Aprendiz rápido. — Como antes, ele termina o castigo com um beijo. Seus lábios caem sobre os meus e ele me inclina para trás na mesa, me seguindo para baixo. Não tenho escolha a não ser envolver minhas pernas ao redor de sua cintura e embalar seus quadris

contra os meus. Seu pau pressiona duro e insistente contra minha calcinha, mas ele não se apressa. Ele beija meu pescoço, puxa meu sutiã para baixo para raspar os dentes em meu mamilo.

Eu arqueio para ele, moendo meu monte contra a protuberância dura em suas calças. Ele puxa meu mamilo em sua boca, chupa até que eu sinta o puxão de resposta entre minhas pernas.

Seus movimentos são seguros e confiantes, como se ele conhecesse o corpo de uma mulher, mas também há uma urgência louca, uma paixão por trás de cada movimento que me leva. Eu não posso deixar de responder ao seu toque, como se ele fosse o músico e meu corpo fosse o instrumento. A música que ele faz comigo embriaga a nós dois.

Ele se move para o mamilo negligenciado, sugando, mordendo, soprando ar através dele. Mãos quentes deslizam pelas minhas coxas. Acho que ele vai me foder agora. Desta vez não vou recusar.

Mas depois que ele puxa meu fio dental para baixo, ele traz o rosto para a minha boceta e me lambe. Eu grito, meus quadris levantando da mesa. Ele os segura e lambe novamente, uma longa lambida, do ânus ao clitóris.

Jesus. Eu não sabia que isso seria tão bom. Eu nunca tive atenção ao meu ânus, nunca quis atenção lá, mas Stefano não tem medo.

Ele mergulha sua língua em minha boceta, me penetrando, então se move para chupar meu clitóris. Ele mergulha dois dedos em mim e os enrola para dentro, esfregando minha parede interna.

Eu rasgo seu cabelo, meus sucos fluindo tão livremente que tenho medo que eles vazem de mim. Isso tudo é demais e ainda assim meu corpo

canta, glórias em seu toque. Seu polegar desliza na minha entrada e outro dedo, molhado da minha boceta, empurra meu ânus.

Mais uma vez, meus quadris voam para fora da mesa. Ele me segura, recolocando seus lábios no meu clitóris, chupando o nó com força. Ele penetra meu cu com um dedo.

Estou mortificada.

Animada.

As sensações fluem através de mim muito rapidamente para serem processadas. Meu corpo pertence a ele. Não tenho escolha a não ser me render, me soltar e deixá-lo tocar em mim, seu instrumento. E ele faz.

Dentro de momentos, estou gozando, — *forte* . Quando eu grito, ele cobre minha boca com a mão, ainda bombeando os dedos dentro e fora de mim. É milagroso e horrível. Estou desfeito.

E quando acaba, vulnerabilidade e uma pitada de vergonha se precipitam como uma maré oceânica. Eu sufoco um soluço contra sua palma.



Stefano

Ah porra.

Eu libero minha mão da boca de Corey para ver seu rosto. Ela se afasta de mim, empurrando os nós dos dedos entre os dentes. Ela está chorando. Ou tentando não.

Porra, porra, porra. Eu tinha tanta certeza que ela queria. Seu corpo respondeu como se eu fosse seu mestre. Ela nunca disse não, nunca me afastou.

Meu cockstand cai para nada. Eu não gosto de estupro. De forma alguma.

Eu rapidamente a puxo para sentar, puxando sua calcinha de volta no lugar. — *Cazzo*, Corey. — Procuro seu rosto, tentando decifrar as lágrimas. Foi simplesmente demais? Às vezes, as garotas choram após o orgasmo, especialmente um grande. Ou ela se sentiu forçada?

Porra, espero que não.

— Você está... — Eu nem sei o que vou dizer, mas ela me dá um tapa no peito com as mãos amarradas.

— Pare de olhar para mim, Stefano.

Alívio toma conta de mim. Ela está bem. Eu posso dizer pela familiaridade que ela usa, me chamando pelo nome, batendo na minha lapela. Ela não faria isso se estivesse realmente assustada, realmente se sentisse forçada. Ela está crua do orgasmo e da situação fodida, isso é tudo.

Eu seguro sua nuca com minha mão limpa e a puxo contra mim. Ela bate no meu peito com a testa e fica lá, engolindo em seco e cheirando. Eu acaricio meu polegar ao longo das mechas de cabelo em sua nuca até sua respiração desacelerar. Então eu a solto. — Sente-se firme, — eu aviso, apontando um dedo mandão para ela. — Não se mova ou eu vou bater na sua bunda de novo.

Ela faz uma careta para mim, o que considero um bom sinal. Ela ainda tem espírito. Não tenho interesse em quebrá-la.

Quando eu volto, ela se recompôs. — Stefano, — ela diz, segurando seus pulsos amarrados para mim. — Me deixar ir. Não vou falar, prometo.

Minha prima, que é como uma irmã para mim, vai se casar com seu irmão. Eu sou praticamente parte da família agora.

Minhas sobrancelhas se erguem, porque Nico, o *stronzo*, ainda não me disse que vai se casar com a garota. Espero que isso signifique que a merda com a Família acabou. — Isso é verdade? Eles vão se casar?

Ela balança a cabeça. — Ela me mandou uma mensagem com uma foto do anel.

Não sei porque, mas isso me deixa loucamente feliz pelo cara. Nico é um filho da puta seriamente intenso. Ele nunca tentou ser feliz, talvez porque o contrato de casamento com a filha de Guiseppe Pachino esteve pairando sobre sua cabeça todos esses anos.

Eu entro em seu espaço novamente. É difícil levá-la a sério quando ela parece ter saído das páginas de uma revista masculina elegante. As coxas e saltos estão praticamente explodindo minha mente. — O que isso nos faz, então? — Eu solto seu sutiã nas costas e deslizo as alças para baixo, mesmo sabendo que elas vão prender em seus pulsos amarrados com zíper.

— Não há *nós* — , ela retruca, mas não resiste ao meu toque. — Stefano, deixe-me ir. Por favor.

Eu coloquei um dedo sob seu queixo. — Eu não posso, — eu digo a ela. *Não vai.* — Ainda não.

Sua respiração acelera, o que faz seus seios com pontas rosadas balançarem a cada inspiração. — Por que não? O que você vai fazer comigo?

— Ainda não decidi.

— Por favor. — Sua voz se eleva. — Você pode ligar para Nico, Sr. Tacone... — ela para, porém, incerteza piscando em seu rosto. O que não

me surpreende. Posso contar em uma mão o número de pessoas que têm certeza do que Nico vai fazer ou dizer.

— Eu certamente vou falar com Nico, — eu digo suavemente. — Enquanto isso, você vai ficar aqui. — Eu puxo o sutiã enrolado em seus pulsos.

— Você vai cortar isso também? ela estala.

— Sim, acho que vou. — Eu pego a tesoura. Não é para ser um idiota, mas porque a ideia de comprar seus sutiãs novos me deixa mais duro do que uma pedra. Vou gostar de ter Corey Simonson à minha mercê.

Muitíssimo.

Ela bufa enquanto eu corto as alças do sutiã e liberto o tecido de seus pulsos.

— Venha, *bela*. — Eu pego seus dedos emaranhados e a levo para o quarto.

Ela hesita, cavando os calcanhares e puxando contra mim.

— Relaxe. Estou colocando você na cama *para dormir*. É tarde e eu preciso colocar minha bunda de volta lá embaixo.

Ela balança a cabeça. — Stefano, por favor. Isso é foda. Apenas me deixe ir. Não entendo por que sou sua prisioneira.

— Eu preciso ter certeza de você, *Bella*. Então, por enquanto, você fica.

— Eu a empurro em direção ao banheiro. — Ali está o banheiro. Use-o se precisar, porque você não terá chance enquanto eu estiver fora.

Pânico brilha em seus olhos, mas ela joga seus longos cabelos ruivos a caminho do banheiro. Enquanto ela está fora, eu arranco o telefone do cassino da parede e o guardo no armário. Usando mais braçadeiras do meu

bolso, faço uma corrente com elas, prendendo a de cima no metal sólido da estrutura da cama. Quando ela volta, dou um tapinha na cama, escondendo as braçadeiras. Ela me olha com cautela, mas se aproxima e se enfia debaixo das cobertas, presumivelmente para esconder seu estado de nudez.

Eu agarro seus pulsos e prendo a corrente zip-tie nos dela.

— Ei! Que porra é essa? — ela os puxa.

— *Pare*. Eu faço minha voz afiada. — *Acalme-se, Bella* ou esta gravata vai cortar seus pulsos.

Ela olha para mim. — Ah, e você se importa porque por quê?

Porque não quero me sentir mal pela maneira como a estou tratando. E eu definitivamente deveria. Ela não merece ser amarrada à minha cama. Ela não fez nada de errado. Mas estou pensando com meu pau agora, e de jeito nenhum vou deixá-la ir. Não quando eu a tenho em uma posição tão deliciosa.

Eu levanto seus dedos amarrados aos meus lábios e os beijo suavemente. — Eu não quero ver marcas vermelhas aqui. — Eu traço meu dedo sob a gravata, testando o aperto. — Se eu voltar e você deixar sua pele em carne viva, vou puni-la novamente. *capuchinho* ?

Seus olhos se arregalam, medo genuíno os inundando.

— Não, — eu digo, adivinhando seus pensamentos de pânico. — Eu não sou um psicopata. Embora eu adoraria jogar jogos sexuais com você acorrentada à minha cama toda a porra da semana. Seja boa, — toco seu nariz, — ou pode ser arranjado. — Dirijo-me à porta.

— Stefano! — ela grita meu nome com os dentes cerrados. É um bom sinal. Eu gosto dela brava. Eu não a quero aterrorizada.

Eu me viro e arqueio uma sobrancelha. — Precisa de alguma coisa? Não? — Eu não dou a ela a chance de responder. — Vou pegar uma escova de dentes para você enquanto estiver lá embaixo. Estarei de volta ao amanhecer. Tente dormir um pouco.



Corey

Estou pronta para matar Stefano Tacone eu mesmo . Não consigo entender o jogo dele. Ele está realmente preocupado comigo falando? Ou ele é um predador sexual louco que viu uma oportunidade de me levar cativa e fez isso?

Mas não. Se ele estivesse envolvido em crimes sexuais, ele teria me estuprado na mesa da cozinha. E ele não o fez. Ele nem tentou fazer sexo comigo. Tudo o que ele fez foi me oferecer prazer.

Ele definitivamente está atraído por mim; ele deixou isso claro. Mas eu realmente não acho que ele vai me forçar esta noite.

Com esse pensamento, minha confiança em superar essa situação aumenta. Eu testemunhei um assassinato da máfia, mas ainda estou viva. O homem que me capturou não foi cruel. Na verdade, além de me manter cativa, ele foi bastante atencioso, me oferecendo água, sugerindo que eu usasse o banheiro. Explodindo minha mente com o orgasmo do século.

Oh merda, o que estou dizendo? Será que eu já tenho Síndrome de Estocolmo? Estou me ligando ao meu captor?

Então me atinge com um flash de frio. *Essa é a intenção dele?* Como ele vai ter certeza de mim? Fazer com que eu me apegue a ele para não falar?

Não, isso é ridículo. Um homem como Stefano Taccone não confia em *cortejar* as mulheres em silêncio. Isso é zombeteiro. Ele usa os punhos. Sua arma.

E como ele não usou nenhum dos dois em mim, provavelmente posso assumir que estou bastante segura.

Eu me inclino sobre o lado da cama para investigar onde ele prendeu a braçadeira. Se for na perna da cama, talvez eu possa levá-lo.

Nenhum dado.

É bem na armação de metal embaixo do colchão. Stefano é bom. Estremeço ao pensar que ele já fez isso antes.

Minha manobra torce o zíper em volta dos meus pulsos e verifico minha pele em busca de marcas. Sim, totalmente deixou alguns.

E esse pensamento não deveria *me* excitar.

Mas eu poderia realmente gostar das punições de Stefano Taccone. O que estou dizendo? Eu já gosto.

Então, sim, tentá-lo para outro parece um perigo delicioso com o qual eu adoraria brincar.

Mas apesar da minha certeza de que nunca dormiria, adormeço.

Sonho com reuniões da máfia: homens perigosos com armas e temperamentos. Meu pai está lá. Ele é o líder e me pega espionando eles. Ele me segura pelos cabelos e me dá um tapa no rosto como costumava fazer quando estava bebendo.

Eu acordo assustado, suando.

— Shh, *bambina*. Você está seguro aqui. — Stefano Taccone aparece em meu sonho, afastando meu cabelo do rosto.

Não.

Stefano Taccone está na cama.

Eu pisco meus olhos abertos. A luz do amanhecer se derrama pelas cortinas.

— Volte a dormir, *Bella*. É muito cedo para acordar. —

Eu tento me virar em direção a sua voz, mas o plástico morde meus pulsos e eu gemo.

— Está bem, está bem. Eu vou te libertar. — O colchão balança e ele desce. Quando ele aparece na minha linha de visão, ele está segurando uma faca de caçador mortal. Ele se agacha na minha frente e corta a gravata que segura meus pulsos. Sua barba cresceu durante a noite e o cansaço puxa os cantos de seus olhos. — Você fica nesta cama, no entanto, — ele avisa.

Esfrego a pele esfolada, rolando para o meio da cama onde ele se deita. Ele pega um dos meus pulsos e acaricia as marcas com o polegar.

— Impertinente, querida, — ele murmura, fechando sua grande mão em volta do meu pulso enquanto suas pálpebras se fecham.

Eu olho para seu rosto bonito no escuro, escuto enquanto sua respiração diminui. Ele cheira a cassino — como uísque, dinheiro e couro velho. Eu considero tentar escapar de seu alcance, mas não consigo encontrar a motivação. Eu posso ter que admitir para mim mesma que gosto de ser sua prisioneira. Sair agora seria uma decepção. Eventualmente, minhas inalações combinam com as dele e eu deslizo de volta para um sonho. Só que desta vez, estou amarrada à cama de Stefano.

CAPÍTULO TRÊS

Stefano

Oh , não, você não.

Minha mão se fecha ao redor do pulso de Corey. Ela está tentando fugir de mim.

Seus olhos azuis elétricos encontram os meus. Eles não guardam nenhum traço de medo ou remorso, o que me faz querer beijá-la sem sentido. Eu amo a confiança dela. Sua verve. Eu a tenho seminua na minha cama e ela não está nem um pouco nervosa.

— Eu tenho que fazer xixi, — diz ela. — Você me trouxe aquela escova de dentes? — Adorável. Ela trata isso como uma porra de uma festa do pijama.

— No balcão, — murmuro, ainda acordando. Eu libero seu pulso. Ela puxa o lençol da cama para se cobrir enquanto caminha para o banheiro.

— Deixe a porta aberta, *amore* . Eu preciso ouvir o que você está fazendo.

— Foda-se, Tacone — , ela chama de volta.

— Ainda seu chefe, — eu a lembro.

Mesmo que ela seja tagarela, ela faz o que mando.

Mulher inteligente.

Quando ela volta, ela caminha direto para a cômoda e puxa uma gaveta.

Estão todos vazios. Não pretendo ficar nesta suíte de hóspedes, mas ainda não me preocupei em expulsar Sal da minha suíte no último andar. Ele se mudou para lá quando eu parti para a Sicília há seis meses.

— Você está procurando algo para vestir?

— Sim, — diz ela, virando-se para mim. — Onde estão suas roupas?

— Volte para a cama. Você receberá roupas quando as ganhar. Agora você tem uma punição vindo.

Ela tem a coragem de revirar os olhos e eu tenho que reprimir um sorriso.

— Agora, *bambina* .

Ela examina um pulso. — Como você sabe que não fez isso colocando eles?

Eu dou de ombros. — Eu sei. Além disso, você está sendo punida, não importa o que aconteça. Eu coloco minhas bolas doloridas através da minha cueca boxer. — Se minhas bolas ainda estiverem machucadas, *bambina* , sua bunda vai ficar em carne viva. Isso são apenas regras do cassino. *capuchinho* ?

Ela estremece, olhando para o meu pau, que surge em atenção. — Desculpe?

Eu desço da cama. — Você será. Venha aqui, *Bela*. Ela corre para a porta e meu pau fica duro porque eu tenho que pular para ela, pegá-la e levá-la para a cama. Eu a jogo no centro dea e puxo o lençol.

Ela não parece particularmente assustada ou chateada, o que é um bom presságio para eu finalmente colocar meu pau nela. Subir na cama na noite passada e não reivindicá-la foi uma tortura primorosa. Eu não dormi o suficiente para sonhar, mas se eu tivesse, tenho certeza que teria sido tudo sobre aqueles lábios carnudos esticados ao redor do meu comprimento, aqueles olhos azuis brilhantes olhando para mim.

— Vamos ver... o que fazer com minha linda prisioneira. — Eu olho para ela, absorvendo a visão de seus lindos seios, a forma como seu cabelo vermelho se espalha no colchão como chamas. De alguma forma, suas meias deliciosas permaneceram a noite toda. Suas bochechas estão coradas, os olhos dilatados. Eu sei que ela quer isso, mesmo que ela não admita.

Eu alcanço suas coxas e pego uma meia em cada mão para puxá-las para baixo.

Ela chuta. — Jesus! Você tem que arruinar isso também?

Eu a rolo e bato em sua bunda, então torço seus pulsos atrás das costas e uso uma das meias para amarrá-los juntos. — Muito faladora, *Bella*. Eu gosto da sua coragem, mas eu exijo um pouco mais de respeito.

— Desculpe, Stefano.

Uma risada sai de mim antes que eu possa pará-la. — Você aprende rápido, não é, *amore* ? — Eu puxo seus quadris para cima para trazer seus joelhos sob ela, então ela fica em um ângulo com o rosto na cama e sua bunda no ar. — Mmm, agora isso é bonito.

O fato de ela segurar ainda me diz que ela está dentro. Eu bato na bunda dela algumas vezes com a minha mão, então pego meu cinto do armário. Eu uso os últimos quinze centímetros para dar um leve tapa nela, aquecendo suas bochechas e costas de suas coxas com lambidas suaves. Então eu solto um pouco mais de comprimento e bato com força no centro de sua bunda.

Ela grita e afasta para o lado. — Ai!

— Mais dois assim e podemos obter sua recompensa. Agora mantenha sua posição. Você não quer que esse cinturão atinja você em algum lugar que não seja bom.

— Quem disse que isso se sente bem?

Eu dou uma risada sombria. — É bom para mim. — Eu a chicoteio de novo, deixando uma listra perfeita logo abaixo da primeira. Ela engasga, mas fica quieta. — Boa menina. — Eu balanço uma terceira vez, então jogo o cinto na cama ao lado dela. — Agora para sua recompensa.

Eu desamarro seus pulsos e a rolo. Seus olhos estão vidrados, os lábios entreabertos. — Você quer uma recompensa, Corey?

Ela acena com a cabeça, os olhos fixos nos meus enquanto eu subo de joelhos na cama e deslizo minhas mãos sob seus quadris para segurar sua bunda. Ela dobra os joelhos para me acomodar.

Eu abaixo meu rosto para sua boceta e a belisco através do pedaço de calcinha. — Você tem que dizer isso em voz alta. Não quero mal-entendidos.

— Eu quero minha recompensa, — diz ela rapidamente.

Eu rio e a belisco novamente. — Diga-me o que você quer que eu faça, *amore*. Seja muito claro.

Ela engole.

Eu sei que ela é cheia de fanfarronice, mas na verdade não tenho certeza se Corey Simonson sabe pedir o que ela quer.

Acontece que ela faz.

— Eu quero sua boca em mim, como ontem à noite. E...

Eu puxo sua calcinha para um lado e arrasto minha língua até sua fenda. — E? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— E-eu quero que você me foda.

Dança da vitória.

Eu sabia que chegaríamos aqui mais cedo ou mais tarde, mas estou muito feliz por ela ter feito isso tão fácil.

Eu tiro sua calcinha. É a única peça de roupa que não estraguei. Talvez eu precise remediar isso. Mas eu não tenho tempo para pensar em roupas quando sua boceta está molhada e esperando.

Eu seguro sua bunda quente em minhas mãos e lambo nela. Ela tenta se arquear para fora da cama, mas eu mudo minhas mãos para prender sua pélvis para baixo, mantê-la imóvel para o ataque da minha língua. Eu traço seus lábios internos, penetro nela com meu polegar. Eu agito e provoco seu clitóris até que esteja inchado e o capuz se afaste.

— Brinque com seus seios, — eu ordeno.

— O que? — Ela levanta a cabeça, parecendo lindamente confusa. Uma onda de orgulho viril dispara através de mim. *Eu fiz isso com ela.*

— Belisque esses mamilos. Torne-os duros. — Espero até que ela cumpra antes de voltar a agradá-la. Ela arqueia a parte inferior das costas da cama, balançando a pélvis em direção ao meu rosto. Eu vou devagar, mergulhando dois dedos nela e arqueando-os para acariciar sua parede interna.

Ela engasga e aperta meus dedos, a parte interna das coxas apertando meus ombros.

— Stefano.

— É isso, querida. Diga meu nome.

— Eu preciso disso, — diz ela.

Ah, foda-se. *Eu preciso dar isso a você com tanta força, baby.* Mas também não quero que isso acabe. Eu gosto de ter Corey tremendo e ofegando meu nome como se eu fosse o único homem no universo que pode dar a ela o que ela precisa.

Eu retiro meus dedos dela e pego uma de suas meias. Ela me observa subir em cima dela com os olhos de pálpebras pesadas, mas eles se arregalam quando eu pego seus pulsos e os amarro rapidamente.

— Você tem uma coisa de escravidão, Stefano? — Sua voz é suave e ofegante, nenhum traço do julgamento severo que ela normalmente infunde.

— Só com você, *bambina*. — É principalmente verdade. Claro, eu já amarrei garotas antes, bati em suas bundas, mandei nelas. Mas com Corey é muito mais interessante. Ela não é submissa por natureza, então tirar seu poder lhe dá uma liberação muito maior. E, francamente, *quero conquistá-la* dessa maneira.

Eu seguro seus pulsos para baixo e trabalho um de seus mamilos com meus dentes e língua. Ela se contorce embaixo de mim. — *Stefano*. — Ela levanta sua pélvis para bater no meu pau dolorido. Ela precisa muito.

Eu também.

— Implore por isso. — É um desafio. Eu sei que vai irritá-la e isso faz. Ela revira os olhos.

— Você quer ouvir que você é bom?

Eu seguro seu monte e acaricio meu dedo médio lentamente ao longo de sua succulenta fenda.

— Você é fodidamente bom. Tão bom. Ela rola a cabeça na cama com um gemido devasso.

- Implorar.
- Você também é um arrogante.

Eu libero seu mamilo com um estalo e arqueio uma sobrancelha em advertência.

– ... bastardo arrogante e controlador que está me mantendo prisioneira.

Eu removo todo o toque, recuando e puxando seus pulsos em direção à cabeceira, onde eu enrolo uma ponta da meia ao redor do poste. – Mal jogado, *amore*.

Ela ofega, me observando com aqueles olhos azuis brilhantes. Suas pernas balançam inquietas na cama.

Vou até o armário e vasculho minha mala em busca do vibrador. Sim, eu viajo com ele. Você nunca sabe quando pode precisar dar prazer a uma mulher. Eu o torço para ligá-lo e volto para minha adorável prisioneira.

– Abra suas coxas, *Bella*.

Ela puxa os pulsos amarrados, os olhos no vibrador, as pernas ainda dançando.

Eu subo sobre ela. – Não me faça pedir duas vezes, – murmuro.

Seus joelhos se abrem no momento em que a vibração atinge seu clitóris. Eu acaricio-o lentamente para cima e para baixo em sua fenda, alimento-o nela, em seguida, removo-o e provoco seu clitóris. Continuo esse padrão até que suas palavras se tornem gemidos, sua cabeça rola de impaciência.

Finalmente, eu insiro o vibrador nela e o deixo, então eu vou embora.

– Ei! – ela chora indignada enquanto eu vou para o banheiro.

Eu a ignoro e lavo minhas mãos e rosto, escovo meus dentes.

— Stefano Tacone, seu bastardo. Volte aqui. *Por favor.*

— Baby, eu não vou avisá-la novamente, não me xingue. — Saio do banheiro secando as mãos.

Não é que eu dou a mínima. Mas eu tenho uma reputação. Eu não posso tê-la me desrespeitando na frente de mais ninguém.

— Eu sinto Muito. — Ela procura meu olhar suplicante. — Por favor, não faça isso. Por favor.

— O que você precisa? Peça-me docemente.

Ela faz uma careta, mas levanta o queixo. — Eu quero seu grande pau italiano, ok? Você vai me dar isso?

Eu não posso deixar de rir. Eu puxo o vibrador dela e o jogo na cama.
— Eu gosto de você, Corey Simonson. — Eu deslizo minha mão em minha cueca boxer e puxo meu pau. — MUITÍSSIMO. — Eu abro uma camisinha e a coloco.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo, mas você sabe... — Ela olha para seus pulsos amarrados.



Corey

— Oh, você vai gostar, *Bella*. Vou me certificar disso. — Stefano esfrega a cabeça de seu pênis embainhado sobre minha abertura inchada.

Eu gemo, e meus globos oculares rolam para trás na minha cabeça. Então me ajude Deus, eu sei que ele vai. Estou *morrendo* de vontade de

Stefano me tirar. Todo o meu corpo está febril e necessitado dele. E não tenho dúvidas de que ele vai entregar tudo que eu preciso.

Dobro meus joelhos em oferenda.

A verdade é que estou gostando demais da minha prisão com Stefano Tacone. O homem é muito sexy para seu próprio bem. Para o meu próprio bem.

Ele facilita, este membro grosso me esticando. Uma vez sentado, ele se retira, agarra o topo das minhas coxas e volta, batendo na minha bunda com suas bolas.

É exatamente o que meu corpo deseja.

Stefano solta um grunhido de prazer, me segurando mais apertado enquanto aumenta sua velocidade. — Sim — eu sussurro, fechando meus olhos.

— Olhe para mim, *bambina*.

Eu não sei por que ele quer que eu olhe, mas eu estalo minhas pálpebras e olho para ele enquanto ele me fode completamente. É mais intenso com nossos olhares fixos, muito mais intenso. As pálpebras de Stefano caem, mas um músculo em sua mandíbula pulsa enquanto ele empurra com poderosas estocadas. Seus olhos brilham com um calor escuro, desejo animalesco.

Eu me pego desejando que ele tivesse tirado a camiseta para que eu pudesse ver aqueles músculos salientes em seus braços e peito flexionarem em glória nua. Foda-se; ele me fez pedir sexo. Eu posso pedir isso também.

— Tire sua camisa, Stefano. — Eu nem pergunto.

Seus olhos brilham e um sorriso lento se espalha por seu rosto enquanto ele continua a bombear dentro e fora de mim. Ele tira a camiseta e joga no chão. — Melhor?

Minha boca saliva, e de repente estou morrendo de vontade de arrastar minha língua sobre toda aquela carne dura. Seu peito esculpido está coberto de cachos escuros com uma trilha feliz que leva ao seu pênis. Abs de tábua de lavar. Ombros rasgados. Sem tatuagens. Isso me surpreende.

Ele cai para descansar em suas mãos ao lado das minhas costelas, trazendo seu rosto para perto do meu. — Gostou do que está vendo?

Eu estalo meus quadris para encontrar seus impulsos, para levá-lo mais fundo. — Sim.

Ele torce seus lábios sobre os meus em um beijo exigente, então empurra de volta para os joelhos e rola os meus até meus ombros.

Eu suspiro com o novo ângulo, a intensidade da sensação. E é aí que ele pega o vibrador. Ele liga e empurra a ponta contra o meu clitóris.

— Não! — Eu me contorço, alarme pré-orgásmico piscando através de mim.

— Porra, dê para mim, — ele rosna.

Eu nem tenho certeza do que ele quer dizer, mas ele é implacável com o vibrador e suas estocadas de ranger os dentes. eu explodo. Despedaço. Desintegro. Eu não sou nada além de quadris contraídos e gritos enquanto ele arranca o orgasmo de mim da mesma forma forte que ele exige tudo.

Meus músculos internos apertam em torno de seu pau, apertando.

Percebo que ele está fazendo um longo e contínuo som de rosnado. Suas narinas se dilatam e ele mostra os dentes. O som atinge o pico em um

rugido e ele empurra fundo, bunda balançando e sacudindo quando ele goza.

Eu gozo um pouco mais, outra vibração de músculos apertando em torno de seu pau, ordenhando-o.

Ele cai em cima de mim e morde meu ombro, ainda balançando em mim, mas docemente agora. Meu corpo se deleita em cada área de contato, prazer pós-coito se espalhando por mim como uma mancha de tinta, fazendo toda a noite fodida parecer nada mais do que um prelúdio para isso.

E isso é apenas o sexo falando. Não preste atenção a essa felicidade inspirada no galo. Eu ainda sou um prisioneiro aqui. E ele ainda é meu guardião.

Mesmo que ele saiba como fazer meu corpo cantar.

Ele finalmente puxa para fora e joga sua camisinha na lata de lixo ao lado da cama, então se deita ao meu lado, acariciando minha barriga com a mão.

Eu tenho uma enorme marca de nascença, uma mancha feia de vermelho que se estende pelo meu lado, e de repente fico constrangida quando ele começa a traçá-la com o dedo.

— Não.

— O que? É lindo. Você é linda. Como você não tem namorado?

Eu enrugo meu nariz. — O que faz você pensar que eu não?

Seus lábios sensuais se curvam. — Achei que você teria dito algo na primeira vez que te beijei.

— Justo o suficiente, — eu concedo.

— Eu não entendo, uma mulher como você. Como você não tem uma legião inteira de homens ao seu redor que caem de joelhos para adorá-la para sempre? Eu acho que um gosto e eles estariam perdidos.

Algo torce no meu meio, o sentimento doentio de traição e fracasso. — Sim, bem, meu último namorado acabou sendo uma cobra. E seu irmão o fez desaparecer.

Stefano arqueia uma sobrancelha. — Permanentemente?

Um arrepio percorre minha espinha com a confirmação do que poderia ter sido.

— Não, eu não penso assim.

— O que aconteceu?

A raiva sobe no meu peito, quente e abrasadora. — Aparentemente, *um gosto meu*, como você sugeriu, não foi suficiente, e ele achou que seria legal foder minha prima também. Ele não conseguiu porque Nico apareceu.

Stefano murmura algo e passa a mão pela boca. — Como ele não está morto?

Certo. Essa foi a minha avaliação do que Nico é capaz também. — Sondra estava lá, gritando para ele parar. Então ele fez. Disse a ele para deixar o estado ou ele o mataria.

Stefano olha para mim. Eu acho que ele vai me dizer o quão idiota Dean era, ou como eu estou melhor, mas ele me surpreende. — Você ainda está chateada, — ele observa.

Eu franzo a testa porque, *sim*, é claro que estou chateado. Mas também percebo o que significa. Eu não superei Dean. E eu realmente quero superar.

— Você não conseguiu dar uma joelhada nas bolas dele antes de ele sair.

Estou surpresa com a risada que sai dos meus lábios. — Sim, isso pode ter ajudado.

— Eu poderia encontrá-lo para você e trazê-lo de volta, — Stefano oferece. — Deixe você deixar as bolas dele azuis como você deixou as minhas.

Eu ri novamente.

— Estou falando sério. Eu faria isso por você em um piscar de olhos.

Seus olhos castanhos estão quentes agora, lampejos de ouro e verde brilhando na luz do sol que filtra através das cortinas.

— Essa é a sua versão de um cavaleiro de armadura brilhante?

— Sim. Eu acho. — Ele rola para fora da cama e vai para o banheiro. Ouço o chuveiro sendo ligado.

Eu o ofendi? Isso foi um desrespeito contra o tipo de homem que ele é? Um mafioso?

Não. Isso é impossível. Stefano Taccone é todo confiante e arrogante. Por que ele se importaria com o que eu penso?

Exceto que não posso afastar a ideia incômoda de que de alguma forma o machuquei. O que, por algum motivo, acaba com o zumbido pós-orgasmo em que eu estava flutuando.

CAPÍTULO QUATRO

Stefano

Peço o serviço de quarto para o café da manhã e ligo para a recepção para que roupas de ginástica sejam entregues no tamanho dela. É uma das vantagens oferecidas no Bellissimo. Também ligo para a loja de roupas do cassino e peço a uma consultora de moda para escolher uma variedade de vestidos vermelhos para substituir o que cortei e outras roupas e entregá-los no quarto.

Então eu fico com Al Sampson, o detetive que verifica os antecedentes das pessoas para o cassino e pergunto tudo sobre Corey Simonson.

— Eu já tenho um arquivo parcial dela, — ele me diz, — de quando eu dirigi sua prima, Sondra Simonson. Vou enviar o que tenho e continuar cavando.

— Você está enviando eletronicamente?

— Sim, você terá em dois minutos.

— Obrigado, Al. Aprecio. — Eu embolso meu telefone e ajeito minha gravata.

Eu ignorei a ruiva nua amarrada à minha cama desde o meu banho, o que a está irritando. Vou desamarrá-la quando a comida chegar, mas por enquanto ela pode estufar.

Eu não sei por que estou chateado com ela chamando as coisas que me fazem um homem de família. É como se eu fosse aquele garoto na escola católica novamente. Aquele que os outros têm medo. O que eles sussurram quando eu não estou lá e ficam em silêncio quando pergunto o que está acontecendo.

Eu nunca quis ser aquele garoto. Eu não entrei em brigas, a menos que fosse realmente provocado. Como o mais novo de cinco garotos Tacone, provar a mim mesmo nunca foi necessário. E realmente, não é meu estilo. Eu era mais o palhaço da turma. O espertinho que foi mandado para a casa do diretor com um sorriso no rosto. Eu geralmente *gosto de* pessoas.

E Corey é como Tosha Davis. Que eu queria entreter, mas nunca fui bom o suficiente.

Porque o pai dela era um político e o meu, um mafioso.

Então agora eu tenho a filha de um federal amarrada na minha cama. Aquela que me viu matar um homem ontem à noite. Não é algo de que me orgulhe, mas não tive escolha. E eu quero que ela me veja como algo além de um homem da máfia bem vestido.

O que é estúpido.

Eu não deveria dar a mínima para o que ela pensa de qualquer maneira, e eu não estou entrando em um relacionamento com ela.

Quero dizer, por que eu pensaria dessa maneira?

Exceto que eu não estou disposto a desamarrá-la e deixá-la sair do meu quarto também. E se eu fosse totalmente honesto, eu teria que admitir que apenas uma pequena parte do meu raciocínio tem a ver com ela me observando puxar o gatilho ontem à noite.

Eu geralmente termino com uma mulher no momento em que gozo. Quer dizer, eu não me importo de dar um pequeno abraço nela depois, mas eu definitivamente não quero ficar e tomar café da manhã com ela.

Então, por que ainda estou nesta suíte? Não é como se eu não tivesse uma tonelada de merda para fazer no Bellissimo.

Jesus, é como se o apego repentino de Nico a uma mulher me fizesse de repente começar com uma também.

Talvez esteja pegando. Heh. Talvez seja alguma atração biológica. Como os genes Simonson combinam bem com os dos Tacones.

— Serviço de quarto. — Uma batida soa na porta da frente. Aponto em alerta para Corey. — Nem uma palavra, *amore*. — Fechei a porta do quarto para bloquear qualquer visão dela.

Uma vez que o servidor se foi, eu a liberto e dou a ela uma das minhas camisetas para vestir. — Estou mandando vir roupas de ginástica e vamos trabalhar para substituir esse vestido esta tarde. Vamos, eu pedi comida para nós.

Na verdade, eu não tinha planejado ficar para comer com ela, mas é como se houvesse essa atração magnética, me mantendo aqui na suíte com ela.

Ela está estranhamente quieta enquanto come.

— Você está bem? — Eu me pego perguntando enquanto tomo meu café e a observo.

Ela levanta as sobrancelhas. — Hum, estou bem? Eu tive o sangue de um cara respingado em mim ontem à noite, testemunhei um assassinato e agora sou uma espécie de prisioneira do meu chefe, que por acaso é o cara que puxou o gatilho e também gosta de jogos bizarros. Eu nem sei o que é estar *bem* nesta situação.

A porra da culpa é minha por perguntar. O que eu pensei que ela diria? Mas a avaliação dela, por mais precisa que seja, me irrita. E ao invés de ser um idiota, eu decido que é hora de sair.

— Eu tenho que trabalhar. Você vai ficar aqui. Estou mantendo você por perto até descobrir o que fazer com você.

Ela atira para seus pés. — O que há para descobrir? — Ela abre as mãos. — Eu prometo que não direi uma palavra.

— Obrigada. Eu aprecio sua palavra para isso. — Digo enquanto ando até o quarto e pego o telefone da gaveta onde o escondi. — Assim que eu tiver certeza disso, eu vou deixar você ir.

Ela olha para o telefone na minha mão, a cautela nublando suas feições. — Você vai me amarrar de novo?

Eu arqueio uma sobrancelha. — Eu preciso?

— Oh não. Não. Ei.

Tenho certeza de que ela pensa que vai sair daqui assim que eu sair. O que ela não sabe é que eu coloquei um segurança na porta. Ela não vai a lugar nenhum. Não a menos que eu queira.

— Bom. Assista um pouco de TV. Relaxe. Eu estarei de volta para verificar você.

Ela chupa o lábio inferior enquanto me observa sair. Eu dou uma piscadela da porta, mas não estou me sentindo tão alegre quanto provavelmente parece.

Na verdade, estou desconfortável com a coisa toda. Sobre deixar Corey prisioneira. E também sobre deixá-la ir. E eu não sei o que diabos há de errado comigo, mas acho que estou realmente preocupado com seu estado de espírito, sua felicidade.

Não, é mais do que isso.

Estou fodidamente preocupado que ela nunca vai me perdoar por isso.

E isso é completamente diferente de mim.



Corey

A primeira coisa que faço depois que Stefano sai é entrar no chuveiro e ligar a água quente. Preciso de tempo para pensar.

Eu simplesmente vou embora? Ele está me testando aqui? Parece coisa da máfia testar as pessoas. Ele está decidindo se sou confiável com base em se eu sigo suas instruções e fico parado?

Por outro lado, eu sou sua maldita prisioneira! E se eu tiver uma chance de fugir eu deveria, certo?

Só o que então? Não vou à polícia. Eu quis dizer o que eu disse a ele. Eu nunca, em um milhão de anos, entraria no banco das testemunhas contra um Taccone. Isso é suicídio. Eu não me importo se houver um programa de realocação de testemunhas. Além disso, Sondra vai se casar com o irmão dele. Esses caras realmente estão prestes a se tornar uma família pelo casamento. Não vou delatar minha família.

E sim, o namorado de Sondra seria mais *família* para mim do que meu próprio pai. Facilmente.

Então, sim, digamos que eu fujo. Então o que? Quero manter meu emprego aqui. Não tenho vontade de ir à polícia. Também não desejo que Stefano Taccone me coloque em sua lista de procurados.

Meio que parece que eu fico parada. Além da minha falta de liberdade, não estou sofrendo aqui. Eu fui alimentada. Ele disse que está mandando

roupas. Eu tive minhas necessidades sexuais atendidas de uma maneira meio de explodir minha mente.

Eu lavo e condiciono meu cabelo. Infelizmente, não há navalha. Tenho certeza que se eu pedisse uma, ele traria.

O que é meio divertido.

Quando eu supero o medo do que está acontecendo, é realmente muito divertido. Emocionante, mesmo.

Eu desligo a água e pego uma toalha.

Uma batida soa na porta.

Merda. Deve ser a roupa. Enrolo a toalha sob as axilas e abro um pouco a porta da frente.

— Ah, desculpe, senhora. — Um segurança fica com o rosto vermelho enquanto empurra uma bolsa Bellissimo para mim. — Eles trouxeram isso para você. — Ele desvia o olhar, olhando por cima do meu ombro em vez de olhar para mim.

— Você está guardando esta porta? — Eu exijo, de repente indignada. Passei todo esse tempo decidindo não sair e acontece que não tive escolha, de qualquer maneira.

Maldito Tacone.

O guarda fica ainda mais vermelho. — Senhora. Ordens de Tacone, senhora. Eu sinto Muito. — Ele deixa cair a bolsa dentro da suíte e fecha a porta na minha cara.

Harumph.

Pego a bolsa e a vasculho. É um top e calças de ioga. Sem calcinha. Vai ter que servir. Me visto e arrumo a cama, por falta de coisa melhor para fazer.

E porque eu sou uma daquelas pessoas malucas por limpeza que prefere que as coisas estejam em seu lugar.

Então me afasto e faço o que Stefano sugeriu: assistir TV. Que diabos, não há nada melhor para fazer.

Às 13h, o serviço de quarto chega com uma variedade de opções de almoço. Às 15h, Stefano finalmente retorna.

Eu mordo de volta o — demorou o suficiente, — em favor de algo mais amigável. — Como estão as coisas por aí? —

— Bem. — Ele olha ao redor da sala como se procurasse pistas sobre o que eu estava fazendo. — O que você precisa aqui? Nada?

Ah Merda. Ele está apenas de passagem. Pronto para voltar a qualquer minuto. Não quero ficar preso aqui o dia todo sozinho.

Eu limpo minha garganta. — Eu, uh, poderia usar algum exercício. Você sabe, eu estou na roupa, mas sem nenhum lugar para malhar.

Stefano franze a testa e olha para a porta. Então ele balança a cabeça.

— O que?

— Bem... — Uma nota de aborrecimento corta a palavra. — Vou levá-lo para o centro de fitness. — Ele vai para o quarto. Quando ele volta, ele troca seu terno cinza metalizado de mil dólares por uma camiseta verde macia e shorts de treino preto. A camiseta desgastada se estende ao redor dos músculos de seu peito.

Resisto à vontade de bater no ar.

— Vamos, princesa. Eu não tenho o dia todo.

Eu ando até a porta. — É princesa agora? Engraçado, não estou me sentindo muito como uma princesa.

Ele estala minha bunda. — Pare de ficar de mau humor. Anda.

Eu lanço um olhar por cima do meu ombro, forçando minha sorte.

Abro a porta e o guarda sai do caminho, acenando para Stefano.

— Dê um tempo. Enviarei uma mensagem para você nos comunicadores quando precisar de você novamente.

— Sim senhor. Obrigado, Sr. Tacone.

Stefano atende o telefone, respondendo a alguns negócios do cassino com respostas curtas e decisivas, depois muda para um dispositivo de comunicação, dando mais ordens enquanto caminhamos em direção ao elevador. Ele passa por mim e aperta o botão do elevador para subir em vez de descer.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto. A academia fica no décimo andar, abaixo de nós.

— Academia privada. — Stefano me dá um sorriso digno de modelo e estende um braço para me conduzir até o elevador.

— Oh. Eu não sabia que havia uma academia particular aqui.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre o Bellissimo, — diz ele, circulando um braço atrás das minhas costas como se estivéssemos em um encontro.

Descemos no 18º andar e Stefano me leva a uma pequena, mas lindamente decorada, academia com ar condicionado. Os espelhos cobrem todas as paredes e o piso é um material elástico de esteira de ginástica. O cheiro de eucalipto e pinheiro levemente faz cócegas no meu nariz. Olho em volta e me concentro na esteira. A verdade é que eu não sou do tipo que

malha na academia. Eu só estava tentando fazer Stefano me deixar sair da sala. Eu nem sei usar nada aqui além da bicicleta ergométrica e da esteira.

Subo e aperto os botões até ligar.

Stefano entra na máquina de remo e rema como se estivesse falando sério.

Oh maldição, esses músculos, flexionando. Beleza Pura. Algo vibra no fundo da minha barriga. Ver o poder naquele corpo, a facilidade com que ele o usa me faz lembrar de cada vez que ele me tocou. Quão gentil ele tem considerado do que aquele corpo é capaz. Revivo cada momento de luta com ele no elevador da garagem. A primeira palmada. A segunda.

Os orgasmos que ele deu.

Meus mamilos roçam o interior do sutiã da regata, duros como diamantes.

Eu não sei o que Stefano Tacone tem, mas a atração de animais crus não pode ser negada.

Então, sim, acho que ele pode me manter amarrada em seu quarto. Por pelo menos mais um dia.

Ele termina com a máquina de remo e percorre cada estação de musculação até eu ficar úmida entre as coxas e babando por ele. A última estação está atrás de mim, mas eu o observo no espelho, fechando meus lábios em torno dos suspiros que continuam tentando escapar.

Ele termina e caminha bem atrás de mim, pisando nas bordas da esteira e passando por mim para desligá-la. Seu corpo está encostado no meu, a protuberância de seu pau batendo na parte inferior das minhas costas, seus braços musculosos me prendendo.

— Acha que você pode me foder com os olhos por uma hora sem repercussões, *bella*? — Ele estende a mão e segura meu monte, pressionando a palma de sua mão contra meu clitóris da mesma forma que faço quando estou me masturbando. Aparentemente não satisfeito com o punhado completo que ele acabou de pegar, ele se move para enfiar a mão dentro da minha calça de ioga. — *Fanculo*, bebê. Você está tão madura para mim.

Eu vejo meu rosto no espelho, boca aberta, abandono já rastejando sobre minha expressão. Quando eu percebo que ele está olhando também, eu fecho minha mandíbula, mas ele mergulha um dedo dentro de mim.

— Stefano, — eu ofego.

Ele mergulha mais dois dedos, e eu já estou no limite, prestes a gozar.
— O que, bebê?

— Alguém pode entrar.

— Nah, eu tranquei as portas, linda. Eu nunca deixaria você ser vista assim. — Ele puxa os dedos para fora e arranca minha blusa. — Isto é, a menos que você queira ser vista. Mas eu não acho que você seja. Tire essas calças.

Eu obedeco. Aparentemente estou me acostumando a ficar nua para ele. — O que te dá tanta certeza?

Ele pega uma camisinha do bolso do short de ginástica – o que significa que ele planejou isso desde o início, e a abre. Sem deixar cair o short, ele tira o pau e o rola, então gira o dedo para me dizer para voltar. — Você é orgulhosa, mas não procura atenção. Você gosta de controlar como você é vista e quando. Você não é uma submissa. — Ele dobra meus braços atrás das costas e empurra meu peito para baixo nos controles da esteira. Ele se

inclina, lábios no meu ouvido. — Mas você gosta de ser amarrado e levada com força.

— Não, eu não, — eu insisto, mas ele está avançando em mim. Minha boca se abre novamente, como uma estrela pornô. Ele recua, avança mais uma vez, tomando seu tempo doce. — Jesus, Stefano, você vai começar?

Ele ri enquanto empurra para dentro, mas então ele não se move, apenas se aproxima e mexe no meu clitóris. Sua outra mão ainda segura meus antebraços frouxamente nas minhas costas.

Eu arqueio as costas contra ele, desesperada para levá-lo mais fundo, para obter satisfação.

— Você sabe por que uma mulher como você quer ser amarrada?

— Foda-se, Stefano.

— Você quer dizer foda - *me*, não é? Você precisa de outra lição de mendicância?

— Não, — eu ofego, necessidade queimando de raiva, a febre lambendo entre minhas coxas, meu pescoço, meus seios.

Ele não se move.

— Oh Deus, — eu gemo, já admitindo a derrota. — Por favor, foda-me. Duro.

— Claro, *Bella*. Quem recusaria isso a você? — Ele apalpa meu seio e belisca meu mamilo. — Especialmente quando você está tão linda tomando meu pau. — Ele recua e perfura em mim, com força.

Eu suspiro de alívio.

Usando meus cotovelos como alavanca, ele se retira e bate, de novo e de novo.

— Você não me respondeu. — Outro golpe brutal. Minhas coxas estremecem. Eu fico na ponta dos pés, empurro minha bunda de volta para ele. — Você sabe por que você gosta de ser contido? E não diga que não, porque estou dentro da sua boceta ensopada agora, baby. Eu sei que você está a três golpes de um orgasmo.

— Uh. — Faço um som ininteligível e depois gemo, fechando as pálpebras.

— Abra seus olhos, Corey. Eu quero ver esses baby blues no espelho quando eu fizer você gozar. Quando eu possuo você tão completamente, você esquece seu nome.

Deus, é verdade. Eu já estou lá.

— Por que, Stefano? — Eu ofego porque eu preciso saber a resposta agora. Seja o que for que ele pensa que sabe sobre mim.

— Porque abrir mão do controle seria errado. E você gosta de acertar as coisas, não é, *amore* ?

Eu aperto meus olhos fechados enquanto a dor lança meu peito. Ele acertou tanto que queima. Toda a minha infância me fizeram sentir errado, nunca bom o suficiente. Sempre foda.

Meu pai era um bastardo exigente que gostava de dar sermões, gostava de me dizer o que fazer. Gostava de nos dar um tapa se estivesse bebendo.

A dor dessa realidade vem batendo através de mim ao mesmo tempo que o prazer de ser montado com força por Stefano. De repente eu quero lutar com ele, mas é tarde demais, meu corpo já está capitulado, boceta apertando em torno de seu membro grosso, pulsando duas vezes com meu batimento cardíaco.

— Foda-se, — Stefano resmunga.

Ele me arrasta de joelhos na esteira inclinada e empurra meu torso para baixo. Ele me leva desse ângulo até meus dentes baterem e meu ponto G ficar dormente e então ele me vira de costas e termina, prendendo meus antebraços na estrutura da esteira.

Chego ao clímax com ele, os quadris levantando e contra os dele, meu grito alto o suficiente para ecoar nos espelhos.

Eu não posso me mover depois. Estou mole e desossado com os dois lançamentos. Ele teria que me tirar da esteira se ele quisesse.

Ele se levanta e joga sua camisinha no lixo perto da porta, o que me faz estremecer pensando em quem pode vê-la lá.

Então ele volta e se inclina no trilho da esteira, olhando para mim. — Eu quero mantê-la nua assim para sempre. Colocar essas roupas de volta em você, tão quente quanto você parecia nelas, seria uma maldita caricatura.

— Você tem uma queda por pele branca pastosa e marcas de nascença?
— Eu tiro sarro de mim mesma porque estou me sentindo muito crua, como se ele tivesse me despido emocionalmente quando ele disse por que eu gosto de sua forma de sexo. E estou começando a gostar muito dos elogios dele. Acredite, até, o que é um grande erro.

Ele franze a testa e balança a cabeça. — Eu amo essa marca de nascença. Eu te disse isso antes. Vou comprar para você um guarda-roupa inteiro de camisas da barriga para que você possa exibi-la.

Eu viro meu rosto para longe dele, o que não me leva a lugar nenhum, já que estamos cercados por espelhos.

— Stefano? — Eu pergunto ao homem no espelho.

— Sim?

— O que você vai fazer comigo? Sério?

Ele dá a volta para o outro lado da esteira, o lado para o qual me virei e se agacha na minha frente. Seus lábios franzidos são macios e beijáveis, dedos emaranhados fortes e calejados. — Estou mantendo você por perto. Você vai ser minha sombra até que eu tenha certeza de você.

Alívio cai através de mim. Deve aparecer no meu rosto, porque Stefano franze a testa. — Você estava preocupada que eu fosse te matar?

— Não, — eu estalo, sentando-me, deixando meu cabelo encobrir meu rosto. Por alguma razão, as lágrimas ficam presas na minha garganta.

É claro que ele deve ouvir porque ele dá a volta na esteira e me levanta, me puxando contra seu peito. Sua mão livre roça levemente minha bochecha.

— Então, o que é?

Uma lágrima errante sai do meu olho e eu luto contra ele para me afastar. Eu nem mesmo sei por que engasguei.

Ele se inclina para baixo e acaricia com a língua. — É tão horrível? — Sua voz é quase um sussurro.

Encontro seu olhar, surpreso. É horrível? Ser a sombra de Stefano? Seu prisioneiro cativo? Não. De jeito nenhum. Ele estava certo; é maravilhoso no sentido de *que não sou responsável por nada disso, então posso deixar ir e curtir de certa forma.*

— E-eu acho que estou apenas aliviada, — eu admito.

Os ombros de Stefano relaxam, e ele puxa minha cabeça contra seu peito, ainda segurando meus pulsos presos. — Você ainda acreditava que eu ia te matar.

As palavras soam chocantes em voz alta. Estou surpresa que ele possa dizê-las tão facilmente, mas sim. Ele tem razão. Mesmo que ele sinta nada além de segurança agora, uma parte de mim ainda estava com medo pela minha vida.

Eu aceno contra seu peito, lágrimas quentes inundando meus olhos agora.

— Esse nunca foi o meu plano, — ele resmunga acima de mim, seus lábios no meu cabelo. — Eu te disse isso desde o começo.

E eu não acreditei em você.

Ele acaricia a parte de trás do meu pescoço, brincando com os cachos de bebê lá. — Sinto muito que você estava com medo, *mi amore*. — Ele beija minha cabeça. — Eu não quero que você tenha medo de mim.

Apenas à sua mercê.

Eu me afasto. Isso ainda não bate. — E se você não pode ter certeza de mim? E então?

— Eu vou mantê-la até que eu possa. — Ele pisca. Ele está tentando me provocar, mas eu não estou tendo isso.

Eu balanço minha cabeça. — E se eu for um problema? E então? — Estou pressionando pela resposta que não quero ouvir, mas sinto que precisamos ser claros. Ele pode ter me tratado com o sexo mais incrível da minha vida, mas nada muda o que isso é. Eu sou sua prisioneira. Se eu não cooperar, estou morta.

Ele franze os lábios. — *Bambina*, o que você está tentando me fazer dizer? Eu não quero fazer isso.

Eu coloco minhas mãos em meus quadris, desafio claro.

Vejo a sombra do perigo aparecer em seu rosto. — *Você* vai ser um problema?

Eu ignoro a torção de medo em meu intestino. — E se eu estiver? — Eu sussurro, minha boca seca como o Saara, e não me refiro ao cassino.

Ele enfia as mãos nos bolsos do short, me encara com frieza.

— Então você me mata? Não sei por que esse é um argumento que estou tentando ganhar. Preciso provar que tenho o direito de ter medo? Que eu sei com o que estou mexendo, aqui?

— Não. — Ele balança a cabeça imediatamente e dá um passo à frente, mas eu recuo. Ele para. — Eu já disse que não. —

— Então o que?

Ele esfrega a mão na boca. — Então eu usaria seus pontos de pressão, — ele finalmente admite.

É bizarro o alívio que é ouvi-lo admitir isso. Para saber a pontuação.

— Eu vejo. Então é isso. Você me amarra na sua cama até ter certeza de mim, ou saber o suficiente sobre mim para me manter com medo pelo resto da minha vida.

Ele franze a testa e se lança para mim tão rapidamente que não consigo fugir. Ele agarra meu braço e me puxa para ele, meu corpo caindo contra os planos duros de seu corpo grande. — *Não* é isso. Não defina assim, porra. — Ele está bravo e não tenho certeza do porquê. Estranhamente, sua ira me excita.

Isso significa que ele se importa?

Pare com isso.

Não pense assim. Stefano Taccone não se *importa* com as mulheres. Ele é um jogador. Ele ama as mulheres; ele tem prazer em observar as mulheres, desfruta de seus corpos, sacia sua luxúria com frequência e com gosto. Isso não significa que ele desenvolve sentimentos por eles.

Por mim.

Seus lábios caem sobre os meus. Eu respondo antes mesmo de começar a me perguntar se devo me conter. É como se meu corpo tivesse sido feito para ganhar vida toda vez que ele o tocasse. Não importa se ele estava apenas me ameaçando, se ele está me mantendo em cativeiro ou me atormentando. Eu sou sua.

Meu orgulho me diz para me afastar, mas estou arrebatada pelo momento. Eu quero que ele continue, para me mostrar o que vem a seguir.

Ele me leva para trás, lábios travados até que minha bunda bate na parede, então ele continua empurrando, pressionando seu comprimento duro contra minha barriga enquanto sua língua acaricia a minha. Ele vem para o ar e insinua uma coxa sólida entre as minhas pernas. — Primeiro de tudo, eu queria foder você no primeiro momento em que vi você atrás daquela roleta.

Perdoe-me? Eu dou a ele um olhar de *que porra você está falando* e ele bufa de impaciência.

— Você estava insinuando que eu estou fodendo você para mantê-la quieta? Como se eu fosse uma puta que resolve problemas com sexo? Ele franze a testa e xinga algo em italiano.

— Se o sapato servir?

— Bem, talvez eu esteja, mas apenas com você. — Seu olhar escuro me perfura. — *Amore*, você está enrolada em algo feio. Algo que eu nunca quis que você se envolvesse. A culpa é minha e estou fazendo o meu melhor para consertar isso.

— Maneira interessante de corrigi-lo. — Não consigo impedir a secura de desintegrar minhas palavras.

Stefano pega meu top descartado e o coloca sobre minha cabeça.

Sessão encerrada. A discussão terminou.

Tenho certeza de que estou no mesmo lugar de quando comecei, exceto que tenho todos os tipos de hormônios sexuais felizes fluindo em minhas veias, tirando toda a força de ser prisioneira de Stefano.

CAPÍTULO CINCO

Stefano

Levo Corey de volta para a suíte, verificando meu telefone em busca de uma mensagem de Nico. Não tenho notícias dele desde que ligou no caminho para ver nosso pai na prisão, e estou um pouco preocupada. Antes de chegarmos, recebo uma comunicação urgente de Tony no fone de ouvido que enfiei no bolso do meu short de ginástica.

— Temos uma situação.

— O que é isso? — Eu rosno, ajustando o aparelho no meu ouvido.

— Ferimento de faca em um dos guardas. Um cara roubou a bolsa de uma senhora e ele o pegou .

— *Fanculo*. Você ligou para o 911?

Corey me lança um olhar preocupado quando as portas do elevador se abrem. Eu agarro seu cotovelo e a conduzo para minha suíte.

— Veículo de emergência está a caminho.

— Quem é o guarda? — Eu abro a porta. Uma prateleira inteira de roupas para Corey foi entregue enquanto estávamos fora, mas ela não se move para olhar para ela, ela está me observando, ouvindo.

— Joey Spitazzi.

— *Merda* . Você ligou para a esposa dele?

— Eu estou prestes a ligar. Vou pegar o número dela no RH. O que você quer que eu faça com o bastardo que fez isso?

— Você o tem em mãos?

— Oh sim. — Há ameaça na voz de Tony. Ele não é um cara mau, não gosta de infligir dor, mas é leal como o inferno. E Joey faz parte da Família,

embora distante. Ele é um grunhido, um jovem soldado. O primo de alguém ou outro parente que queria um emprego nosso. Ainda assim, ele é um dos nossos. E protegemos os nossos com nossas vidas.

— Não, você tem que entregá-lo à polícia. Se uma ambulância estiver chegando, as autoridades estarão envolvidas. Sempre podemos lidar com as coisas do nosso jeito, se não estivermos felizes com o resultado.

— Verdade isso. Ok, chefe. Você me quer no hospital depois que eu falar com a polícia?

— Você mantém sua posição aqui. Eu vou para o hospital. Obrigado, Tony. — Termino a ligação e vou para o quarto para tomar um banho rápido e voltar a vestir um terno.

Corey me segue, de pé na porta do banheiro enquanto tiro minhas roupas, como se fôssemos um casal. — Alguém está ferido?

— Sim. — Entro no chuveiro e esfrego uma barra de sabão rapidamente no meu corpo. — Um dos guardas foi esfaqueado por um ladrão de bolsas. Estou indo para o hospital .

Para minha surpresa, Corey intervém. Por mais que eu adoraria perfurá-la contra o azulejo, não tenho tempo para essa merda. Mas ela não parece estar tentando me seduzir. — Quer que eu vá junto?

Eu pisco para ela, a água escorrendo pelo meu rosto. Huh. — Sim. Ok.— Por que diabos não? Ela pode realmente facilitar as coisas ao lidar com a esposa do cara. Especialmente se Joey morrer.

Então, novamente, isso poderia ser seu estratagema para escapar, e eu definitivamente não tenho largura de banda para mantê-la sob controle enquanto estou tentando lidar com essa merda.

Ela estende a mão para a barra de sabão e eu a dou e saio, minha mente já no hospital, esperando que não percamos um soldado.

Quinze minutos depois, descemos para o estacionamento. Corey está vestindo uma blusa marfim e um par de jeans capris pretos com seus saltos altos. Ela parece uma modelo mostrando a linha de roupas diurnas de verão. Eu a levo até a Mercedes preta de Nico e ligo para Tony para descobrir para qual hospital Joey foi levado. Vinte minutos depois, entramos na área de espera.

Uma jovem com dois filhos em idade pré-escolar se levanta quando chegamos lá. Seu rosto está manchado de lágrimas e pálido, o cabelo escuro puxado para cima em um coque bagunçado na cabeça. — Nico? — ela pergunta timidamente.

— Stefano Tacone, — eu digo. — Irmão de Nico.

— Eu sou Trisha. A esposa de Joey.

Eu a puxo para um abraço porque, bem, é assim que é feito na minha família. Um cara pega uma faca por você, você vai abraçar a esposa dele, mesmo que nunca a tenha conhecido. — Qual é a palavra sobre Joey? — Eu pergunto quando nos separamos.

Lágrimas brotam em seus olhos. — Ele está em cirurgia. Não sei. Eles disseram que mesmo quando ele sair, eu não posso levar as crianças de volta para lá. — Suas duas filhinhas se escondem atrás de suas pernas e nos espiam.

— Bem, eles podem ficar aqui comigo, — Corey oferece. — Ou você tem alguém que possa vigiá-las? Eu poderia deixá-las em algum lugar.

Alívio pisca no rosto de Trisha.

— Sim, minha namorada pode ficar com elas quando ela sair do trabalho, mas se eu puder vê-lo antes disso, eu apreciaria.

— É claro. Eu vou ficar com as crianças. — Corey sorri para as meninas, que olham para ela como se ela fosse uma princesa. E quem poderia culpá-los? Com os saltos, Corey tem quase 1,70m, e seu cabelo cor de fogo cai em ondas em suas costas como se ela fosse da realeza. Eu tenho que afastar a fantasia de enrolá-lo em volta do meu pau e me masturbar com ele.

— Mamãe, estou com fome, — diz uma das meninas, olhando para Corey, como se estivesse testando para ver o quão sincera ela é.

— Vamos encontrar um lanche para você. — Corey estende a mão.

A garotinha pega timidamente.

— Exceto que vou precisar da carteira do tio Stefano porque não tenho minha bolsa. — Ela me lança um olhar quase provocante.

Eu passo para o lado dela e toco suas costas. Não é que eu não confie que ela vai voltar. Não consigo vê-la sequestrando ou abandonando uma criança. É que estou muito fascinado por ela para querer deixá-la fora da minha vista. — Eu vou junto. Onde você está indo; o Starbucks no final do corredor?

— Sim. — Ela se inclina para olhar para a garotinha. — Acha que podemos encontrar algo para você lá?

A garota assente gravemente. É uma sensação bizarra andar com Corey e uma criança pequena pelos corredores de um hospital. Ambos novos e únicos e ainda estranhamente familiares ao mesmo tempo. Seria verdade para qualquer experiência sob o sol, com Corey.

Ela é tão diferente. Este direito. Eu nunca em um milhão de anos teria imaginado que ela seria boa com crianças. Ela não é o tipo de professora calorosa e confusa da primeira série, mas aqui está ela com uma criança pequena enrolada em seu dedo.

Ficamos na fila do Starbucks e Corey pede um latte para ela e Trisha e falam com a garotinha sobre um donut e um iogurte com frutas. Peço um expresso duplo e bebo antes de sairmos do balcão.

— Alguma coisa em que você não seja boa, Corey Simonson? — Jogo o copo drenado na lixeira.

Surpresa ilumina seu rosto. — O que você está falando?

Eu levanto meu queixo para a garotinha, que está tagarelando enquanto caminha ao nosso lado, carregando o iogurte e duas colheres para que ela possa compartilhar com sua irmã.

Rosa mancha suas bochechas. — Não sou bom com crianças. — Ela encolhe os ombros. — Eu só acho que alguém precisa agora.

— Eu li seu arquivo; Bacharel em psicologia, graduada *summa cum laude*. Por que você está trabalhando como crupiê em Las Vegas?

Ela diminui seus passos, uma carranca aparecendo entre suas sobrancelhas. — Primeiro de tudo, que arquivo você leu?

— O que meu irmão montou quando começou a namorar Sondra. Acho que ele já sabia que seu pai é federal.

Sua expressão nubla ainda mais. — Ok. Estou um pouco assustada agora. Mas talvez não mais do que eu estava adormecendo ontem à noite com meus pulsos amarrados na cama.

Droga. Minha preocupação de que ela nunca vai me perdoar por isso parece válida.

Ela balança seu lindo cabelo. — Não responda a isso. — Chegamos de volta à área de espera e ela entrega o café a Trisha enquanto as meninas se agacham juntas para brigar por quem fica com o iogurte enquanto elas compartilham.

Corey se senta e eu sento ao lado dela, ainda esperando por uma resposta. Depois de um momento, ela diz: — Sei que parece que desisti da minha carreira, minha vida. Meus pais definitivamente pensam assim. Eu vim aqui para a pós-graduação e acabei conseguindo um emprego no Bellissimo para cagar e rir. Eu desisti três meses depois.

Eu sabia disso pelo arquivo dela, mas adoro ouvir isso dela. Eu fico quieto, esperando que ela continue.

— O Bellissimo satisfaz uma coceira em mim. Eu sempre odiei o mundano. Eu fico entediado rapidamente, sabe?

Eu aceno, porque faz sentido. Ela é uma mulher esperta, normal não seria suficiente.

— Quero dizer, eu cresci em Marshall, Michigan, pelo amor de Deus. É juntar-se ao time de futebol e cortar a grama aos sábados. Só que eu sempre soube que não me encaixava. Eu tinha um pai que trabalhava para o FBI por um lado. E por outro, ele era um alcoólatra funcional e um idiota. Tragicamente, provavelmente, recebo minha impaciência com o resto da população dele. Ele estava sempre derrubando todo mundo. Ele viu através de cada mentira, destruiu cada sonho.

Ela ri, mas é amargo e eu já quero matar o pai dela. Não seria difícil de fazer.

— Sondra e sua família moravam do outro lado da rua, o modelo de como uma família deveria ser. Pais bregas e solidários, boletins pregados na geladeira. — Ela olha para suas unhas, a manicure francesa discreta fazendo seus dedos parecerem ainda mais longos. — Os pais de Sondra costumavam ir aos seus jogos de futebol com os rostos pintados com as cores do time. Eles carregavam faixas e cartazes a aplaudindo.

— Sempre rezei para que meu pai não viesse porque ele ficava de lado e me xingava por cada movimento errado. Ele repreendeu o técnico, o técnico do outro time. As outras crianças. Foi um pesadelo assustador.

— Pai do ano, — murmuro.

— Sim. — Ela levanta a cabeça de repente para olhar nos meus olhos.

— Por que estou contando tudo isso para você?

— Você estava explicando como se tornou um crupiê.

— Certo. — Ela suspira e olha através da área de espera na saída. — Por que eu odeio normal. Então, sim, eu tenho um diploma em psiquiatria porque me interessei por pessoas. O que os faz vibrar. Mas a escola era muito comum, muito chata. Demasiado estruturada e delineada e confinante. Então eu percebi por que aprender com um livro quando eu posso estudar a clientela do Bellissimo para o deleite do meu coração? E o dinheiro é bom.

Algo dentro do meu peito se reorganiza. Eu não posso nomear a necessidade de garras que está surgindo. Um desejo de consertar sua dor? Protegê-la de mais disso? Libertá-la de todas as besteiras da vida? Como se isso pudesse ser feito. Não, a vida é uma merda para quase todo mundo.

Algumas pessoas se elevam acima porque têm aquela potência bruta que o resto da população renuncia. Acho que pode ser disso que Corey está falando com sua rejeição ao normal. Ela não vai se deitar e tomá-lo. Ela está revidando, mesmo que ser um crupiê pareça que ela se dispôs a levar isso para o resto do mundo.

— Você já pensou em voltar?

— Para a escola? — Ela levanta as sobrancelhas. — Não. Muitas vezes acho que *deveria*. Não terei nenhuma carreira para me apoiar quando meu chefe me demitir por chamá-lo de idiota muitas vezes. — Ela lança um olhar sob seus cílios para mim que faz meu pau se contorcer nas minhas calças. Eu poderia estar errado sobre ela não ser submissa sob toda a arrogância. — Ou se eu quebrar meu tornozelo e não conseguir ficar atrás da mesa por horas a fio. Ou quando me canso de categorizar jogadores. Mas eu realmente não consigo me empolgar com isso. Até eu abandonar a pós-graduação eu ainda estava tentando provar meu valor para meu pai, que nunca viu isso. E agora que finalmente percebi minha idiotice, simplesmente não consigo me obrigar a fazer coisas que a sabedoria convencional diz que eu *deveria* fazer.

— Ela encolhe os ombros. — Eu não quero ser comum.



Corey

OH MERDA. O que diabos me fez compartilhar demais assim?

Stefano olha para mim, seus cílios escuros e curvos, grossos e bonitos contra o pano de fundo de um rosto tão masculino. Eu não posso lê-lo, mas

sua atenção me faz mexer na minha cadeira, mudar o cruzamento das minhas pernas.

Uma enfermeira sai e chama Trisha. Todos nos levantamos e observamos enquanto Trisha se aproxima. Quando ela volta, ela diz: — Disseram que ele saiu da cirurgia e está estável. Ele provavelmente não vai acordar esta noite, então ela disse que eu deveria ir para casa descansar e voltar amanhã. Seu lábio treme.

Stefano enfia a mão no bolso e tira um cartão de visita. — Meu número de celular está lá. Mantenha-me informado, tudo bem?

Ela balança a cabeça, os olhos se enchendo de lágrimas. — Sim, ok. Eu vou. Muito obrigado.

Ele toca o ombro dela. — O Bellissimo cuidará de todas as despesas médicas e falta de pagamento. Tudo com que Joey precisa se preocupar é se recuperar.

Trisha avança e lhe dá um abraço apertado em volta da cintura.

Stefano com um braço a abraça de volta. Enquanto nos afastamos, ele entrelaça seus dedos com os meus. Minha respiração para por um momento. Depois de todas as coisas que ele fez comigo, nós fizemos juntos, é estranho que segurar minha mão seja o gesto mais íntimo, mas é.

É macio. Doce.

Coisas que não associo com Stefano Taccone, realeza do submundo de Vegas.

Eu não posso nem imaginar por que ele faria isso, e ainda assim também parece perfeito. Empolgante, até.

No caminho de volta, ele liga para o cassino para um relatório e informa o status de Joey.

Chego de volta ao Bellissimo uma mulher mudada. É como se eu estivesse vendo as coisas pela primeira vez enquanto deslizo com a mão de Stefano nas minhas costas. Vendo-os de sua perspectiva, percebendo o quanto ele tem que se preocupar com a morte de Nico.

E ainda assim ele não me abandona imediatamente, como eu esperava. Eu nem ia reclamar. Não, ele me pergunta qual restaurante do cassino é o meu favorito.

— Caffè Milano — , digo a ele, indicando o restaurante inspirado em um café italiano na calçada. Tem mesinhas fofas aninhadas e espalhadas do lado de fora do restaurante em um pátio exuberante. — Eles têm a melhor salada Caprese.

Seus lábios se contorcem e ele me leva até lá, solicitando a mesa na — calçada — - o que realmente significa apenas fora do pseudo-recinto, com vista para a agitação do cassino.

— Isso é para que você possa ficar de olho nas coisas? — Eu pergunto enquanto ele segura minha cadeira para mim.

— Sim. Fique de olho também.

Eu amo que ele me recrute assim, do jeito que ele fez ontem à noite no chão antes do jogo malfadado. Ele acha que eu posso ter algo para contribuir com seus esforços. Isso me faz querer agradá-lo, o que provavelmente é um território perigoso. Eu não preciso trabalhar duro para impressionar um cara. Eu fiz isso por muito tempo com meu pai. Mas talvez eu tenha

escolhido de propósito um perdedor como Dean porque não queria impressionar um cara.

— Conte-me sobre as categorias em que você coloca os jogadores. — Stefano desvia o olhar dos transeuntes para mim.

Eu amaldiçoo o rubor que atinge minhas bochechas. Por que eu já disse tanto a ele?

— Vamos, não seja tímida. — Ele despeja mais vinho no meu copo. — Eu quero ouvir o que você aprendeu. Pode ser útil para mim trabalhando em segurança.

Eu inclino minha cabeça para o lado. — Sim, provavelmente poderia. Foi como eu soube que algo estava errado com você naquela primeira noite.

Seus lábios sensuais se abriram em um sorriso lento. Ele se inclina para frente, os olhos brilhando com intensidade. — Diga-me.

Eu gostaria de dizer que sou imune a ter cada palavra minha por um homem sexy e poderoso, mas isso faz algo louco por dentro. Meus mamilos endurecem, mas está além do sexual. É mais como uma energia girando ao meu redor, sussurrando coisas perigosas no meu ouvido. Coisas que eu quero acreditar.

Eu tomo um gole de vinho. Sua atenção permanece fixa em mim. — Existem três tipos de grandes jogadores, — digo a ele. — O cerebral, o selvagem e o louco e o enérgico, por falta de um termo melhor. — Eu vou explicar cada uma e ele se apegar a cada palavra minha.

— E então, se alguém está gastando muito e não é um desses três, você sabe que algo está errado.

Eu concordo. — Certo. E eu deveria ter sabido ontem à noite porque Donahue também não se encaixava. Eu tinha muitos sinais de que as coisas estavam erradas com ele, mas não consegui montar rápido o suficiente.

Stefano cobre minha mão com a dele. — Sinto muito que você teve que ver isso. Eu realmente sinto.

Eu não quero contemplar o que significa que ele não disse que estava arrependido pelo que aconteceu, ou que um cara está morto ou qualquer coisa assim. Quer dizer, eu teria feito a mesma coisa no lugar dele. O cara ia matá-lo. Mas ele levou tudo muito friamente.

Sua unidade de comunicação vibra e ele ouve e fala nele. Então ele olha para nossos pratos vazios. — Eu preciso sair no chão. Você quer vir comigo? Seja minha sombra para a noite?

É um sinal da Síndrome de Estocolmo que eu fico animada com a oferta dele, como se ele estivesse me levando para um encontro chique na cidade, em vez de me deixar sair de seu quarto. Ainda assim, eu aceno ansiosamente, porque é o que eu quero.

— Deixe-me ver você em um daqueles vestidos que trouxeram para o meu quarto, então. — Ele se levanta e me leva até o elevador.

Ignoro o fato de que há um pouco de emoção com a ideia de se vestir para ele, proporcionando o estímulo visual que ele estava procurando quando me pediu para trabalhar nos jogos particulares.

— Então, você vai me deixar de volta no chão, ou eu ainda sou seu revendedor de jogos privado? — Eu pergunto no elevador. O que estou realmente perguntando é: minha prisão algum dia terminará? Ainda terei

um emprego? Quando podemos voltar ao terreno familiar para que eu possa me recuperar dessa viagem insana?

Ele me considera. — Eu não tenho certeza, *amore*. Qual é a sua preferência?

— De volta ao chão, — eu digo sem hesitação.

Ele concorda. — Onde você pode observar as massas?

— Exatamente.

Ele encolhe os ombros. — Eu acho que você está destinada a mais, *Bella*. Seu conjunto de habilidades vai muito além de jogar cartas e contar fichas, embora você seja muito boa nisso.

E assim ele me perturba, o golpe do meu ego me fazendo quase perder o fato de que ele está recusando minha escolha novamente.

Seu celular toca e algo parecido com alívio pisca em seu rosto. — Nico, — ele responde, — Que porra é essa?

Eu ouço Nico dizer algo sobre seu telefone estar morto.

— Como foi? — Stefano pergunta em um tom baixo e sério.

Estamos na suíte agora, mas não me mexo, querendo ouvir. Stefano dá um tapa na minha bunda e levanta o queixo para a prateleira de roupas. Eu faço uma careta para ele, mas me afasto. Pelo que sei, estão discutindo algo ilegal. Deus sabe que não preciso ser implicado em mais nenhum crime.

As roupas que Stefano enviara deviam custar uma fortuna. Eles são de uma das lojas de luxo do cassino - um lugar para os grandes apostadores gastarem seus ganhos. É tudo alta costura, marcas e elas me fazem parecer um milhão de dólares. Pena que não consigo mantê-las.

Enquanto coloco um dos vestidos vermelhos – um vestido justo com uma tira de tecido no pescoço, mas um recorte no peito para mostrar meu decote – ouço Stefano xingar em italiano. – E Sondra? Ela está bem?

Eu fico na porta para ouvir e Stefano não me enxota.

– Obrigado, porra – , diz ele, o que eu acho que significa que Sondra está bem. O alívio de Stefano indica que ela quase não foi? Ele ouve por mais um minuto, então diz: – Tudo bem, vejo você amanhã. Ansioso para conhecer minha futura cunhada. – Ele pisca para mim, mas a linha entre suas sobrancelhas faz sua expressão parecer séria. Ele termina a ligação e caminha até mim, tocando minha cintura. – Cristo, você é linda. – Ele escova meu cabelo para trás do meu ombro e morde meu pescoço.

– Sim, este vai servir como meu vestido substituto.

– Guarde todos eles. – Ele acena com a mão com desdém. Não tenho certeza se ele percebe que o rack provavelmente abrange mais de 10 mil em roupas. – Ninguém deveria usar um vestido vermelho além de você. Você é um fodido nocaute de vermelho.

Eu bufo. – Você não sabe que ruivas não devem usar vermelho? – Já estou calculando quanto posso ganhar vendendo no Ebay.

– Oh eu sei. Mas você não é uma ruiva *comum*. Ele enfatiza a palavra *comum* como se realmente tivesse me ouvido antes, realmente entendeu o que eu quis dizer. E percebo que nunca vou vender um único.

– O que aconteceu com Nico e Sondra? – Eu exijo.

Stefano balança a cabeça. – Apenas alguma merda que Nico teve que resolver.

– Sobre sair de seu contrato de casamento?

Stefano arqueia uma sobrancelha. — Você sabe disso?

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. — Eu disse que sou praticamente da família.

Ele sorri. — Então você é. — Ele esfrega o queixo sombreado. — Nico consertou. Nosso irmão o fez suar, no entanto. Eles assustaram a sua prima, mas ela está bem. Eu pediria desculpas, mas se eu assumisse a responsabilidade pelas coisas desagradáveis que minha família faz, eu nunca pararia.

Meu coração aperta um pouco por Stefano. Como eu, ele não pode ajudar quem é seu pai. Ele não escapou do legado da violência.

Sua unidade de comunicação vibra novamente. — Vamos nos mover, *Bella*. Temos merda para fazer.

CAPÍTULO SEIS

Stefano

Ando pelo cassino com Corey ao meu lado. As pessoas que não a reconhecem supõem que ela é minha namorada. Tenho certeza de que formamos um par marcante. Aqueles que a conhecem, lançam-lhe uma série de olhares, variando de ciumento a preocupado e careca de curiosidade.

Na descida, ela reclamou de não ter nenhum cosmético, então paramos no salão para fazer a maquiagem, e então eu tive que levá-la ao joalheiro da casa para comprar um par de brincos de diamante.

Eu gosto de mimá-la. O fato de Corey não jorrar ou ronronar quando eu faço isso torna tudo mais prazeroso. Ela joga duro para conseguir, me fazendo trabalhar por seus sorrisos e compensar por mantê-la como minha cativa. Mas não é apenas sobre a perseguição com ela.

Estou fodidamente fascinado.

Mas eu teria que perder a cabeça para me envolver seriamente com a filha de um federal. Um alimentado *desonesto*, de acordo com a pesquisa de Nico. O que significa um idiota imprevisível e perigoso. E Junior, meu irmão idiota que acabou de colocar uma arma na cabeça de Nico por querer se casar com a mulher de sua escolha, provavelmente me mandaria largar o cara se eu quisesse continuar vendo Corey.

E eu não vou matar a porra do pai dela. Mesmo que estejam afastados.

Eu me inclino para Corey. Estamos observando uma das mesas de blackjack, deixando o crupiê nervoso. — Conte-me sobre quem você vê, — murmuro.

— Gasta e é cerebral. Provavelmente tentando contar cartas. Quando ele perde a conta, ele passa a mão pelo cabelo e sacode o gelo em sua bebida. Do qual ele não bebeu uma gota.

— Trabalhando sozinho?

— Sim. Ele subiu dois mil, mas está ficando cansado. O estresse disso o desgasta.

Eu acaricio minha mão para cima e para baixo do lado de Corey. Estar perto de seu corpo me eletrifica, mas ouvir como seu cérebro funciona, testemunhar seu brilho em primeira mão, isso incendeia minha alma.

— O que mais? — eu indico.

— Jack é o crupiê. Ele acidentalmente colocou uma ficha de \$20 destinada a ele no pote da casa, provavelmente porque nós o estamos assustando assistindo. Caso contrário, ele é um negociante decente.

— Alguém mais interessante?

— Não. Jovens que não sabem o que estão fazendo. Pessoas com dinheiro a perder. É isso.

— Próxima mesa. — Eu a guio para outro poleiro e peço uma bebida. A gerente do salão vem fazer o check-in e, quando ele sai, ela me dá um relatório igualmente pertinente sobre as três mesas em sua opinião.

Se ela fosse um homem musculoso, eu a colocaria na minha equipe de segurança em um piscar de olhos. Do jeito que está, não consigo decidir o melhor uso de seus incríveis talentos. — Estou pensando que quero você em todas as entrevistas de emprego no Bellissimo. Tem certeza de que não quer um emprego em RH?

Ela franze o nariz para mim.

Outra ideia me ocorre. — Você já jogou pôquer?

Ela muda o cruzamento de suas longas pernas e as lembranças daquelas pernas espalhadas na minha cama me deixam duro. É um estado perpétuo em torno desta mulher. — Os crupiês não podem jogar em seu próprio cassino.

Eu sorrio. — Você está me dizendo as regras agora, espertinha? Quero dizer em outro lugar.

Ela balança a cabeça, mas eu vejo algo ganhar vida nela. — Eu sempre quis. Na verdade, adoro assistir a esses campeonatos; os que são televisionados no canal de esportes? Juro por Deus, eu poderia vencer esses caras. Estou falando sério; se eu tivesse dinheiro para queimar, eu entraria totalmente.

Sento-me, satisfeito. Corey Simonson acabou de confessar algo que ela quer na vida.

Eu serei amaldiçoado se eu não fizer isso acontecer.

Tony liga para o meu celular ao mesmo tempo em que Leo toca a unidade de comunicação e o gerente de andar se aproxima com um peixe grande que ele quer me apresentar.

— Com licença. — Corey desliza para fora da banqueta. — Vou ao banheiro.

Eu aceno distraidamente e cuido de todos os problemas em mãos antes que eu tenha aquela sensação mesquinha sobre Corey escolhendo aquele momento para se desculpar. Olho para o banheiro mais próximo. Ela já deveria ter voltado.

Porra.

Bem, se ela estivesse fugindo, há uma boa chance de ela ir ao armário para pegar a bolsa com as chaves e o telefone. Eu ando rapidamente naquela direção. Ao virar a esquina, eu a vejo saindo do vestiário dos funcionários, indo para a saída mais próxima.

Filha da puta.



Corey

Estou quase na porta quando dois guardas de segurança corpulentos de Guido correm em minha direção vindos de direções opostas. Eu saio correndo. Um deles se lança em minha direção e pega meu braço, seu punho de ferro machuca.

— Boss diz para não tocar nela, — o outro retransmite com uma nota de pânico em sua voz.

O cara me solta como se eu fosse uma batata quente, mas os dois lutam para bloquear minha saída. É quase cômico, como algum jogo de festa de aniversário em que você não pode usar as mãos para passar um ovo para seu parceiro.

Eu uso seu medo abjeto da ira de Stefano para minha vantagem e dou uma joelhada no cara na minha frente nas bolas. Ele se aproxima com um gemido, agarrando as joias da família. Sim. Estou no Joelho-2, Bolas-0.

— *Core*. O latido de censura de Stefano vem de alguns metros atrás de mim.

Eu tento dar a volta no outro guarda, mas Stefano pega meu braço e me puxa de volta. A sala gira quando estou de cabeça para baixo sobre seu ombro como um saco de batatas.

— Stefano, — eu protesto enquanto ele me carrega rapidamente em direção ao banco de elevadores. — Você está fazendo uma cena.

— Não, você fez a cena, *Bella*. — Ele aperta o botão do elevador. — E você vai sofrer as consequências. — Estou feliz por ele parecer tão legal, calmo e controlado, porque estou tentando lutar contra o pânico sobre o que ele vai fazer comigo. Quais serão as *consequências* ?

Ele entra no elevador e mostra sua identidade para chegar ao nível da suíte. As portas se fecham. Outro casal está no elevador, rindo da minha situação.

— *Stefano*.

Eu realmente quero que ele me coloque para baixo.

— Corey.

A jovem ri, sussurrando para seu parceiro. Parece que foi uma eternidade até o elevador parar e eles descerem. Alguém tenta entrar, mas Stefano diz — Espere o próximo, — e aperta o botão de fechar a porta.

Graças a Deus.

Quando chegamos ao seu andar, ele me carrega e ainda não me coloca no chão. Seus movimentos são suaves e seguros, como se ele sempre conseguisse abrir e fechar portas com uma mão com uma mulher por cima do ombro.

Ele me leva para a cozinha, onde abre uma gaveta e tira um rolo de fita adesiva.

Ah Merda.

Agora eu fico de pé, mas ele mantém o controle do meu corpo, prendendo minhas mãos na parede e prendendo-as com uma longa tira de fita adesiva. Ele reforça com mais três tiras, então puxa meus quadris para trás e abre minhas pernas com um chute. Sua intenção é clara; minha bunda está para fora e apresentada. Vou apanhar de novo.

Eu *não deveria* estar animada.

Estou loucamente emocionado.

Ele sai e volta com uma tesoura.

— Novamente? — Eu reclamo. — Você poderia simplesmente me despir antes de prender minhas mãos na próxima vez. Já pensou nisso?

— Você não está em posição de ficar esperta comigo, *amore*.

Eu acredito nele. Ele é definitivamente todo o negócio agora. Não vejo nada da paixão ardente que às vezes o motiva. Nem qualquer traço de perplexidade.

Pelo menos ele não parece zangado, embora talvez não seja do tipo raivoso.

O vestido cai em pedaços e ele usa a tesoura para tirar meu sutiã e calcinha também.

— Você poderia ter tirado isso, — eu resmungo.

— Eu poderia ter, — diz ele, quase alegremente. — Mas eu queria cortá-los. Eu posso não ser tão rápido para substituir suas coisas desta vez, também.

Minha boceta aperta com o pensamento dele me mantendo presa em sua parede, nua, por dias.

Eu balanço minha cabeça para apagar o pensamento. Eu sou maluca.

Stefano caminha até a porta da varanda e mexe na cortina. A princípio acho que ele vai fechá-los, mas quando ele se vira, ele solta a haste de plástico usada para puxá-las. Ele bate na palma da mão e eu enlouqueço.

Eu puxo minhas mãos, tentando puxá-las da parede, mas elas não se movem.

— *Tsk tsk*. Você não vai a lugar nenhum, *Bella* . Sua bunda é minha agora, e eu não vou pegar leve.

— Stefano. — Eu amaldiçoo a hesitação em minha voz. Eu também amaldiçoo a umidade entre minhas pernas. Por que diabos a ideia de ser chicoteado com um varão de cortina me excitaria?

— Pernas separadas. Bunda para fora. Segure a posição como uma boa menina e eu considerarei aliviar sua sentença.

Ah Merda. Estou tão em cima da minha cabeça.

Faço o que me mandam, porque qual é a alternativa? Não estou em posição de discutir, e só pode piorar a partir daqui. Eu alargo minha postura e encovo minhas costas para apresentar minha bunda para ele.

Ele bate com a bengala improvisada. — Boa garota. Eu não vou fazer você contar. Você pode se concentrar em respirar e manter sua posição. — Ele balança o implemento no ar.

Ouçõ o deslocamento do ar um momento antes de ele atingir e grito como se estivesse em um filme de terror.

Stefano está atrás de mim, uma mão em volta da minha boca para abafar o som. — *Shh, bambina* . Sem gritar. É ruim para os negócios. — *Ele se afasta.*

Eu não sou tão corajosa desta vez. Eu torço minha bunda para longe dele, pendurada nas amarras com todo o meu peso.

— Isso é fofo, *bambina*, mas eu pedi para você ficar na posição.

Porra.

Ele com certeza fez.

Eu relutantemente me coloquei de volta na pose humilhante. Stefano balança a bengala novamente e uma segunda linha de puro fogo floresce diretamente abaixo da primeira.

Eu engasgo com meu choro.

— Segure firme. — O tom de Stefano é afiado, como se ele estivesse sem paciência comigo. Lamentavelmente, isso tem o efeito de me congelar na posição.

Ele me chicoteia de novo, e de novo, linhas limpas e uniformes na minha bunda que me deixam gemendo e tremendo. Seis ao todo.

E então ele está de joelhos atrás de mim, separando minhas bochechas e lambendo uma linha da minha boceta ao ânus.

Eu mal posso ficar de pé, minhas pernas estão tão trêmulas e fracas, mas não importa, a fita adesiva me segura contra a parede. Stefano se move na minha frente e vai para a região da minha buceta. Suas mãos fortes seguram minhas coxas enquanto ele chupa e belisca meus lábios, passa a língua sobre meu clitóris. Um momento atrás, ele era meu mestre severo, me punindo por minha desobediência. Agora ele é um servo, adorando entre minhas pernas. Ele me devora como se meu gosto fosse sua ambrosia, como se estivesse morrendo de fome e só minha boceta satisfaria.

A dor latejante e ardente se torna apenas intensidade quando minha carne incha e floresce sob seus cuidados.

— Stefano, — eu gemo, meus quadris dançando acima dele. Eu não vou durar muito mais tempo, e ele nem está usando os dedos para me penetrar.

Ele aumenta seu fervor, a barba por fazer em seu queixo raspando minha parte interna das coxas enquanto ele trabalha em mim.

Estrelas dançam diante dos meus olhos e minha cabeça gira como se eu fosse desmaiar.

— Stefano! — Eu grito de novo, e então eu chego ao pico, caindo do outro lado em prazer, liberação, prazer.

Minha boceta aperta no ar, espasmos em torno do nada. É satisfatório e não é suficiente. Eu quero seu pau em mim.

E então estou muito fraca para ficar de pé, caindo contra a parede, contra seu corpo enquanto ele beija minha boceta com reverência.



Stefano

Eu amo o som de Corey chamando meu nome pouco antes de ela gozar.

Desta vez *sou eu* que sinto vontade de chorar depois.

Não que eu saiba o que é chorar. Eu tive esse desejo batendo fora de mim antes de atingir a idade madura de seis anos. Mas minha garganta e meu rosto estão apertados com o que só pode ser descrito como tristeza.

Estou exausto. Talvez seja culpa da surra que dei a ela. Talvez eu não suporte que ela tentou me deixar.

Eu me levanto lentamente, mal cabendo entre a parede e o corpo de Corey. Eu seguro seu rosto. — O que eu vou fazer com você? — Eu pergunto com tristeza.

Ela aninha seu rosto contra a minha mão. Sua cabeça está pendurada como se seu pescoço não conseguisse segurá-la.

Eu olho para as mãos dela e alcanço atrás de mim para retirar a fita. Então eu a puxo para uma cadeira e a coloco no meu colo. Ela vem de bom grado, inclinando a cabeça para trás no meu ombro enquanto eu acaricio seus seios nus, a parte interna das coxas.

— Por que você foi embora, Corey? — Eu tenho que perguntar. Está me matando. Ela ainda tem medo de mim? Ela realmente ainda acha que eu vou matá-la?

— Eu não sei — , ela suspira. — É apenas... muito intenso. Eu não posso ficar aqui trancado com você assim. Eu estou me perdendo.

Meu coração para de bater. Em seguida, reinicia em um ritmo mais alegre. Ela não tem medo de mim. Ela tem medo de *nós*.

Porra, eu também, querida. Eu também sou.

— Estou me perdendo também, — admito, beijando sua mandíbula, seu pescoço esbelto. — Mas só os covardes correm.

Corey engasga com uma risada e eu sorrio também.

— Vamos, *bambina*. É melhor colocarmos algo em sua bunda antes que você se machuque. Eu sei como as ruivas são delicadas.

Eu a pego em meus braços e a carrego para o quarto, onde a arrumo de bruços. Ela é dócil como uma criança agora, mas uma boa surra e um orgasmo farão isso com uma mulher.

Procuro no banheiro uma pomada que meu primo na Sicília me fez e volto.

Corey não se moveu. Ela se deita de bruços com o rosto escondido na colcha. Meu coração dispara na minha garganta. Ela está chorando?

Eu acaricio seu cabelo para trás de seu rosto, e meus ombros relaxam. Sua expressão é suave, relaxada. Quase feliz.

Obrigado porra.

Eu pego uma grande quantidade de pomada e esfrego sobre as marcas de bengala, trabalhando em sua pele.

— O que é aquilo?

— É uma pomada que trouxe da Sicília. Ajuda com hematomas.

— Há uma pomada para contusões?

— Ganhei do meu primo. Ela faz uma pomada para quase tudo. Ela é um desses tipos de cura natural, você sabe, em óleos essenciais e ervas.

— E ela deu a você porque você tem uma propensão a ficar com hematomas ou *dar* hematomas? — Sua pergunta seca fica sob minha pele.

Eu aperto a tampa de volta na pomada e a deixo cair sobre a cama. — Por que você tem que continuar cutucando essa ferida, baby? Você precisa me lembrar que eu não sou bom para você? Que você é melhor do que eu?

— *O que?* Não. — Ela rola e se apoia em um cotovelo, uma linha dobrando entre as sobrancelhas.

— Eu sei eu sei. Eu sou o cara mau. Estou do lado errado da lei e seu pai está do lado certo.

Corey fica pálido. — Meu pai definitivamente não é o mocinho. De jeito nenhum. — Suas palavras saem ásperas.

Lamento instantaneamente. Ela me disse que eles não estavam se falando. Agora sou eu quem está cutucando as feridas. Eu afundo ao lado dela. — Sim, nem o meu, — eu admito.

Para minha surpresa, seus dedos procuram minha mão e ela os enrola sobre ela e aperta. Eu olho para nossos dedos entrelaçados. Quando foi a última vez que uma mulher me ofereceu conforto? Quando foi a última vez que eu *deixei* ?

Ah sim, nunca.

Mas esta mulher é diferente. Tudo é tão cru entre nós. É a intensidade que ela mencionou, por que ela teve que desistir.

Mas eu não vou deixá-la.

Meu telefone vibra novamente e quase perco a paciência com ele. — O que?, — Eu estalo.

— Temos uma situação aqui embaixo, — diz Tony em voz baixa.

Porra. E agora?

Eu me inclino e beijo o ombro de Corey. — Diga-me que você ainda estará na minha cama quando eu voltar?

Eu vejo o brilho de compreensão em seus olhos. Eu estou deixando ela ir. Talvez seja culpa por puni-la, talvez seja porque eu quero recompensar sua honestidade. Ou é apenas tempo; Não sei.

Ela acena com a cabeça e eu puxo as cobertas para ajudá-la a entrar. Beijo seus lábios desta vez, suavemente. — Bom. Vejo você pela manhã, então.

— Sim. Você vê.

Eu começo a sair, então volto. — Você precisa de alguma coisa? Serviço de quarto? Uma bebida? Ibuprofeno?

— Não, eu vou dormir, — ela diz. — Volte logo.

E é aí que eu sei que estou fodido. Porque a pequena cambalhota que meu coração faz com essas palavras não é nada que eu já experimentei antes.

CAPÍTULO SETE

Corey

Ouço Stefano chegar por volta das 4h da manhã, mas logo volto a dormir. Eu acordo mais tarde com ele apalpando meu peito, provocando o mamilo enquanto seu pau balança contra minha bunda. Ainda estou nua de nossas escapadas na noite anterior. E, claro, ele nunca desceu. Estou surpreso que ele me deixou dormir tanto tempo.

Eu me viro e o empurro de costas, então subo sobre ele para montar em sua cintura. Seus olhos escurecem quando seu pau se aninha em sua cueca boxer. Eu o libero, umedeço a cabeça com a língua.

Ele geme. — Eu te dou trinta segundos para provocar. — Eu chupo mais forte, afundando minhas bochechas enquanto me afasto.

Stefano rosna e envolve um punho no meu cabelo. — Foda-se, sim, querida. Leve-me mais fundo.

Eu faço. Eu o levo o mais fundo que posso, diminuindo a velocidade para não desencadear meu reflexo de vômito.

— *Bella, bella donna, — ele canta.*

Sua respiração fica curta, ele começa a usar meu cabelo para me puxar para baixo sobre ele mais rápido, mais profundo, empurrando para cima ao mesmo tempo. — O suficiente. O suficiente. — Ele me puxa para longe, seu lábio se curvando como se o esforço de se segurar estivesse matando-o. — Role. Abra essas pernas.

Deitei de bruços e abri bem as pernas. Ele passa os dedos sobre a minha umidade e os coloca na boca. — Você tem um gosto tão bom, Corey. — Ele vai até o armário e volta com camisinhas e um frasco de lubrificante. Achei

que não precisava de lubrificante, mas tenho que adiar. Stefano é definitivamente um deus do sexo. Ele deve ter algum plano.

Ele coloca uma camisinha e puxa meus quadris para cima até que eu esteja de joelhos, então entra em mim ao mesmo tempo em que ele chega ao redor e esfrega meu clitóris.

Eu empurro de volta para pegá-lo, tremendo em uma longa inspiração entre meus dentes.

Stefano para, enterrado em mim e brinca com meus mamilos. — Você está bem?

— Eu estou bem, — eu gemo, arqueando minhas costas. — Prossiga.

Ele ri e belisca meu mamilo um pouco mais forte antes de agarrar meus quadris e me usar do jeito que eu esperava que ele fizesse. Mais e mais fundo ele empurra, meus quadris no ângulo perfeito para tomar todo o seu comprimento.

Estou em um foguete indo para a lua quando ele esguicha lubrificante no meu ânus e começa a esfregá-lo.

Eu suspiro, tentando dobrar meu rabo e me afastar, mas ele não quer. Com algumas reviravoltas rápidas, ele afundou o polegar na minha bunda. Seus outros dedos se espalham pelas minhas costas, e eu sou completamente possuída. As sensações gêmeas, as penetrações duplas me levam a um prazer hedonista — sensação total, vulgar e satisfatória.

Eu começo a fazer vocalizações guturais, ofegante na cama, meus olhos revirando na minha cabeça.

Ele começa a fazer pequenas estocadas com o polegar que combinam com as estocadas de seu pau, me prendendo em rendição.

Eu não posso nem falar para gemer seu nome. Estou perdida. Despedaçando, me juntando. Ele me monta, me manipula. Seus movimentos são seguros e dominantes.

— Uhn, uhn, uhn — , eu gemo com cada impulso brutal.

— Pegue, *Bella* . Aceite como uma boa menina.

— Sim! — eu suspiro.

Ele bate ainda mais forte.

eu lamento.

— Venha agora, — ele ruge e empurra mais três vezes antes de empurrar fundo e ficar, empurrando o polegar para dentro e para fora enquanto minha boceta agarra e libera seu pau em rajadas rápidas.

Eu soluço com a liberação, totalmente exausta. A sala gira, não consigo ver nada. Ah sim, isso é porque meus olhos estão fechados e meu rosto está nos lençóis.

Depois de um momento, a consciência retorna. Stefano volta do banheiro com uma toalhinha, que ele usa para me limpar.

Então ele aplica mais pomada na minha bunda e se acomoda ao meu lado, beijando meu ombro.



Stefano

— Nico e sua prima voltam hoje.

Não sei por que digo isso. Quero dizer, eu sei que ela quer essa informação, que eu recebi de Nico quando ele ligou tarde da noite passada,

mas é um momento muito ruim para compartilhá-la. Mas sinto o peso do que fiz com Corey cair muito nos meus ombros.

Eu tenho que deixá-la ir hoje. Solte-a para sua vida. Mantê-la prisioneira para sempre não era um plano sólido.

— Sim? — Corey empurra para cima em seu antebraço, seus lindos seios se movendo para o lado. Eu seguro o de baixo e corro meu polegar sobre o mamilo. Seios tão doces e de tamanho perfeito.

— Estou ansioso para conhecer a mulher que roubou o coração do meu irmão. — Não há leveza por trás das palavras, embora seja verdade. Estou tentando controlar a parte de homem das cavernas de mim que está pisando em um círculo ao redor da minha mente, exigindo que eu a amarre de volta e nunca a liberte.

Eu vou honestamente.

— Eu quero mantê-la nua acorrentada no meu quarto pelo resto da minha vida, *Bella*.

— Mas? — Ela já sabe o que está por vir.

— Mas prefiro que seja voluntário.

Seus lábios se contraem uma vez e depois se espreguiçam em um sorriso completo. — É um pouco tarde para pedir consentimento, meu amigo.

— Eu sei. Mas eu quero que você fique.

Ela baixa o olhar e eu já sei a resposta que ela vai dar. — Eu tenho que voltar para o meu lugar. — Ela diz como se estivesse arrependida, mas as palavras falham. Ela nem sequer oferece uma razão, e eu não vou forçar.

Isto é o que ela quer.

Eu franzo meus lábios e aceno. — Eu espero você de volta aqui às 20:00 para o seu turno.

A cautela pisca em sua expressão. — Jogo privado?

— Não. Piso do cassino. Onde você quer estar.

Estou tentando dar algo a ela, mas ela só parece triste com isso.

— Estarei aqui, — diz ela, e se levanta para se sentar.

Eu suspiro. — Você pode tomar banho primeiro. Vou pedir serviço de quarto. O que você quer para o café da manhã?

— Bacon e frutas. Pena que eles não fazem bebidas Starbucks para o serviço de quarto.

— Eu posso pedir. Qual é a sua bebida?

— Latte grande, quente?

— Pode apostar. — Eu me levanto e ligo para a recepção para enviar um mensageiro ao Starbucks interno para mim, então ligo para o serviço de quarto. Pelo menos eu posso fazer uma pequena coisa por ela.

E ela estará voltando.

Em menos de doze horas ela estará de volta ao Bellissimo. Me chamando de chefe.

As coisas poderiam ser piores.

CAPÍTULO OITO

Corey

No momento em que chego em casa, não consigo descobrir qual era a minha pressa. Eu odeio meu lugar. Este é o apartamento estúpido que eu dividia com Dean, afinal. O idiota lascivo perdedor que eu escolhi. Nem consigo me lembrar do que vi nele. Acho que ele me deixou viver pequeno. Desacelerou-me. Sua falta de ambição fez minhas escolhas de vida brilhantes em comparação.

Não é nenhuma surpresa que eu voltei para minha casa totalmente mudada. É como quando você sai de férias e quando volta, vê as coisas com novos olhos, pelo menos no primeiro dia de volta. Estou morando no Bellissimo com Stefano Taccone há quarenta e oito horas. Os móveis de segunda mão do meu apartamento agora parecem sujos e tristes. O tapete manchado geme para ser substituído e nada no local sequer me representa.

Eu tenho vivido uma vida aqui?

O que foi isso?

Eu não sei quem diabos eu sou.

Não Isso não é verdade. Estou apenas exausta. Fui *prisioneira* nas últimas quarenta e oito horas. Exceto que eu sei que isso não é verdade.

Eu posso ter listras na minha bunda que dizem que é, mas não é.

Ou talvez seja, mas eu era uma prisioneira *muito honrada*. quero dizer sinceramente? Stefano Taccone, por todo o seu poder e capacidades temíveis, por todo o poderoso controle que ele exercia, me tratou melhor do que Dean jamais o tratou. E Dean nunca levantou a mão para mim.

Tive os melhores orgasmos da minha vida. Comi boa comida e bebi vinho caro. Cheguei em casa com milhares de dólares em roupas, levadas para o meu carro por um mensageiro muito atencioso. Ainda estou usando brincos de diamante de mil e duzentos dólares.

Mas eu seria uma tola se atribuísse algum significado a isso.

Stefano é um jogador. Foder mulheres e enchê-las de presentes de despedida é provavelmente o caminho para ele.

A campainha da minha casa toca e eu franzo a testa. Não estou esperando ninguém. Abro a porta uma fresta e olho para fora. Um homem grande de terno imediatamente a abre e meu estômago fica do tamanho de uma noz.

Aperta tanto que dói, porque o homem empurrando meu apartamento é o *último* homem que eu quero ver em um dia normal. Mas eu especialmente não quero vê-lo hoje.

É meu maldito pai.

Merda.

— Ei, Corey. — Seu sotaque lento desmente a forma agressiva como ele entrou. — Isso é jeito de cumprimentar seu querido pai?

Não posso dignificar isso com uma resposta. Cruzo os braços sobre o peito. — O que você está fazendo aqui?

Ele anda pela minha casa, seu olhar crítico provavelmente catalogando tudo o que vê para usar contra mim de alguma forma. — Fui transferido para Las Vegas.

Porra.

— Estou trabalhando em um possível caso de assassinato. Acontece que minha própria filha pode saber algo sobre isso.

Meu coração está em taquicardia, mas eu enrolo meu lábio em um sorriso de escárnio. — Como você imagina?

— Ouvi dizer que você é a crupiê dos jogos privados agora.

Agora meu coração para. Como diabos ele sabe disso? Como? Ele esteve caçando o Bellissimo esse tempo todo? Os Tacones?

Jesus, ele vai me matar! Eu e Sondra ambos.

— Um homem chamado Eric Donahue desapareceu depois de assistir a um jogo privado no sábado à noite. Você estava lidando com esse jogo?

Não posso acreditar que Stefano não repassou álibis comigo. Diga-me o que dizer se eu for questionado. Eu sou um cúmplice de assassinato, e não há como meu pai não perceber uma mentira. Ele é um agente federal experiente. E ele é meu pai.

Cruzo os braços sobre o peito. — Eu não estou discutindo nada com você. Você não é bem-vindo em minha casa, e eu preciso que você vá embora. Agora.

Meu pai não se move de onde sua bunda está encostada no braço do sofá. Ele me estuda com olhos cinzentos.

Sim, acabei de confirmar tudo para ele. Tudo o que ele queria saber, ele sabe agora.

Estou tão fodido.

— Tenho certeza de que você não quer não cooperar com uma investigação federal.

— Tenho certeza que sim se for liderado por você.

— Ok, qual é o seu problema, realmente? Eu não liguei o suficiente depois que me mudei para Detroit? Não pagou pela sua educação universitária?

— Não tenho problema. Só não quero você na minha vida. É bem simples, na verdade.

Ele se levanta e caminha em minha direção, abrindo os braços como se quisesse me abraçar. — Corey, o que é isso? Eu nunca entendi por que você parou de falar comigo.

— Eu cresci, pai. É por isso. Eu cresci e percebi que você era um pai de merda, e eu não queria ter um relacionamento com você. Não é tão difícil de entender. Você não deveria ser um membro da Mensa ou algo assim?

— Você também — , ele murmura. — Talvez sejamos muito parecidos.

— Ou talvez seja porque você é um valentão e traiu a mamãe e tudo o que você fez foi enfiar seus julgamentos goela abaixo. — Estou ficando alterada e ... *foda-se!* — Odeio quando perco a calma. Especialmente porque isso me faz gostar dele .

— *Fora* — , eu estalo, apontando para a porta.

Ele balança a cabeça como se tivesse pena de mim. — Envolver-se com os Tacones é um grande erro.

Minhas narinas se dilatam. Claro, cada palavra deste próximo discurso é previsível, mas eu ainda não suporto ouvi-lo.

— Eu ouvi sobre o noivado de Sondra. Grande erro!

— Sim, bem, ninguém pediu sua opinião.

— O pai dela fez, — ele me corrige.

Eca. Isso é péssimo. Sondra não precisa do estresse de ter seus pais se opondo ao casamento dela depois de conversar com meu pai.

— Nico Taccone nunca machucará Sondra. — Isso era mais do que eu queria deixar escapar. Eu não preciso convencê-lo do que eu precisava para me convencer. Ele não merece uma palavra sobre isso. Eu com certeza espero que ele não seja convidado para o casamento.

Faço uma nota mental para falar com Sondra sobre isso. Tenho certeza que ela vai concordar, já que seu futuro marido pode ser assediado por meu pai.

— Sim, tenho certeza, — meu pai fala secamente.

— Eu disse para você sair. Não vou discutir mais esta ou qualquer outra parte da minha vida com você. Não volte.

Ele faz uma cara divertida, como se eu fosse uma criança boba, mas passeia pela porta.

Graças a Deus.

Prendo a respiração até que ele fecha a porta atrás de si. Mesmo assim, não sei quanto tempo demoro para expirar. Mas assim que o faço, meu estômago se contrai sob minhas costelas novamente.

E se Stefano estiver me vigiando para ter certeza de que eu não vou falar sobre o que aconteceu? E se eu apenas provar que suas suspeitas sobre mim são verdadeiras?

Estou tão fodido.



Stefano

— *FANCULO. VOCÊ PARECE UMA MERDA.*

O rosto de Nico está coberto de hematomas, o lábio partido e um olho inchado. Ele me mandou uma mensagem para dizer que está de volta e para encontrá-lo em seu escritório. Eu posso ver por que ele está se escondendo aqui em vez de estar no chão.

Faço uma nota mental para lhe trazer aquela pomada de Lucia.

— Junior é uma *testa di cazzo*, — murmuro enquanto nos damos um abraço de tapinhas nas costas.

Nico dá de ombros como se levar uma surra do seu próprio irmão não é grande coisa. O que para nós realmente não é, considerando como fomos criados. — Está feito. Assentou. Vamos nos casar em um mês em Chicago e toda a porra pode aparecer para beijar minha bunda.

— Ele só tinha que te mostrar que ainda é o chefe, hein? Mesmo que você seja o Tacone que traz a grana de verdade? Quem torna a merda deles legítima?

— O pedido veio de Pops. Junior nos pegou assim que cheguei a Chicago. Qualquer que seja. Eu tive que pagar por desafiar ordens. Agora está feito.

Eu me esparramei em uma das poltronas de couro confortáveis e apoio meu tornozelo sobre um joelho.

— Então me diga, — diz Nico.

— Tony já não te informou? — Eu pergunto, mas não esperei por sua resposta antes de continuar. — Seu nome era Eric Donahue. Junior diz que Pops expulsou seu irmão do restaurante cinco ou seis anos atrás. O cara cometeu suicídio pouco tempo depois. Parece que foi uma tentativa de

vingança. Não sei por que ele queria você, mas acho que é porque seu nome está na imprensa. Como se fosse mais fácil procurar e encontrar em um lugar público. Então ele aparece e descobre como conseguir uma audiência privada com você. E quando ele descobrir que você não está aqui, mas seu irmão está, eu sou um alvo tão bom.

Nico esfrega a cabeça. — *Cazzo*. Você não conseguiu limpar essa lavagem?

— Havia uma conexão com Pops. Nada está limpo lá, e quando essa merda aparece aqui no seu cassino? Porra, sim, vou fazê-lo desaparecer. O que você teria feito diferente?

Nico bate na mesa e balança a cabeça. — Nada. Você tem razão. Só não quero nenhum tipo de investigação aqui.

— Eu sei.

— E o resto? O que diabos você está fazendo com Corey?

— Estava de olho nela. Até que eu pudesse ter certeza. O pai dela é federal, você sabe.

— Sim, porra, eu sei. — Ele me dá um olhar de busca. — Você transa com ela?

— Sim. — Eu levanto o final da sílaba como se fosse uma pergunta. Tipo, por que diabos importa o que eu fiz com ela?

Ele continua me estudando. Estamos apertados, eu e Nico. Se alguém me conhece, é ele. Eu não sei o que diabos ele está vendo agora, porque eu nem sei o que penso sobre a situação de Corey. — O que eu preciso saber?

— Nada.

Ele não vai largar. Aparentemente, ele ainda vê alguma coisa. — Você confia nela agora?

Eu concordo. — Sim. Mas eu entrei em seus registros de telefone e coloquei um cara nela, só para ter certeza. A situação com o pai dela pode ser um pé no saco.

Nico inclina a cabeça para o lado. — Você tem uma coisa por ela?

Não tenho certeza de como ele conseguiu isso de mim colocando um cara nela. — Sim, — eu admito.

— Você está chegando a algum lugar com isso? — Há dúvida na voz de Nico e eu rio, porque ele deve saber que Corey é um osso duro de roer. Eu nunca falho com as mulheres. Talvez isso seja parte da atração.

— Estou trabalhando nisso, ainda. — Eu abro minhas mãos. — E você? Onde está Sondra? Quero conhecer minha nova cunhada.

Nico sorri e é bom ver um sorriso em seu rosto. Meu irmão tem sido ferido desde que me lembro. Ele definitivamente parece diferente agora, por baixo dos hematomas.

— Vamos, ela está em seu escritório. — Ele me leva para fora.

— Ah, ela trabalha para você. — Por que ninguém me disse isso?

— Sim.

— Sim? É isso? O que ela faz? — Quando ele não continua, eu faço um paciente *me dizer mais* movimento.

— Sondra está fazendo a curadoria da ala de arte no Bellissimo. Podemos exibir todas as obras-primas que adquirimos dos peixes grandes ao longo dos anos.

Huh. Não é uma má ideia. Quando grandes apostadores ficam desesperados, eles começam a colocar todos os tipos de tesouros: chaves de seus carros, propriedades de férias e muitas vezes a arte inestimável pendurada em suas paredes. Levamos qualquer coisa aqui e sempre recolhemos. O que significa que temos dezenas de pinturas de artistas famosos em nosso cofre.

Descemos do elevador e Nico me leva a uma ala que antes era usada como área de conferência adicional e vejo que foi transformada em uma galeria.

— Muito bom, — murmuro, olhando ao redor no início dos intrincados sistemas de segurança projetados para proteger as obras-primas que ainda não foram colocadas. Os cartazes estão lá, no entanto. Títulos, datas, artistas, juntamente com informações como docentes sobre cada pintura.

— Sondra, conheça meu irmão, Stefano.

Eu não sei o que esperar. Que tipo de mulher seria a primeira a capturar o coração do meu irmão. Acho que a pintei em minha mente como a gêmea de Corey; uma ruiva alta e mal-humorada que não aceita merda de ninguém, mas secretamente ama um homem forte.

Quando uma loira bonita sai do escritório do diretor, percebo que estava longe. Ah, claro, eu vejo a semelhança. Ambas têm os olhos azuis vívidos. Mas é aí que a semelhança termina.

Corey é do tipo que poderia fazer uma Mulher-Gato em couro preto. Ou manejar um chicote na bunda de algum empresário trêmulo enquanto ele lambe suas botas de couro até a coxa.

Sondra é a garota da casa ao lado. Pequena, macia, loira. Ela tem covinhas, pelo amor de Deus! Ela é jovem e doce, provavelmente submissa até seu núcleo gentil.

Nico circunda sua cintura com o braço e beija sua têmpora. Enerva-me ver meu irmão espinhoso tão afetuoso com alguém, mas de um jeito bom.

Eu alcanço sua mão e a levo aos meus lábios.

— *Não.*

Eu paro com a mão dela no meio do caminho para a minha boca. Há perigo suficiente na voz do meu irmão para eu saber que ele está falando sério.

Então. Ele é do tipo ciumento. Quem sabia?

Eu a deixo cair e dou uma reverência a Sondra. — *Piacere di conoscerti*

.

Seu olhar para Nico confirma minha suspeita, definitivamente submissa. O relacionamento deles é tão fodidamente doce que aquece meu coração.

— Ele disse *que prazer em conhecê-la*. Ele é um maldito show-off.

— O que? — Eu dou de ombros. — Acabei de vir do velho país.

Nico revira os olhos.

— Bem, eu não vou me intrometer mais. Eu só queria conhecer a mulher que roubou o coração do meu irmão.

Sondra cora, seu olhar lançando-se para Nico.

Inacreditável. A garota não sabe o quanto meu irmão está perdido para ela. Bem, talvez ele queira assim: como se fosse um pouco de poder ou

controle. Nico é definitivamente tão alfa quanto eles vêm. Ou talvez ele esteja muito ocupado e agora que estou aqui, ele pode mostrar a ela.

— Vejo vocês dois por aí. Ou talvez eu não vá. Acho que eu deveria estar aqui para que vocês possam passar mais tempo juntos. Eu balanço minhas sobrancelhas e Nico balança a cabeça.

— Saia.

— Saindo, — eu chamo por cima do ombro enquanto ando para o elevador, um sorriso puxando meus lábios.

CAPÍTULO NOVE

Corey

Acabei de ir trabalhar uma hora mais cedo. Me chame de louca, é como se o Bellissimo fosse meu vício. Mesmo depois de uma bebedeira de fim de semana, não consigo ficar longe.

Não tem nada a ver com não poder ficar longe de Stefano Tacone. Nada mesmo.

Meu estômago ainda está em um tornado por causa da visita do meu pai. E se Stefano descobrir? Devo confessar abertamente, do jeito que fiz com o trabalho dele?

Mas não, então realmente vai parecer que eu sou um rato. Quero dizer, eu jurei a ele que não tenho contato com meu pai e de repente ele está me visitando no minuto em que chego em casa? Não vai ficar bom para mim. Como nadar com os peixes ruins.

Eu entro pela entrada da garagem e guardo minha bolsa no meu armário.

— Você está adiantada — , diz o gerente de piso, Mac.

— Sim, eu posso começar agora, se você quiser. Caso contrário, vou ao Starbucks antes do meu turno.

— Você não fará nenhum dos dois. O Sr. Tacone disse que queria vê-lo em seu escritório no minuto em que você chegasse.

Meu coração começa a bater forte. — Qual Sr. Tacone?

— Stefano. O novo. — Mac estreita os olhos para mim. — Ele não puxou você do chão no sábado para dar um jogo privado ou algo assim?

Minhas mãos estão suadas. — Ah, sim. — Eu olho além de Mac, querendo fazer minha fuga.

— Bem, como foi? — ele exige.

Sério? Isso é o que estamos fazendo agora? Atirar a merda sobre jogos privados? Nós nem somos amigos.

— Foi bom. Meio abafado. Eu prefiro o chão, se eu pudesse escolher.

— Não tenho certeza. O que quer que o Sr. Taccone queira, certo? Agora eu acho que ele está me olhando de soslaio, como se estivesse sugerindo que eu dormi com Stefano para entrar nos jogos particulares. Se ele soubesse todas as merdas malucas que fiz com Stefano, ele estaria com o queixo no chão agora.

— Sim, bem, é melhor eu ir para o escritório dele, então, — eu digo, contornando o cara e indo para os escritórios de segurança.

Meu coração acelera ainda mais enquanto ando, mas mantenho minha cabeça erguida. O que quer que esteja esperando por mim lá, eu vou encarar. Talvez eu possa até falar do meu jeito.

Ou talvez ele me leve como prisioneira novamente. Eu nem faria barulho.

Mas não. Vi a fria precisão com que Stefano Taccone sacou uma arma e atirou em um cara, acertando-o bem no meio dos olhos. Ele não vai brincar se achar que sou um problema real.

Eu bato na porta de seu escritório e a abro em uma fresta.

Stefano se vira de onde está apoiado em sua mesa, falando com um dos gerentes. Não há piscadela. Nenhum sorriso. Apenas um olhar duro e um aceno afiado com a mão. — É isso, Joe. Volte para lá.

Joe se levanta e vai embora. Eu entro.

Stefano tranca a porta. Quando ele se vira e vem propositalmente em minha direção, eu tenho que trabalhar duro para não vacilar.

Mesmo quando ele me agarra pela cintura, ainda não consigo distinguir a diferença entre paixão e violência.

Mas então fica claro.

Seus lábios estão no meu pescoço, sua respiração quente contra minha pele. Ele me deposita na beirada de sua mesa e me empurra sobre ela. — Você é tão sortuda por ter vindo trabalhar cedo. — Suas mãos percorrem meus quadris para cima e para baixo, deslizando o tecido da minha minissaia preta até minha cintura.

Arrepios se espalharam pela minha pele. — Ah, sim, por que isso?

Ele dá um tapa na minha bunda, em seguida, esfrega a picada enquanto sua outra mão segura minha vagina. Ele bate e acalma novamente, desta vez na minha outra bochecha. Imagino as marcas de mãos gêmeas que ele deixou e minha boceta apertada. — Porque se eu tivesse que assistir você com essa saia a noite toda sem esvaziar minhas bolas, a foda que você faria no final da noite te deixaria incoerente. — Ele esfrega os dedos sobre o reforço úmido da minha calcinha.

Eu me contorço em sua mão. O sexo que tivemos esta manhã parece que foi há muito tempo. Ou pode ser que toda a tensão de ver meu pai e depois pensar que eu estava na merda com os Tacones está se transformando em energia sexual. Não importa o que seja, pegou fogo e está se acumulando no meu núcleo, atingindo meus mamilos.

Ele enfia os dedos sob o reforço da minha calcinha e acaricia minha mancha.

— O que é isso, Tacone? — Eu consigo ofegar. Se eu fosse inteligente, não deixaria isso acontecer. Acho que meio que esperava que nós dois fingíssemos que nada aconteceu.

Ele é meu chefe. Eu gosto do meu trabalho. Isso é um desastre esperando para ocorrer.

Ele aperta meu clitóris. — Este sou eu dobrando você sobre minha mesa para uma foda difícil. — Ele afunda um dedo na minha umidade. — Qualquer objeção? — Um segundo dedo.

Eu resisto contra seu toque habilidoso. Sim, recusar isso não é uma opção. Não porque estou me sentindo coagido. Porque eu preciso de tudo que ele está prestes a me dar. — Não — , eu engasgo.

— Bom. — Ele trabalha em mim com os dedos, mergulhando-os em mim, esfregando meu clitóris, batendo na minha bunda. Ele continua até eu ficar na ponta dos pés, as coxas tremendo de desejo.

Então ele arrasta minha calcinha até minhas coxas e desafivela o cinto.

Por um breve momento, a fantasia dele me chicoteando com isso passa pela minha mente. Eu nunca pensei que iria gostar de algo assim, mas Stefano Tacone faz isso certo. Minha bunda ainda está dolorida da surra que ele me deu ontem à noite, e eu ainda quero que ele me espanque mais.

Mas ele não está interessado em me punir esta noite. Ele rola um preservativo e pressiona a cabeça de seu pênis entre minhas pétalas, me separando.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior para abafar um gemido.

Ele entra devagar, me preenchendo, centímetro por centímetro.

Eu afundo minha parte inferior das costas, encorajando-o a afundar mais fundo.

Ele me tortura invertendo a direção, quase saindo antes de empurrar, um pouco mais longe desta vez.

Tudo que eu quero é que ele me espanque e me use rudemente. Como uma prostituta barata de Las Vegas que não vale nada mais do que seu corpo perfeito de Las Vegas.

E eu nunca me deixei acostumar.

Sempre.

Mas Stefano estava certo. Estar amarrada me libertou. E agora ele nem precisa de fita adesiva ou braçadeiras para eu voar. Meu corpo responde ao seu toque de comando. Eu o deixo me curvar e bater na minha bunda porque parece sujo e errado e perfeitamente certo ao mesmo tempo.

Ele bate mais forte e meus ossos do quadril rangem contra a madeira dura da mesa. Eu apoio minhas mãos na borda da mesa, tento manter meus quadris afastados. Stefano deve ver meu dilema, porque ele desliza o braço em volta dos meus quadris e o usa para amortecer minha pélvis.

A posição o aproxima, torna essa coisa menos humilhante. Mais íntimo.

Eu não posso decidir se eu gosto da mudança, mas então ele está empurrando em mim com golpes curtos e duros. Meus seios saltam com cada golpe atormentador, a respiração estrangula.

— Peça-me permissão para vir.

— Você me pergunta, — eu respondo, apenas para ser contrária. Só porque já dei muito de mim nessa troca.

Ele belisca um dos meus mamilos e torce, me fazendo suspirar. Um dedo da outra mão pousa sobre meu clitóris e ele esfrega com força. — Se você vier sem pedir, você vai estar lidando esta noite com uma bunda quente e latejante.

E isso quase me faz gozar. — Posso? — Eu deixo escapar porque eu seriamente não acho que posso segurar isso.

— Venha, *bela*. Goze todo o pau que possui você.

E era por isso que eu não queria implorar. Eu realmente não deveria deixar esse homem falar comigo dessa maneira. Mas eu já estou gozando, minha buceta apertando e liberando seu pau, ordenhando-o.

— Você é um idiota, Stefano Taccone. Como se diz *idiota* em italiano?

— Ainda é seu chefe, *Bella*. Ele agarra meus quadris e bate em mim, batendo na minha bunda com seus quadris, fazendo seu cinto chacoalhar em suas calças caídas. Ele me fode como um campeão até que ele também encontre seu pico e o atinja. Então ele bate fundo e fica lá.

— *Stronzo*.

— O que?

— *Stronzo* é idiota em italiano. Mas não estou lhe dando permissão para me chamar assim. — Ele puxa e joga a camisinha no cesto de papéis. Estremeço, pensando que cada funcionário que vier aqui esta noite vai ver.

Ele enfia seu pau para longe e afivela as calças, em seguida, recoloca minha calcinha e saia. Eu me viro e ele me pega pela cintura e me senta na mesa. — Você tem um problema sobre o qual precisamos conversar? — eu

ruborizo. Não, fora isso, estou trêmula e vulnerável por causa do sexo humilhante e quero ser abraçada. Mas isso não vai acontecer porque Stefano não é meu namorado, ele é meu chefe. E não estávamos fazendo amor, estávamos fodendo. Sobre sua mesa. Logo antes do meu turno. Então eu preciso me recompor e sair dançando de salto alto para dar algumas cartas.

Ele afasta meu cabelo do meu rosto e segura uma bochecha, me estudando.

Meu rosto aquece um pouco mais.

— Eu sou um idiota. Com certeza. Mas não quero desrespeitar. Eu realmente não quero.

Eu acredito nele. Talvez eu estivesse me sentindo desrespeitada por um minuto, mas era minha própria merda. Minha própria fantasia de ser usada por ele também se tornou um medo.

Ainda assim, preciso dar o fora deste escritório.

— Eu senti sua falta hoje, isso é tudo. — Ele acaricia minha bochecha com o polegar.

Arrepios aumentam na minha pele. Ele tinha que ir e dizer *isso* ?

Alguém bate na porta e eu tento pular da mesa, mas Stefano não me deixa. — Agora não, — ele grita bruscamente.

Ele tira um cartão-chave do bolso da calça e o enfia no bolso interno da minha jaqueta cortada. — Eu adoraria encontrar você na minha cama quando for para minha suíte hoje à noite. — Ele percebe meu olhar surpreso e o segura. Seus olhos castanhos escuros são piscinas quentes que eu quero mergulhar.

— Você está me dando a chave da sua suíte? — Parece-me bastante confiável, embora provavelmente não haja nada para roubar, exceto seus ternos de mil dólares.

— Eu prometo recompensas bonitas.

— Lindo, hein? Isso significa você? — Ele pisca seu sorriso digno de estrela de cinema. — Só se você quiser.

Então eu tenho uma escolha desta vez. Sem coação, apenas uma oferta. E é um que eu poderia ter que aceitar.



Stefano

Pode ser hora de admitir que estou obcecado .

Corey Simonson ficou sob minha pele de uma maneira grande e ruim. Eu a observo a noite toda — os movimentos hábeis de suas mãos com as cartas e fichas, seu manuseio confiante dos apostadores. Ela encanta a todos: homens, mulheres, velhos, jovens. Eles escolhem a mesa dela porque ela é bonita e ficam porque ela é magnética.

E eu quero aquele ímã virado para mim.

Para todo sempre.

Eu dei cerca de quarenta por cento de chance de Corey estar na minha suíte quando eu fui para a cama às 3:00 da manhã. Normalmente quando eu quero algo eu vou atrás disso, todas as armas em punho. Mas agora não é hora de pressionar Corey Simonson. Agora é a hora de dar a ela algum espaço, deixá-la escolher por conta própria. Eu sei que ela está atraída por

mim. Eu sei que ela gosta de sexo. Mas ela não gosta de ser empurrada. E eu já a tratei com muito disso.

Ainda assim, quase me matou não selar o acordo quando o turno dela acabou. Eu nem a segui, nem enviei outra pessoa para segui-la. Eu apenas deixei rolar.

No minuto em que entro na minha suíte, sei que ela está lá. Não sei como... o cheiro dela? Ou apenas sua energia? Não importa. Eu sei. Minhas narinas se dilatam de satisfação. Eu chuto meus sapatos e entro suavemente no quarto. Ela está enrolada de lado, seu cabelo caindo para trás de seu rosto e se acumulando no travesseiro atrás dela.

Eu puxo o lençol para baixo, suavemente.

Ela está nua. *Grazie Dio*. Eu amo essa mulher. Ela foi fodidamente feita para mim.

Eu tiro minhas roupas e subo ao lado dela. Meu pau está duro, mas não vou acordá-la. É o suficiente para saber que ela está aqui. Ela *escolheu* estar aqui desta vez.

Isso é tudo que importa.

Eu encaixo meu corpo nas costas dela e coloco um braço sobre sua cintura, resistindo ao desejo de segurar seu seio. Se eu for lá, todas as apostas serão canceladas. Eu vou prendê-la em sua barriga e empurrar até o sol nascer.

Ela murmura algo que termina com meu nome.

Eu fodidamente amo ouvi-la dizer isso em seu sono.

— O que é isso, *Bella* ?

— Estou dormindo com o chefe, — ela murmura em uma risada. — Grande erro, não é?

Meu peito aperta. — É, boneca? — Eu mordisco sua orelha. — Achei que você gostasse de sair da estrada principal.

Suas pálpebras estremecem e os lábios se curvam em um sorriso. — Mmm. — Ela volta a dormir, mas eu estou me gloriando no sorriso.

Porque eu sei que disse a coisa certa. Eu posso ser o cara errado — um Tacone. Problema. Mas ela não queria comum. Ela prefere emocionante.

Eu posso ser tudo isso e muito mais para ela. Tudo isso e muito mais.

CAPÍTULO DEZ

Stefano

Eu estou no chão, procurando por Corey. Ela não está atrasada, mas estou impaciente. Eu mandei uma mensagem para ela e disse que ela não estaria no chão esta noite e para usar um vestido. Ela não respondeu. Eu provavelmente deveria ter dado a ela um pouco mais. Ela está pensando que vou fazê-la negociar outro jogo privado, tenho certeza. Mas meus grandes planos para ela esta noite não envolvem ela negociar ou ficar no Bellissimo.

E então eu a vejo. *Madonna*, toda vez que a mulher entra em uma sala as cabeças se voltam e o que quer que esteja tocando no sistema de som se torna sua própria trilha sonora pessoal. Agora é uma música antiga de Pat Benatar e alguém precisa pegar um fã para correr na frente e soprar o cabelo de Corey para trás. Golpeie isso, seu cabelo está se movendo por conta própria, saltando e escovando seus seios convidativos.

Foram duas semanas de sexo louco. Deixo Corey definir o ritmo, ainda deixando claro que quero um pedaço dela a cada chance que tenho. Eu a encontro na minha cama pelo menos três noites por semana e sempre me certifico de recompensá-la por isso.

Orgasmos múltiplos e ofuscantes são apenas o começo. Eu a trato com serviço de quarto e reservo seus compromissos no spa ou no salão. Ela fez manicure/pedicure, tratamentos faciais, massagens, reflexologia. Comprei-lhe um anel de ouro e brincos de diamante para o segundo piercing em suas orelhas.

Esta noite ela está em um vestido azul safira, justo ao redor dos quadris com um decote em V profundo.

Eu vou direto para ela e pego sua mão. Ela lança um olhar ao redor.

— Eu não dou a mínima para quem nos vê, — eu rosno. Estou no limite porque faz trinta e seis horas desde que estive dentro dela. Além disso, estou nervoso com meus planos para a noite. Eles podem flopar. E não é como se eu me preocupasse com um encontro com uma garota, mas ei, essa mulher é diferente.

— Você pode não se importar, mas eu *trabalho* aqui, — ela reclama.

— Como se eles já não soubessem. — Eu a levo até a joalheria do cassino porque seu pescoço parece nu.

— O que estamos fazendo? — Ela toca os brincos de diamante que eu comprei para ela.

Eu caminho até o balcão enquanto o gerente se apressa com um sorriso afetado. — Aquele. — Aponto para um colar de opala azul engastado em ouro branco. É uma série de três peças descendentes, a maior no topo.

O gerente tira e me dá. Eu coloco em volta do pescoço de Corey e entrego a ela o espelho. — O que você acha?

Ela o toca duvidosamente. É difícil saber se ela não gosta, ou não quer aceitar o presente. Há sempre um ar ligeiramente desconfiado dela para qualquer coisa que eu faça, como se eu a estivesse enganando em algo.

Talvez eu esteja.

Seus olhos deslizam para as caixas de vidro. OK. Não é o colar certo. Eu a tiro dela, escaneando a mercadoria. Corey não parece interessado em nada. Talvez joias não sejam a praia dela. Isso não vai me impedir de tentar mimá-la, no entanto. Eu vejo uma peça incomum no canto. É uma coleira. Não realmente, mas pensar nisso dessa maneira me **faz brotar um chub**. Na

verdade, é uma bela peça com pedras da lua amarradas em uma delicada corrente de margaridas. Mas é curto. Gola de escravo curta. E a pequena corrente de ouro branco pendurada nas costas como uma coleira. Eu aponto para ele e o gerente se esforça para tirá-lo.

— Este é o único, — eu digo enquanto coloco em volta do pescoço de Corey. Ela não dá nem uma palavra. Eu quero que ela use minha coleira esta noite, e ela vai usar.

Ela toca com os dedos uma das pedras da lua. — É lindo.

Eu beijo o lugar onde o ombro encontra o pescoço. — Você é linda. Vamos, temos planos.

— Você quer que eu embale isso para você, Sr. Tacone? — o gerente pergunta. Sue, de acordo com seu crachá.

Eu balanço minha cabeça. — Não, obrigado, ela vai usá-lo. — Eu guio Corey para fora da loja e a direciono para os elevadores.

— É outro jogo? — A voz de Corey é tensa, e me atinge como um dois por quatro. Ela tem PTSD do último jogo.

Eu paro e a giro para me encarar. — Querida, o que aconteceu da última vez? Isso nunca mais vai acontecer. Essa era uma chance em mil, um problema que eu não esperava. Lamento que você teve que vê-lo. Sinto muito por ter colocado você em perigo.

Ela chupa sua bochecha. Ela pode acreditar em mim intelectualmente, mas ela ainda está tensa.

— Não há jogo privado esta noite. Não aqui, de qualquer maneira. E você não está negociando.

Surpresa pisca em seu rosto. — O que estamos fazendo, então?

Eu pisco e inclino minha cabeça em direção aos elevadores. — É uma surpresa. Vamos, *amore*. Eu não vou durar muito com você nesse vestido usando minha coleira.

Ela me permite levá-la até o elevador e não diz mais nada até chegarmos à garagem. Então ela toca o colar. — Eu sabia que era por isso que você escolheu este.

Eu puxo a corrente para trás. — Claro que você sabia.



Corey

Stefano me conduz até um Mercedes preto e ele dirige até o Venetian. Lanço-lhe um olhar interrogativo quando saímos do carro no posto de manobrista, mas ele apenas sorri e me acompanha.

Eu ainda estou confusa como o inferno quando ele me leva para a sala de pôquer, tira mil fichas e se senta em uma mesa de no hold'em.

— O que estamos fazendo? — Eu me inclino e sussurro.

— Estou testando suas habilidades no pôque, — ele murmura de volta, acenando para o dealer.

— Oh. — Eu sento mais alto. De repente estou intrigada, desafiada e acelerada. Este não é um negócio de máfia assustador para o qual ele está me puxando. Ele quer me ver jogar.

Eu não sei por que isso é excitante, mas é. Seu interesse em mim é sempre um encharcador de calcinhas, mas saber que vai além da minha boa aparência e se estende ao meu cérebro, minha habilidade, acende mais do que apenas minha libido. Ele ilumina minha alma esfarrapada.

Stefano pede um uísque e eu peço água tônica com limão. Eu preciso ficar afiada. Stefano é um jogador decente, mas parece mais interessado em me observar. Depois de algumas mãos, ele cede seu assento e fica por cima do meu ombro.

Demoro um pouco para me acostumar com isso. Perco cinquenta dólares (do dinheiro de Stefano, então quem se importa?) nos três primeiros jogos. Então eu paro de tentar tanto e vou com meu primeiro instinto em tudo.

Acontece que eu sou o jogador do intestino. Quem imaginaria? Achei que seria o cara cerebral.

Cinco jogos depois, estou ganhando trezentos.

— Vamos, — Stefano toca meu cotovelo. — Vamos colocá-la em um jogo maior. — Ele me leva a uma mesa mínima de cem dólares, onde eu ganho prontamente as próximas duas mãos.

Agora sinto a energia ao meu redor, do jeito que costumo ver com os apostadores intestinais. Vem em ondas: das pessoas ao meu redor, das cartas, dos meus oponentes, do dealer. Juro que até sinto isso vindo do chão, das cartas e, principalmente, de Stefano. Suas ondas são constantes. Os outros, têm depressões e vales. É assim que eu sei quando apostar. Quando segurar. A energia fica plana para mim, eu desisto. Fica suculento, aposto alto. E funciona. Todo. Porra. Tempo.

O dealer empurra pilhas de fichas na minha direção. Estou com três mil dólares. Eu recebo o empurrão para descontar. Olho para Stefano. — Devemos ir? —

Ele acena com a cabeça e eu empurro as fichas para o dealer para trocá-las por uma denominação mais alta. Ela empurra seis fichas de \$500 para mim.

— Isso é perigoso, Taccone, — digo enquanto caminhamos em direção ao posto de câmbio. Eu deslizo as fichas no bolso do terno. Ele me financiou, afinal, e eu estou no relógio para ele. Acho que ele fica com meus ganhos. Além disso, ele acabou de gastar quase mil dólares no meu colar – o que eu absolutamente amo.

— Como assim, *Bella* ?

— Gosto demais.

— Como eu?

Eu não consigo parar o sorriso puxando meus lábios. — *Assim* como você, uma aposta ruim.

— Mmm. — Ele entra na fila para sacar, batendo as fichas no bolso.

Mais uma vez, tenho a suspeita de que o ofendi. Stefano pode ser o bad boy, mas ele não aceita isso.

Ele saca e enfia o maço de centenas enroladas na minha bolsa.

— Obrigada. — Eu lanço um olhar para ele sob meus cílios enquanto ele me leva para fora. Eu não disse muito obrigado a ele. Eu tenho sido uma cadela, realmente. Começamos com o pé esquerdo e agora empurrar contra ele se tornou um hábito.

— Não me agradeça. Você ganhou.

Eu toco seu braço enquanto estamos no meio-fio do manobrista esperando o carro. — Quero dizer, obrigado por tudo. Por me trazer aqui. Mostrando-me o que é possível.

— Não desista de mim para entrar no circuito mundial de poker. —
Ele pisca.

Eu sorrio de volta. — Não desistirei. Mas eu quero totalmente entrar no circuito.

Stefano abre a porta do passageiro do Mercedes quando ele para no meio-fio. — Eu posso fazer isso acontecer.

Meu coração salta no meu peito. Quando ele chega ao lado do motorista e entra, tenho que perguntar: — Stefano?

Ele desliza seu olhar castanho quente para mim enquanto ele puxa para fora. — Sim, querida?

— O que estamos fazendo?

A princípio, acho que ele não vai entender a pergunta, mas depois vejo um músculo em sua mandíbula. Ele acelera o carro, aproximando-se do trânsito congestionado na pista, as luzes de neon lançando tons de rosa e azul nas janelas escuras do veículo de luxo.

— Não sei. — Sua voz é firme, tão diferente de suas habituais notas esfumaçadas.

Ouvir essa admissão, porque soa muito como a verdade, realmente me relaxa. Stefano não está jogando nenhum jogo. Ele não tem segundas intenções.

Ele está tão perdido para essas forças quanto eu.

Para a luxúria. A Atração. A atração magnética para ficar juntos, veja como essa coisa acaba.

Suas mãos seguram o volante com muita força. Está fora do caráter do homem suave e de fala mansa que conheci. Ele não fala o resto da viagem de

volta, mas quando ele estaciona no estacionamento privado do Bellissimo e desliga o carro, ele se vira para olhar para mim.

— Eu quero você, Corey, toda a porra do tempo. Eu preciso estar em você diariamente, mas não é só isso. Eu poderia sentar e apenas *assistir* você por horas. Inferno, eu acabei de fazer! Quero saber tudo o que se passa dentro dessa linda cabeça. Então o que é isso?

Minha respiração vem em ofegos rasos, eu não consigo fechar meus lábios. Ninguém ... *ninguém* nunca disse nada assim para mim antes. Não é açucarado, nem romântico. É cru e simples e honesto. Meus olhos ardem por um momento até eu me recuperar. Stefano sai do carro e bate a porta. Eu não consigo me mover até que ele se aproxime para abrir a minha e oferecer sua mão. Eu saio do carro.

— Não sei. Você tenta definir isso; não vai encaixar direito. Não sou eu que vou te dar a cerca branca. Eu sou o cara que quer puxar seu cabelo e dar um tapa na sua bunda e estragar você.

É quase demais olhar para o rosto de Stefano. A intensidade lá me balança.

— Mas você não quer normal, certo? — Há algo feroz e convincente na voz de Stefano.

Eu caio nele. Eu odeio minha fraqueza, mas estar no círculo de seus braços me faz forte novamente. Alivia os tremores da incerteza. Ele beija meu cabelo, sua mão em volta do meu pescoço e me segurando.

— Eu quero te levar lá em cima e espancar sua bunda vermelha... foda-se até você gritar. Então amarro você e faço tudo de novo. —

— Nós iremos? — Eu levanto meu rosto para o dele. Estamos nariz com nariz, tão perto que estou inalando seu hálito de uísque. — O que você está esperando? — Eu sussurro com a voz rouca.



Stefano

Estou louco para colocar meu pau em Corey, mas meu maldito telefone toca e é Leo.

— E aí? — Eu pego a mão de Corey e a empurro em direção ao elevador. Dentro, eu a empurro contra uma parede e pressiono meu corpo contra o dela, inclinando-me para acariciar seu pescoço.

— Os federais estão aqui. Eles querem questionar você e Corey Simonson.

Fanculo. — Onde eles estão?

— Escritório de Nico.

— Vamos subir em um minuto. — Eu desligo. Os olhos de Corey são do tamanho de pires. — Você ouviu?

Ela acena.

— Tudo do jeito que aconteceu. Donahue perdeu, ele saiu depois de Smith, não o vimos desde então. *capuchinho* ?

Ela arruma o rosto rapidamente e acena com a cabeça, já parecendo composta.

— Tem certeza ?

— Eu tenho isso — , diz ela, olhando para a frente.

Eu amaldiçoo baixinho. — Sinto muito que você tenha que fazer isso, Corey.

Um músculo em sua bochecha salta. — Sim eu também.

A distância entre nós aumenta, então, como uma maldita rachadura na terra. Ela está numa margem, eu na outra. Estamos falando com os federais. Pessoas que ela consegue. Ela se relaciona com. *Está* relacionado com. E eu sou o criminoso. Ela poderia me foder com uma palavra aqui. Eu sei que ela não vai. Ainda assim, estamos em equipes separadas. Estou pedindo a ela para trair sua equipe. Ela vai fazer isso por mim, porque... eu não sei. Eu gostaria de dizer que ela me ama, mas não tenho certeza se isso é verdade. Mas temos um vínculo, tenho certeza disso.

Entramos no escritório de Nico. Não estamos mais nos tocando: sem dar as mãos, sem ficar perto. O espaço físico entre nós não é nada comparado ao espaço psíquico.

Os olhos de Corey estão alertas, atentos. Ela recebe os agentes, aperta suas mãos. Acho que vejo o alívio registrado depois que ela os conhece, mas isso não faz sentido. Ela não conhece esses caras.

Eles a levam para uma sala e a questionam. Não demora muito: dez minutos, no máximo.

Quando ela sair, é a minha vez.

Entro e me sento em frente aos dois yahoos.

— Senhor. Tacone, estamos investigando o desaparecimento de Eric Donahue. O último lugar em que ele foi visto foi neste hotel na noite do dia 23. Você se lembra de ter visto o Sr. Donahue?

Eu concordo. — Sim. Eu o conheci quando ele estava saindo. Uma espécie de babaca.

O agente Spinelli levanta as sobrancelhas. — Oh sim? Como assim?

Eu dou de ombros. — Ele pensou que meu irmão estaria aqui jogando com ele. Ele não estava emocionado que era só eu e eu só entrei no final. Mas o que você pode fazer?

— Então o Sr. Donahue pagou e saiu depois que você parou. E depois? Você teve mais algum contato com ele?

— Nenhum.

— Seu irmão?

— Não que eu saiba. Você perguntou a ele?

Eles ignoram minha pergunta. — Você conhecia Donahue antes de conhecê-lo na noite do dia 23?

Eu balanço minha cabeça. — Nunca o conheci, nem tinha ouvido falar dele, exceto para ver que ele estava na lista para o jogo privado.

— Algo mais que você possa nos contar sobre Donahue? Seu comportamento, alguma coisa que ele mencionou?

— Não. Cara mediano. Não é um grande jogador. Ele perdeu, mas eu não diria que ele é do tipo suicida. Mas acho que nunca se sabe. — Eu dou de ombros.

— Tudo bem, isso é tudo, Sr. Taccone. Obrigada.

Eu saio do quarto. Corey não está nos escritórios, nem no corredor. Vou para o meu quarto, mas já sei que ela não estará lá.

Esta investigação traça uma linha na areia.

Ela está de um lado e eu do outro.



Corey

Dirijo para casa depois das perguntas dos federais porque estou muito abalada para ficar. O sexo quente com Stefano teria sido morno, na melhor das hipóteses.

Por que eles estavam nos questionando às onze da noite, afinal? Oh, talvez porque é quando o pessoal que trabalhou na noite em que o cara desapareceu está no cassino?

Meu pai não era um dos federais fazendo perguntas, o que foi um grande alívio. Eu realmente não poderia lidar com ele no mesmo prédio que Stefano. Acho que poderia entrar em combustão. Mas sua ausência é curiosa. Isso significa que ele está trabalhando disfarçado nisso?

Ou não é o caso dele e ele se ofereceu para me questionar porque sabe que eu trabalho aqui? Ou mais provavelmente, porque ele ouviu falar do noivado de Sondra?

Que idiota.

Meu telefone vibra enquanto destranco a porta da frente. É uma mensagem de Stefano.

Stefano: *Grrr*

Eu estou de pé do lado de fora da minha porta e olho para a tela, a culpa espirrando através de mim. Tivemos um encontro incrível. Eu o deixei totalmente desanimado.

Começo a mandar uma mensagem *pedindo desculpas*, mas mudo de ideia e aperto o botão de chamada.

— Corey. — Ele parece aliviado por eu ter ligado.

— Me desculpe, eu fugi. Eu só... estava nervoso e precisava me reagrupar. Eu larguei minha bolsa e as chaves na mesa e tirei meus saltos.

— Sim, eu entendo. Sinto muito que você teve que fazer isso por mim.

Para mim. Nosso relacionamento mudou o suficiente para que todas as pretensões de ameaças tenham desaparecido. Ele sabe que as coisas são pessoais agora. Eu estou fazendo isso por ele. Com certeza.

— Verificação de chuva? — Eu encho um copo com água gelada na minha cozinha.

— É claro. Amanhã à noite?

Ele está me perguntando. Pela primeira vez, Stefano Taccone está perguntando, não contando. É legal, não que eu me importe em contar, também. Combina com ele jogar o chefe e ele faz isso tão bem.

— Eu provavelmente deveria fazer alguns turnos para poder pagar meu aluguel.

— Você ainda está na folha de pagamento, baby. E você acabou de ganhar três mil esta noite.

— Ah, sim, — eu rio. Na verdade, eu tinha esquecido porque o dinheiro não parecia real para mim.

— Na próxima semana eu vou te colocar em um jogo de apostas altas. Veja se você pode ganhar muito.

A julgar pela forma como meu coração acelera e todo o meu corpo liga, eu diria que quero isso. Como Stefano sabe, não faço ideia. Ou talvez eu esteja apenas animada *porque* ele faz parte disso.

— Você realmente acha que eu posso fazer isso?

— Eu acho, — diz ele sem hesitação. — Mas não se trata de ganhar ou perder. Não é por isso que estou entrando em você.

— Porquê então?

— Eu acho que você vai gostar. Esticar-se um pouco. Usar seus talentos de uma nova maneira. Acho que pode ser divertido.

Meu peito ficou pegajoso e quente. Desde quando Stefano Taccone se preocupa com minha diversão? Sobre o meu sentimento de realização?

Eu experimento uma pontada de culpa e não lhe dou o mesmo tipo de pensamento. Tudo o que tenho feito é mantê-lo à distância. Barricando meu coração do sexy playboy do Bellissimo.

Mas ele não está agindo como um jogador.

Ele está agindo como um namorado.

Agora eu gostaria de ter passado a noite no Bellissimo.

— Obrigada. Significa muito para mim o que você está fazendo.

Eu ouço a expiração de Stefano pela linha. — Amanhã à noite, *amore*. Você pode me mostrar sua apreciação.

Minha risada soa rouca. Deito na cama e coloco a mão entre as pernas.

— Eu posso fazer isso.

— E espere punição. Você não me deixa na mão sem pagar penitência, *Bella*.

Minha boceta apertada. — Tenho certeza que você vai fazer disso uma boa lição, — eu ronrono.

Stefano xinga baixinho em italiano. — Você me mata, você sabe disso?

— É mútuo, — murmuro. — Vejo você amanhã. — Eu termino a ligação e caio de volta no meu travesseiro, trabalhando meus dedos entre as minhas pernas enquanto imagino meu amante sexy como o inferno.

É definitivamente mútuo, Stefano.

CAPÍTULO ONZE

Corey

— Por que você não se muda para cá? — Stefano me pergunta algumas semanas depois. Temos nos visto quase todos os dias, seja no trabalho ou quando ele me tira do horário e me leva para a cidade com ele. Graças ao seu interesse contínuo em me mostrar o que é possível, ganhei dez mil dólares na semana passada jogando poker.

Esta manhã, estou saindo de sua suíte para ir para casa e ele está mal-humorado com isso. Passo a noite na suíte dele três ou quatro noites por semana, mas ele está começando a me pressionar.

— O que há no seu pequeno apartamento de merda que você não tem aqui?

— Não seja um idiota, — eu murmuro, pulando para colocar meus saltos altos da noite passada.

— Não mesmo. — Ele dá um nó na gravata, completando o look de modelo masculino e quase arrancando um suspiro de mim. — O que é isso? Eu quero saber.

— Bem, uma cozinha totalmente equipada para um.

Seu rosto clareia. — Você gosta de cozinhar? — Ele parece tão feliz, eu quase coro.

— Sim. Eu gosto de saber exatamente o que estou colocando na minha boca.

Ele sorri. — Ah. Entendo. Você precisa controlar o que você come.

Eu pego uma de suas meias enroladas no chão e jogo na cabeça dele.

— Estou certo, não estou?

— Cale-se.

Ele sorri. — Então você quer uma cozinha. Vamos chutar Leo e Tony para fora do andar de cima e voltar para o meu lugar lá em cima. Então você ficaria?

Eu ruborizo um pouco mais. Ainda não estou pronta para fazer esse tipo de movimento com Stefano. Isso é muito intenso. Muito rápido. Eu não sou alguém que confia rápido e definitivamente não dou meu coração fácil. Na verdade, não tenho certeza se já desisti. Eu provavelmente tenho que agradecer ao meu pai por isso também.

O sorriso de Stefano desaparece. — Arrume suas coisas, você está se mudando. — Sua voz se transformou em tons exigentes de chefe imbecil.

— Você ordenando isso não faz acontecer, — eu corto de volta.

— *Cuore mio*. — Ele caminha em minha direção, sua voz suave e perigosa, seu passo como o de uma pantera. Ele me pega pela cintura e senta minha bunda na mesa. — Vai acontecer. — Ele abre minhas coxas e traz o polegar para o meu clitóris através do meu jeans. — Quanto menos resistência você oferecer, maior será a recompensa. — Ele belisca um mamilo através da minha camisa e sutiã. Seus dentes roçam meu ombro. — Você me dá problemas? Vai haver punição. O relógio começa agora. Você tem quarenta e oito horas para deixar suas coisas prontas. A cada hora que você atrasa depois disso? Eu vou fazer você pagar. — Ele mordisca minha orelha. — Pense nisso, *amore*. Ele segura meu queixo e me beija com força. — Você precisa de ajuda para fazer as malas, vou enviar alguns caras. Basta dizer a palavra. Mas isso está acontecendo.

Eu pisco para ele. Parte de mim quer ceder. O que está me segurando, afinal? Mas se envolver com Stefano parece muito assustador. O que acontece quando as coisas vão para o sul? Não terei meu próprio lugar para morar. Ficarei desempregada.

Ele esfrega meu clitóris e puxa meu mamilo ao mesmo tempo e eu abro mais meus joelhos, precisando de mais agora. Eu alcanço a protuberância em suas calças e aperto.

Stefano abre o botão do meu jeans e me puxa para fora da mesa para deslizar meu jeans e calcinha abaixo da minha bunda. Ele pressiona um dedo dentro de mim, depois um segundo. Eu me contorço quando ele retoma sua tortura do meu mamilo, empurrando seus dedos ao mesmo tempo. Quando ele traz o polegar para o meu clitóris, eu agarro sua mão, tentando empurrar seus dedos mais fundo.

Ele os retira e os coloca na boca, me saboreando.

Eu espero, ofegante. Tenho certeza que ele vai me foder agora. Puxe seu pau para fora e me dê duro e duro, como ele sempre faz, mas em vez disso ele dá um tapa na minha boceta. — Nenhum orgasmo para você, e não ouse tentar se dar um. Essa buceta me pertence.

Um pico de raiva incandescente passa por mim. Sim, ruiva. Eu o encaro enquanto puxo minhas calças para cima. — Foda-se, Tacone.

— Ei. — Ele pega meu braço. Registro alarme em seu rosto, arrependimento mesmo, mas não me importo. Provavelmente é apenas a frustração sexual, mas estou chateada. Pronta para dar uma joelhada nas bolas dele novamente, chateada.

Embora eu não faria isso com ele novamente.

– *Ei.* – Ele combina com a minha intensidade, me girando e prendendo meus braços atrás das costas. Ele empurra meu torso para baixo sobre a mesa e bate na minha bunda.

– Stefano, – eu cerro os dentes.

Ele me bate novamente. – Sim?

– É melhor você me foder agora ou eu nunca vou falar com você de novo.

Ele não responde, mas começa a me bater, forte e rápido.

É exatamente o que eu preciso, os tapas afiados combinando com meu fogo, me encontrando, canalizando minha fúria em algo mais sensual. Mais satisfatório.

Eu luto, não porque quero fugir, mas porque ele está certo; Eu gosto de ser mantida em cativeiro. Gosto de saber que não posso fugir, de sentir sua força, de me entregar à sua vontade, que sei que me deixará satisfeita.

Ele não para, não até minha bunda queimar, mesmo com a proteção do meu jeans. Uma mistura de triunfo e alívio corre através de mim quando ele finalmente libera meus braços e abre o botão do meu jeans, a protuberância de seu pau pressionado insistentemente contra minha bunda.

Vibrações florescem na minha barriga. Stefano empurra minha calça e calcinha para baixo uma segunda vez, então me dá um tapa entre as pernas.

Eu gemo. Eu nem mesmo registro o tapa como dor. É tudo um meio de liberação, de satisfação. – Por favor, – eu murmuro. Acho que toda a minha arrogância se foi. Eu sou dele agora, bastou uma surra. Ou saber que em breve terei o que preciso.

Eu ouço o barulho do papel alumínio enquanto Stefano se certifica de me proteger, e então ele entra com tudo. Eu suspiro com a sensação de estar quase dividida em dois. Stefano estremece, permanecendo enterrado em mim. Se é para eu me ajustar ou para ele, não posso ter certeza. Uma coisa eu sei, quando ele começar, ele vai trazer.

Ele agarra meus quadris e, como esperado, recua e bate forte novamente. O ritmo que ele estabelece é rápido e brutal. Minhas mãos voam para a mesa para me preparar, levantar meu rosto da mesa antes que eu me machuque.

Eu afundo na experiência, me entrego completamente perdido nas ondas de sensação que caem em cascata através de mim. O telefone voa da mesa. Um bloco de notas, meu carregador de telefone. Eu preciso gozar e não quero que acabe.

Stefano muda para impulsos rápidos para cima, mudando o ângulo para me encher ainda mais.

Eu gemo e lamento, empurro meu torso para cima, então estou me apoiando em minhas mãos. Olho por cima do ombro para ele, já com pena do meu temperamento. Querendo ter certeza de que ele não está bravo.

Ele está. Sua mandíbula flexiona, os olhos são negros e implacáveis. Ele pega meu cabelo em seu punho e puxa minha boca de volta para a dele, arrastando seus lábios nos meus. Eu o beijo de volta, ansiosa para dar agora, querendo acelerar sua satisfação para que eu consiga a minha.

Preciso.

Devo.

Por favor.

— Stefano, — eu ofego quando ele quebra o beijo.

— Diga-me que você está se mudando. — Seus tons guturais são duros, mais um rosnado do que palavras. Seus lombos batem em minha bunda dolorida com impulso após impulso forte.

— Ok! — Eu me rendo. — Sim, eu vou me mudar.

— *Agora* — , ele exige. Ele está totalmente chateado.

— Agora sim.

Lágrimas cravam meus olhos por uma razão que não consigo compreender completamente, mas Stefano vem e ele aperta meu clitóris e um mamilo ao mesmo tempo, então eu gozo também. Eu lanço minha cabeça para trás em um grito estrangulado, meu corpo resistindo contra o dele, minha boceta ordenhando seu pau por tudo o que vale.

Stefano gentil, acariciando uma mão para cima e para baixo na minha garganta enquanto ainda está enterrado dentro de mim. Ele beija o lado do meu rosto e eu me afasto.

— Estou mantendo meu apartamento, — eu digo, como se eu fosse uma criança que tem que ganhar um pequeno ponto.

Stefano puxa e joga fora o preservativo enquanto eu puxo minhas calças de volta e fecho-as. Quando ele volta, ele me gira e embala minha cabeça. Ele me beija uma vez, sensualmente, seus lábios deslizando sobre os meus.

— Ok. Entendo. Você precisa saber que tem para onde ir se isso não der certo. — Ele observa meu rosto de perto e deve ver a confirmação lá, porque ele balança a cabeça. — Você faz o que precisa fazer. Mas se você acha que eu não quero queimar esse maldito lugar, você está delirando.

Meu lábio se curva. — Por que? — Eu exijo.

— Você morou lá com seu *testa di cazzo* ex. Eu não gosto que você esteja lá.

Admito que estou surpresa. Stefano não demonstrou ciúmes antes. Eu acho que ele está confiante o suficiente, ele não precisa se preocupar. Talvez eu tenha lido errado.

— Era minha casa antes de ele morar lá. Eu paguei o aluguel. Eu limpei. Ele era apenas um idiota que morou lá por um tempo.

— Ok. — Stefano ainda não parece feliz, mas está concedendo. Ele acaricia minha bochecha com o polegar. — Você está bem?

Eu dou um sorriso irônico. — Você quer dizer se minha bunda está bem?

— Não, quero dizer nós. Estamos bem?

— Porque você acabou de me empurrar para o que você quer?

Ele estremece.

Eu me aproximo dele, mesmo que estejamos em pé de igual para igual.

— Não sei. Eu me sinto um pouco crua.

Ele imediatamente envolve seus braços em volta de mim e me puxa contra seu peito. — Sim, eu também — , ele sussurra contra o meu cabelo.

Eu me inclino em sua força, imaginando como me tornei a maior covarde da face da Terra. Por que eu tenho tantas barreiras levantadas? O que tenho medo de perder — meu coração? Meu orgulho? Eles são tão importantes?

— Você quer que eu te ajude a fazer as malas?

— Como você pessoalmente? Ou você vai mandar alguém?

— Eu pessoalmente. Eu e você, juntando suas coisas.

Parece ótimo, na verdade. Uma dor na bunda, mas ótimo. — Sim, eu gostaria disso.

Ele me libera do abraço para acariciar meu cabelo para trás do meu rosto. — Ok. Vamos lá.



Stefano

Estou alegre como o inferno embalando as merdas de Corey naquela tarde. Sim, eu fui um idiota sobre isso e me sinto mal, mas eu ganhei. Ela está dando algo mais de si mesma para mim.

E sim, eu ainda sei que nosso relacionamento é complicado pra caramba, considerando quem são nossos pais, mas não quero me preocupar com isso agora. Tudo o que me importa é me aproximar de Corey. Entrando na cabeça dela. Tê-la perto de mim o tempo todo.

Às quatro horas recebo uma mensagem de Junior, meu irmão mais velho.

Che due coglioni! Eu gemo quando leio.

Corey torce de onde ela está. — O que é isso?

— Meu maldito irmão.

— O que Nico disse?

Eu rosno e enfio meus dedos pelo meu cabelo. — Não Nico. Junior — o *stronzo mais velho*. Ele diz que está trazendo todos os caras para Vegas neste fim de semana para a despedida de solteiro de Nico.

Corey se endireita. — Eu não sabia que Nico estava dando uma despedida de solteiro neste fim de semana.

— Sim, ele não estava, — eu resmungo.

Porra Júnior.

— Ah. É uma emboscada surpresa.

Eu lanço um olhar para ela, surpresa que ela entenda. — Exatamente. E eu tenho que preparar tudo.

— Este é o irmão que tentou matar Nico quando eles estavam em Chicago?

— Não tentou, — eu corrijo. Júnior não tenta. Ele não falha. Ele faz o que diabos ele quer fazer, assim como nosso pai. — Ameaçador.

— Sinto muito, — diz ela simplesmente. — Família é uma merda.

— Subestimação. — Minha família vive e respira por *La Famiglia*. O sangue é importante. Só a família pode ser confiável.

Supostamente.

E foi o dinheiro da família que financiou o Bellissimo, ajudou Nico a gerar milhões. Mas quando você teme por sua vida só porque quer se casar com a mulher de sua escolha?

Isso é simplesmente fodido.

Então Junior trazer todo mundo para uma despedida de solteiro não é para ajudar a comemorar com Nico. É usá-lo na melhor das hipóteses. Eles vão transformar o casamento em toda forma de tática de negócios que eles precisam que seja. Engraxar rodas, um prazo para quem lhes deve dinheiro.

Espera-se que Nico se comporte como um macaco treinado. Aja como um anfitrião jovial para todos, tome uma posição quando necessário. Ele vai aceitar bem. Ele vai fazer a sua parte. E eu também, claro.

Porque realmente... que outra escolha temos?

CAPÍTULO DOZE

Corey

Eu estou em um dos meus vestidos vermelhos, embaralhando cartas, esperando a festa começar. Estamos em uma das salas de conferência no terceiro andar, mas esta noite foi montada como uma sala privada, com sofás e mesas. Uma mesa de bufê de comida de festa é colocada contra uma parede e um barman fica em posição de sentido atrás de um bar.

Nico me ligou ontem à noite, depois que Stefano e eu terminamos de levar todas as minhas roupas e itens pessoais para uma das suítes da cobertura.

— Eu preciso que você faça algo por mim, — disse ele, sem qualquer preâmbulo. Stefano estava no chão, trabalhando e eu ainda estava desempacotando e arrumando as coisas. Nico não tinha me ligado antes, exceto quando Sondra terminou com ele e foi para casa em Michigan. Então ele montou minha bunda sem parar tentando me fazer dizer a ele onde ela estava.

— Ok. O que seria?

— Eu preciso que você negocie um show privado amanhã à noite. Uma despedida de solteiro.

— *Sua* despedida de solteiro?

— Sim. — Ele parecia exasperado, mas eu não pensei comigo.

— Bem, você é o chefe. Diga-me quando e onde e eu estarei lá.

— Vou mandar uma mensagem com os detalhes. Ainda não contei ao Stefano, mas preciso que você esteja lá.

Tento ler nas entrelinhas. Por que ele precisa de *mim* ? *Oh*. Isso é muito doce.

— Para deixar a mente de Sondra à vontade? — Eu perguntei.

— Certo. Não vai ser bonito: strippers e prostitutas e charutos. Eu não quero que ela se preocupe. *capuchinho* ?

— Sem problemas. Eu serei seus olhos e ouvidos. Ela pode contar comigo.

— Ok garota. Agora não deixe Stefano mudar seus planos. Eu preciso de você lá, eu não dou a mínima se ele se opuser.

Ele desligou antes que eu pudesse questionar por que Stefano se oporia. É melhor não ser porque ele queria festejar com strippers.

Uma sensação incômoda percorreu minha barriga porque eu podia imaginar tudo com muita facilidade. Stefano com um braço em volta de uma vadia de cada lado. Stefano tendo seu pau chupado por um enquanto dava um tapa na bunda de outra.

Mas não. Ele estava tudo menos animado com essa despedida de solteiro. E um homem com sua aparência e personalidade nunca teria que pagar por sexo.

Nico estava certo, no entanto. Stefano ficou chateado quando descobriu que estou negociando para esta noite. Mesmo agora, enquanto ele anda rapidamente, latindo ordens e resolvendo as coisas, posso ver que ele está tenso. Ele parece zangado comigo, mas estou tentando não levar para o lado pessoal.

Eu sei como é com a família.

Eu nunca sou Miss Sunshine perto do meu pai. Ou minha mãe, mesmo que eu a ame. Talvez eu me ressentisse dela por ser um capacho para meu pai, por ter se casado com ele em primeiro lugar. Eu não sei o que é, mas ela me deixa maluca também.

A porta se abre e Nico entra primeiro, seguido por um fluxo de italianos — dezenas deles. A maioria parece mais velha que Nico e Stefano, mas há alguns caras mais jovens também. Eles já estão bebendo. Talvez eles tenham começado em um bar lá embaixo.

— Stefano, onde estão as meninas? — um cara cerca de dez anos mais velho do que Nico exige. Ele pronuncia o nome de Stefano com sotaque italiano, então é STAY-fano em vez de STEH-fano.

— Dez minutos, Junior, — Stefano chama de volta, seu sorriso afável no lugar, mesmo que eu possa dizer que é falso. Ele aumenta a música, abaixa as luzes e vira seu olhar para mim. Ele foi quase seco a noite toda, e agora ele faz uma careta.

Eu dou a ele o *quê?* encolhe os ombros e balança a cabeça.

Duas horas depois, a festa está totalmente fora de controle. Garotas de topless em nada mais do que tangas cavalgam nos sofás e cadeiras. Uma delas foi fodida bem na frente de todo o grupo.

— Você coloca seu pau em uma garota, você está pagando extra — , Stefano gritou com uma risada estridente. — Só estou pagando pelo strip-tease.

Sondra ficará aliviada ao saber que Nico nem olhou para uma garota. Ela não é do tipo ciumenta, mas ela tem um histórico com homens que traem,

e então Nico não mencionou que ele tinha um contrato de casamento com outra mulher quando eles começaram a namorar, então é um ponto sensível.

Os visitantes estão todos se divertindo muito. Os caras que reconheço do cassino — os que moram aqui em Vegas — não se impressionam com todo o caso. Todos eles parecem estar trabalhando esta noite ao invés de aproveitar o evento.

O grande guarda-costas de Nico, Tony, fica em posição de sentido na porta, avançando para interferir toda vez que um cara fica muito rude ou manuseado com uma garota. Percebo que ninguém lhe dá nenhuma merda de volta. Claro, ele é um monstro enorme. Considerando o quão protetor ele é com as mulheres, eu acho que ele é realmente um grande mole. Falei com ele algumas vezes e ele parecia um cara de pé.

Estou administrando há duas horas seguidas e estou pronta para uma pausa, mas não acho que alguém vá me substituir em breve.

O cara à minha direita fica mais alto e mais acessível a cada nova bebida, a cada momento que passa.

— Bata-me de novo, linda, — ele insulta, e apalpa minha bunda. Seu tatear não é novidade e eu me afasto de seu alcance. Desta vez, porém, ele fica agressivo e avança para dar um tapa na minha bunda. — Não se afaste quando estou falando com você.

Estou irritada, mas não muito preocupada. Tudo o que tenho que fazer é chamar a atenção de Tony se o problema continuar.

Felizmente, Nico aparece atrás do cara e agarra seu ombro. — Ei, tire essa mão; ela não é uma stripper.

— Ah, vamos lá. Ela é perfeita! — O idiota se levanta e vem para mim, agarrando meus seios.

Nico puxa a gola do cara, mas Stefano chega como um tornado, empurrando o cara para trás e socando-o com um gancho de direita perverso.

Eu me esquivo de seu corpo tombado e ele bate no meu lado da mesa.

— Ei, ei. — Nico joga um braço em volta do peito de Stefano e o puxa de volta. — Vá com calma. — A expressão de Stefano é uma tempestade escura. Seu olhar negro está focado em meu apalpador. Ele não está nem perto de terminar.

— Stefano! — Eu estalo, esperando trazê-lo de volta.

Ele continua lutando por sua liberdade.

— O suficiente! — Nico aconselha. — Ele não sabia que ela pertence a você. Agora ele sabe. Respire, porra.

Pertence a você. É assim que esses caras pensam. Como uma mulher é um pedaço de propriedade.

— Esta é a sua garota? — o cara zomba, apontando de mim para Stefano. — Por que diabos você a teria como entretenimento em uma porra de uma despedida de solteiro? Ela é uma prostituta?

Stefano enlouquece novamente e Nico o solta. Stefano derruba o cara, derrubando-o na mesa novamente, então ele segura sua camisa e soca sua mandíbula novamente. Juro que Nico leva seu tempo antes que ele e Tony o tirem.

— Sério, Bobby? É isso que você quer dizer ao meu irmão quando ele já quer enfiar suas bolas na sua bunda? diz Nico. Ele está todo calmo e no controle enquanto Stefano é um touro furioso.

Os caras todos riem.

— Peça desculpas a ela. — Cospe moscas da boca de Stefano.

O cara limpa o sangue com um sorriso estúpido no rosto.

Stefano ataca novamente. — Eu disse.

— Sim, sim, eu ouvi você. Sinto muito, senhorita...

— Simonson, — Nico fornece.

— Simonson, — Tony repete como se o idiota devesse reconhecer o nome. Quero dizer, ele deveria, mas claramente ele está bêbado e provavelmente estúpido para começar, então eu não acho que ele vá. — Ela é a porra da prima da noiva, e agora você sabe por que ela está aqui, *coglione*. — Tony completa. — Ela está espionando Nico. Então coloque seu pau de lado e aja como um cavalheiro.

— Tire ela daqui, — Nico diz, finalmente liberando Stefano.

Fúria ainda em sua expressão, ele estende a mão.

Eu a pego e permito que ele me conduza para fora da sala.



Stefano

Estou muito chateado para ver direito. Aquele *testa di cazzo* tinha suas malditas patas em toda Corey, e eu ainda quero matá-lo.

E estou chateado comigo mesmo por perder minha merda.

Eu não queria que Corey me visse assim. Nunca.

Este é um lado de mim que eu preferiria que não existisse, o temperamento de Taccone. Uma herança do lado do meu pai, ou talvez simplesmente alimentada em mim através da exposição à violência desde tenra idade.

Tenho tentado fazer Corey acreditar que sou outra coisa. Algo além de um mafioso obscuro. Algo sofisticado, confiável e honesto.

Mas Junior teve que ir até a cidade com todo o bando de *guidos* e me expor pelo que sou.

Um deles.

Chauvinistas, paternalistas, bastardos decadentes de classe baixa que apalpam prostitutas e agem como idiotas.

— Ei, — Corey diz suavemente quando entramos no elevador.

Não consigo nem olhar para ela. Estou tão envergonhado. Com vergonha e com raiva. Eu ando ao redor do pequeno elevador, apunhalando meus dedos pelo meu cabelo.

— Ei, — ela repete, agarrando as lapelas da minha jaqueta e entrando no meu espaço. Ela deixa cair a mão para segurar minhas bolas e de repente estou ligado.

Lutar já me dá um pé no pau, então é fácil mudar de lutar para foder. Meu pau balança em sua mão e eu a giro e a prendo contra a parede do elevador. As portas batem e abrem no nosso andar, mas eu aperto o botão do telhado, e elas fecham novamente.

— Coloque essas pernas longas em volta da minha cintura, — eu rosno como se ela estivesse em apuros, quando na verdade, eu sou o cara que deveria estar de joelhos agora.

Ela obedece e eu empurro no entalhe entre suas pernas, o calor úmido de sua boceta fornecendo o farol para o meu pau dolorido.

As portas do elevador se abrem e eu a carrego para fora, direto para o telhado. O Bellissimo tem um restaurante no terraço alguns andares abaixo, mas esse telhado é utilitário, com HVAC, sistemas mecânicos e outros equipamentos. Eu a empurro contra a unidade HVAC e abro meu zíper para liberar minha ereção.

Eu rasgo sua calcinha com um puxão que a faz gritar e então estou dentro dela, afundando em seu calor.

Estou sem mente com a necessidade, empurrando como se minha vida dependesse disso. Como se eu fosse fundo o suficiente, eu pudesse apagar todas as mágoas e raivas que já sofri. Como se a buceta dela fosse a base e se eu pudesse ir mais fundo, apenas reivindicá-la completamente, eu terei vencido.

Corey envolve seus braços em volta do meu pescoço, se agarra e me monta, seus quadris inclinados para me levar mais fundo, seus pequenos gemidos e chora a trilha sonora da minha luxúria.

— Eu preciso de você, baby, — murmuro, frenético para apenas fodê-la mais forte, apenas ir mais fundo.

— Eu sei, eu sei, — ela ofega.

Eu me inclino e mordo seu pescoço, seguro com meus dentes, fazendo-a gemer na próxima estocada.

E então eu vou embora.

O calor pisca na base da minha coluna, minhas bolas apertam.

Eu perco minha visão, ou talvez eu feche meus olhos, eu não posso dizer, mas tudo fica preto, estrelas explodem da periferia enquanto eu rujo alto o suficiente para toda a porra de Las Vegas ouvir.

Corey grita também e eu gozo, esvaziando dentro dela, sua buceta ordenhando

Ah foda-se.

Eu puxo para fora, vindo na parede entre suas coxas, em seu vestido, na minha mão. Seus pés caem abruptamente no chão

— Foda-se, bebê. Eu não te protegi. Eu sinto muito. Perdi a cabeça.

— Está bem; estamos bem. Tomei a pílula na semana passada.

Eu caio em alívio. — Estou limpo. Eu juro para você.

— Eu também. Acabei de ser verificada.

— *Grazie Dio*. Eu inclino minha testa contra a dela. Por um momento eu fico lá, apenas respirando sua respiração, mantendo nossa conexão. — Sinto muito que você me viu assim. Estou envergonhado, Corey.

Ela envolve os braços em volta da minha cabeça, enterrando os dedos no meu cabelo. — Você está de brincadeira? — Ela massageia meu couro cabeludo, olha para mim com seus olhos azuis elétricos. — Ninguém nunca me defendeu antes. Eu não sou o tipo de garota que se faz de donzela em perigo, na verdade, parte de mim quer repreender você por supor que eu não poderia lidar com isso sozinha. Mas, Stefano, estou quase desmaiando agora. Você é um cavaleiro na porra de uma armadura brilhante.

Eu acaricio os lados de sua cintura, tentando conter minha raiva sobre suas primeiras palavras, *ninguém nunca a defendeu antes*. Como pode ser? Não é um pai? Um amigo? — Acho que as pessoas geralmente assumem que você

pode lidar com as coisas por conta própria. Inferno, eu *sei* que você pode. Mas isso não significa que eu não vou balançar para você todas as vezes.

Ela traça as unhas pelos lados do meu pescoço. — Desmaiei, — ela murmura.

— Sim, baby, eu vou fazer você desmaiar. — Eu enrolo meu antebraço sob seus joelhos e a arrasto no ar, estilo donzela. — Deixe-me levá-lo de volta para a minha cama.

Ela ri — um som rouco — e beija meu pescoço.

Eu a carrego para o elevador e me recuso a colocá-la no chão. Mesmo quando entramos em nossa suíte, continuo segurando-a, trazendo-a para a varanda, onde me sento no sofá de vime e a coloco no meu colo.

Eu acaricio suas costas, consternado ao descobrir que está coberto de pequenos arranhões da parede do HVAC.

— Ninguém nunca te defendeu? — Eu pergunto. — Mesmo quando você era pequena?

Ela suspira. — Minha mãe é um capacho. É por isso que ela se casou com meu pai idiota, eu acho. Os pais de Sondra ficaram de fora. Acho que meu pai os intimidou também. Sondra teria me defendido, mas sou um ano mais velha, então sempre fui a sabe-tudo. Eu não a deixei me nutrir muito. Sempre foi o contrário .

Eu beijo seu ombro.

— Quem era aquele cara, afinal? Alguém com quem você precisa se preocupar em irritar?

Eu zombo. — Não. Ele é algum primo. Ninguém importante. É por isso que Nico me deixou dar alguns golpes. — Falando em Nico, eu sou um

idiota para fazê-lo terminar a merda em sua própria despedida de solteiro. Pego meu telefone e mando uma mensagem de desculpas.

Corey me observa. — Você e Nico são próximos.

— Sim. Muito mais perto do que estamos de nossos irmãos mais velhos. Nico foi meu defensor crescendo. Ele me protegeu. Somos diferentes do resto deles, pelo menos gosto de pensar assim. Não levamos para os negócios da família, mesmo que tenham sido empurrados goela abaixo. Honestamente, acho que Nico começou a traçar o plano para o Bellissimo no ensino médio. Tentando planejar seu caminho para um futuro diferente. E tenho sorte que ele me levou com ele.

— Você estava aqui desde o começo?

Eu concordo. Ainda me lembro de ter iniciado esse projeto — Nico e eu aparecendo para supervisionar os empreiteiros. — Eu fui puxado de volta para a merda da família dois anos atrás e tive que ir para Chicago. Depois a Sicília.

— E você está de volta para ficar agora? — Ela se move no meu colo para pegar meus olhos.

Ela está perguntando sobre o nosso futuro?

Podemos até ter um?

— Sim. Se Nico precisar de ajuda, ninguém mais na família pode me afastar. Os lucros de Nico superam tudo, então ele pode exigir os soldados de que precisa.

Meu telefone vibra e eu verifico a mensagem. É do Nico. Estou indo embora. Eles estão com cara de merda demais para notar. Tony vai ficar para ficar de olho nas coisas.

Estou aliviada por ele não ter exigido que eu voltasse. Eu deveria oferecer, mas eu não quero. Eu só quero segurar Corey. Compartilhar segredos com ela. Quebrar nossa nova cama.

Corey desce do meu colo. — Você tem que voltar lá embaixo?

Eu me levanto e envolvo meu braço em volta da cintura dela por trás, puxo-a de volta contra mim. — Não. Vou ficar aqui com você, *Bella*.

— Bom, — ,ela murmura. — Vamos para a cama.

CAPÍTULO TREZE

Corey

— Diga-me que esta não é uma experiência surreal para você. — Ajeito o vestido de noiva de Sondra nas costas e sirvo duas taças de champanhe. Estamos em sua suíte nupcial, esperando a cerimônia começar.

— Fora do corpo, — ela confirma. — Por que não fugimos? Isso é uma loucura. — Ela fica linda em um corpete transparente com as costas abertas, o cabelo solto e solto. O buquê é de rosas cor de champanhe. Estou em um vestido de cocktail azul meia-noite, ajustado sobre os quadris com um flare na panturrilha.

O casamento de Nico e Sondra é um evento noturno, no último andar de um dos hotéis mais luxuosos de Chicago. Nico contratou um planejador de casamentos que consultou Sondra, então estamos bem livres de estresse, além de ter que lidar com os dois conjuntos de famílias que não poderiam ser mais diferentes.

Pelo menos meu pai não foi convidado. Os pais de Sondra pressionaram ela com força, mas ela não se mexeu. Claro, deixá-lo fora da lista de convidados não era apenas para mim. É para toda a família Tacone que não apreciaria a presença de um federal em qualquer reunião de família.

Mas mesmo sem aquele estressor digno de filme, misturar a família do meio-oeste de Sondra com o clã Tacone é bastante hilário. Se você tem senso de humor. No qual estamos trabalhando.

Eu entrego a ela uma taça de champanhe e brindo com a minha. — Beba. Isso vai ajudar. Eu prometo.

Ela dá uma risada nervosa e nós dois bebemos. Acho que estamos compensando a falta de uma despedida de solteira agora. Nico tentou afastar as garotas estereotipadas de Las Vegas, mandando-nos para uma semana de spa no elegante resort Miraval em Tucson. Eu tenho que dizer que foi muito melhor do que qualquer coisa que eu teria planejado.

Uma batida soa na porta e eu atendo. Stefano está encostado no batente da porta em um smoking perfeitamente ajustado, parecendo digno de GQ. — Ei, *bela*. — Ele me dá um sorriso preguiçoso. — As senhoras estão prontas? O show está prestes a começar.

Pego nossos buquês e entrego o dela para Sondra. — Prontos como sempre estaremos. — Eu saio em meus saltos tingidos para combinar, que parecem ser meio tamanho pequenos demais.

Nós nos dirigimos para as portas para a nossa grande entrada. Há uma adorável florista e dois pequenos portadores de anéis. Sondra disse que a Sra. Taccone quase teve um colapso, querendo que todos os membros da família estivessem na festa de casamento, mas Nico interferiu. Seus outros três irmãos servem como porteiros, o que, mesmo em seus smokings, os faz parecer seguranças ou guarda-costas.

Eu sou a dama de honra e Stefano é o padrinho, o que significa que ele é o cara que me leva até o altar. Eu tento ignorar a vizinha no meu ouvido me dizendo que poderíamos ser nós. Poderíamos ser os noivos. Parece tão fácil. Tão possível.

Mas realmente não é.

A cerimônia é abençoadamente curta. Minha tia Susie, mãe de Sondra, está enxugando as lágrimas desde o momento em que Sondra entra no altar até serem declarados marido e mulher.

Depois, sofremos com a sessão de fotos e depois com um jantar sentado. Eu me posiciono em um assento perto da minha mãe e da mãe de Sondra, onde posso assistir a todos. Sou fascinado pelo clã Taccone, pelas conversas e gestos barulhentos, pela boa aparência de cabelos escuros. A mãe de Stefano e Nico ainda é adorável, claramente a fonte da beleza de Stefano. E eles têm uma irmã mais nova, Alessia, que é linda de morrer.

Uma banda completa de vinte instrumentos se instala e começa a tocar, e Nico leva Sondra para a primeira dança.

Ui, dançando. O pensamento de tentar qualquer coisa, mas sentar nos malditos sapatos de dama de honra me faz cerrar os dentes. Foda-se. Vou procurar outro par. Quem se importa se eles não combinam perfeitamente?

Saio para o meu quarto de hotel. Do lado de fora da sala de banquetes, algumas pessoas andam pelo corredor, principalmente funcionários do hotel. Mas então uma figura familiar aparece e eu paro no meu caminho.

Meu pai sorri. — Olá, Corey.

Eu gostaria de dizer que permaneci fria e calma, mas considerando o calafrio que me varre, provavelmente perco toda a cor do meu rosto.

— O que você está fazendo aqui? Você não foi convidado.

— Estou trabalhando. — De todas as coisas que ele poderia ter dito, esta é a pior. Ele ainda está trabalhando no caso do assassinato. O que significa que Stefano ainda é um suspeito. Talvez haja ainda mais que eu não sei. Todos eles podem estar sob investigação: Nico, Leo, Stefano, Tony. Eu.

Eu não me importo comigo, no entanto. Acontece que eu me importo com os Tacones.

Muito.

O que quer que tenham feito, — e tenho que acreditar que não são inteiramente inocentes — não quero que nenhum deles caia. Na verdade, eu faria quase qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

— Isto é um casamento, — eu rosno. — A menos que você tenha um mandado, você precisa sair agora. — Pego meu telefone e deixo meu polegar pairar sobre a tela. — Acredite em mim, eu posso ligar para alguns caras que ficarão felizes em te expulsar.

Ele agarra meu braço, com muita força. — Que tipo de idiota eu criei? — Ele está bebendo. Sinto o cheiro em seu hálito, embora ele pareça perfeitamente no controle. — Você precisa ficar longe desses criminosos, antes que eles o levem com eles, você e sua priminha.

Primazinha. Porra! Eu puxo meu braço para longe, mas é preciso um pouco de esforço. Vou ter hematomas lá amanhã.

— Você sabe que seu namorado é meu principal suspeito?

— *Saia!* Estou chamando a segurança. — É um blefe, no entanto. A última coisa que quero é que os Tacones saibam que meu maldito pai está aqui.

Isto é minha culpa. Meu relacionamento com Stefano provavelmente motivou sua investigação. É como se meu pai precisasse arruinar minha vida só para provar que eu estava errada. E ele estava certo.

Minha cabeça dói de repente. Meu estômago parece que engoli uma âncora.

Meu pai dá uma risada sem humor. — Estou indo embora. Se você fosse inteligente, você também iria.

Eu observo suas costas enquanto ele se afasta. Eu odeio o homem.

Se a força do meu ódio fosse combustível, ele pegaria fogo agora.

E eu só quero sair agora. Todo o meu corpo sente os efeitos do encontro; minhas mãos tremem, a cabeça lateja.

— Aí está você— , diz Stefano, caminhando em minha direção, um sorriso afável no rosto. Desaparece quando ele me vê. — O que há de errado?

Eu esfrego minhas têmporas. — Uh, eu tenho uma enxaqueca. — Não é uma mentira. — Vou para o meu quarto de hotel pegar alguma coisa e trocar de sapato. Estarei de volta em alguns minutos, ok?

Ele me pega em seus braços. — Esses sapatos estão incomodando você? Vou ter que carregar você, então.

Minha risada é forçada. Ele franze a testa, olhando para mim. — Aconteceu alguma coisa? — Sua voz está subitamente calma. Quase mortal.

Se eu já não estivesse tenso, teria ficado rígido. — Não, nada. — Eu odeio mentir para ele. Faz-me sentir que vou vomitar. — Ei, você vai me colocar no chão? Dói ainda mais a minha cabeça. — Agora me sinto uma vadia em cima disso.

Ele para e me coloca de pé, suas sobrancelhas juntas.

— Apenas me dê alguns minutos. Eu preciso me reagrupar.

Ele balança a cabeça e enfia as mãos nos bolsos, olhando para mim pensativo. Ignoro os calafrios subindo e descendo pela minha espinha enquanto ando rapidamente para o meu quarto de hotel.

Junte-se, Corey. Junte sua merda.



Stefano

Algo aconteceu com Corey, tenho certeza. Se um dos membros babacas da minha família a agrediu, eu vou matá-los. É possível que Junior tenha descoberto sobre o pai dela. Mas ele não diria algo para mim primeiro? Ou para Nico?

Ou é sua própria família que a tira do jogo. Deus sabe, eu não posso simpatizar com essa situação.

Eu sabia que esse casamento seria uma porra de uma merda de família. Corey disse que seu pai não foi convidado. Talvez alguém tenha lhe dado trabalho por causa disso.

Eu queria muito que ela me contasse!

Tudo o que ela faz é me afastar. O suficiente para eu nem ter certeza de que ela sente o mesmo.

Não que eu tenha dito que a amo, ou declarado intenções de longo prazo. Eu ainda não descobri o meu caminho em torno de seu pai e minha família. Eu ainda nem sei como é o longo prazo para mim e para ela. Se eu sei mesmo como estar em um relacionamento comprometido.

Inferno, apenas fazê-la morar comigo era um grande esforço.

Ela provavelmente não estará andando por aquele corredor comigo como nada além de padrinho por um longo tempo.

Se alguma vez.

Ela foi ferida. Seu pai fez um número com ela e ela é tímida agora. Mas vou mostrar a ela como é estar com alguém que te apoia. Porque se tem algo bom que aprendi com minha família, é lealdade.

É a vontade de morrer ou cair pelas pessoas que você ama.

E eventualmente vou ensiná-la a confiar em mim.

CAPÍTULO CATORZE

Corey

Nico nos levou para Chicago em um avião particular, mas estamos voltando por conta própria porque ele e Sondra estão pegando o avião particular para Fiji para a lua de mel.

Stefano e eu vamos para o saguão às 7h da manhã seguinte para pegar um táxi para o aeroporto. Depois do incidente com meu pai na noite passada, fui para o meu quarto de hotel para me recompor e consegui aguentar o resto da noite.

Stefano me arrastou de volta da tempestade de pensamentos na minha cabeça no final da noite me prendendo, literalmente com meus pulsos presos em suas grandes patas, e me forçando a manter contato visual o tempo todo em que ele me fodeu.

Foi brutal. E bonito. Quando nós dois gozamos, perfeitamente sincronizados, é claro, eu estava totalmente presente. No meu corpo. Com ele.

Chegamos ao aeroporto e Stefano entrega as passagens ao agente da United. — Dois para Memphis, — ela confirma.

Minha cabeça se levanta. — Não!

— Isso mesmo, — Stefano diz.

Eu escondo minha confusão porque eu não quero levar uma surra na frente da bilheteria, mas no minuto em que nos dirigimos para a segurança, eu agarro seu braço e o puxo para uma parada. — O que diabos está acontecendo?

Ele esconde um sorriso. — O torneio mundial de poker começa hoje à noite. Eu inscrevi você.

Meus olhos devem encher meu rosto inteiro. — O que?

— Você me ouviu, *Bella*, você vai estar na TV. Uma estrela internacional do poker.

Meus joelhos quase dobram. — Stefano, você está maluco? Custa dez mil só para entrar. Não estou nem perto de estar pronta para jogos como esses.

A expressão de Stefano fica séria. — Besteira. — Ele tem um jeito de dizer *besteira* que é tudo besteira. Tudo assustador, na sua cara, atitude eu-te-te-desafio-mentir-novamente.

Eu recuo, corando.

— Quando você vai sair da caixa? — ele exige.

Estou tremendo agora, seja de raiva ou medo, não tenho certeza. — Que caixa? — Eu levanto minha voz, porque ficar de volta na cara dele é o meu mecanismo de defesa.

— A caixa em que você se coloca para se manter pequena. Para evitar que você brilhe. De quem você está escondendo seu brilho? Seu pai? Você mesma?

Eu bato em seu peito, porque as lágrimas estão subindo na minha garganta e estou chateada que ele está me despindo aqui no aeroporto.

Ele pega minha mão e a leva aos lábios, beijando-a com ternura. — Porque eu vejo isso em você toda vez que olho, *Bella*, — ele murmura. — Toda maldita vez. E eu quero que você saiba o que eu sei.

Lágrimas brotam. — O que é isso? — eu murmuro.

— Não há nada que você não possa fazer.

— Maldito seja, Stefano. — Eu pisco de volta a água em meus olhos.

— Ouça, *amore*. Estamos indo para Memphis. Se você decidir que não quer jogar, então iremos para Graceland e veremos o Rei. Ou vamos ficar no quarto do hotel e você pode me punir por ter jogado isso em você. Certo?

Algumas lágrimas derramam e eu solto uma risada aguada. — Sim. OK. Idiota.

— Ainda sou seu chefe, baby. — Ele me dá um olhar zombeteiro que faz meus dedos dos pés enrolarem.

Deixei que ele me conduzisse pela fila de segurança até nossos assentos de primeira classe no avião, onde meus olhos começaram a lacrimejar novamente.

Meu namorado.

— - Sheesh.

Ninguém nunca foi tão doce comigo em toda a minha vida.

E saber disso me deixa ainda mais doente pensando em meu pai e sua maldita investigação.

Eu preciso pará-lo.

E, na verdade, este campeonato de pôquer pode me dar o caminho.



Stefano

Vinte dinheiros vão dar para você um longo caminho com a maioria dos estranhos. Eu tenho um punhado deles na minha mão e estou oferecendo-os no que pode ser a coisa mais louca que já tentei.

Eu devo estar apaixonado.

Essa é a única explicação para esta cena que facilitei fora da sala da primeira partida de poker de Corey. Eu disse a ela que precisava fazer alguns telefonemas e que iria pegar um café para nós e encontrá-la aqui.

Ela não estava entusiasmada por ser deixada sozinha. Eu acho que seus nervos estavam ficando com ela, mas ela não parecia desconfiada.

Agora, porém, estou começando a me preocupar que ela não apareça. Eu disse a ela que ela não precisava se ela não quisesse.

E se ela nunca descer?

— Como é esse visual? Uma linda millennial com um lápis de maquiagem na mão pergunta. Ela está escrito COREY em seu rosto. Um grupo de amigos dela está trabalhando no banner TEAM COREY. Eles estão todos usando as faixas Corey que eu havia pré-impresso para o evento. Recrutei dezenove estranhos aleatórios em todos os que estão comprometidos em estar aqui para animar Corey quando ela vier. Não faz mal que a maioria deles tenha bebido e estaria disposto a fazer quase qualquer coisa por vinte dólares cada.

Se ela vier.

Merda.

Eu verifico meu relógio. Ela deveria me encontrar aqui cinco minutos atrás. Vem cá Neném. Nesse momento, um longo par de pernas sob uma saia vermelha aparece na escada rolante descendo.

— Aqui vem ela. — Eu bato palmas e a equipe barulhenta se junta em um grupo, segurando a placa e agitando suas bandeiras enquanto o resto do corpo de Corey aparece. Ela está usando um dos vestidos vermelhos que

comprei para ela e parece um milhão de dólares. Não, um bilhão. Ela parece uma vencedora. Definitivamente um campeão.

— COR-ey, COR-ey, COR-ey, — , um dos membros da equipe começa a cantar e o resto se junta.

O rosto de Corey aparece, a mão na boca, sobrancelhas na linha do cabelo. — Oh meu Deus, — ela murmura enquanto tropeça para fora da escada rolante. Eu a pego em meus braços. — O que é que você fez?

— Eu montei uma torcida.

Lágrimas nadam em seus olhos. — Jesus, Stefano, — ela engasga. — Você fez isso por mim? Agora você está me fazendo chorar. — Ela acena com as mãos na frente do rosto, piscando rapidamente enquanto ri. — Eu nunca choro. Só você faz isso comigo. —

Deslizo minhas mãos ao redor de sua cintura e acaricio seu pescoço. — Você está segura comigo, — murmuro. Eu vou levar as lágrimas dela. Guarde suas emoções com minha vida.

— Obrigada, — ela sussurra. — Você é incrível. — Então ela me empurra para trás e encara seus campeões novamente. — Quem *são* essas pessoas? — ela exige.

Eu ri. — Acontece que equipes de torcida podem ser contratadas, o que não significa que você já não tenha fãs delirantes. Eles só não te conhecem ainda. — Eu pisco e a guio em direção à porta para a competição. — É melhor você entrar lá, vai começar em dez minutos.

Ela solta um suspiro rápido. — Stefano, você é louco.

Não, apenas apaixonado. Eu não digo isso, no entanto. Ela se assusta muito facilmente e eu ainda não tenho certeza se ela sente o mesmo.

— Vá lá e chute alguns traseiros. — Eu toco seu quadril porque eu não acho que ela gostaria de ter sua bunda esbofetada em público.

Ela endireita os ombros e joga seu lindo cabelo enquanto marcha para se sentar à mesa.

Encontro um lugar na platéia. Eu só tenho uma visão das costas de Corey, mas as telas gigantes ao redor da sala televisionam o evento, e as câmeras estão adorando Corey. Quem poderia culpá-los? Ela é cerca de mil vezes mais agradável aos olhos do que os homens grisalhos contra os quais está jogando. Eu ficaria surpreso se as câmeras saíssem do rosto dela durante todo o torneio.

Se ela soubesse o quanto todo mundo assistindo adoraria torcer por ela.



Corey

Recebo as cartas mais ruins da história do pôquer. Eu desisto de três mãos seguidas. Parte de mim está pronta para se levantar e sair daqui. Já vi o suficiente de jogos de azar para saber que quando a sorte não está com você, você tem que ir embora.

Mas Stefano fez tanto para me trazer aqui. Me surpreendeu com essa viagem, montou a torcida. Quão fodidamente doce foi isso? Ele realmente ouviu a história que eu contei sobre jogar futebol quando criança e tentou remediar isso.

Ele é um em um milhão, esse cara.

E é por isso que eu tenho que continuar jogando. Não porque ele se importa se eu ganho ou perco. Eu acredito nele quando ele diz que não.

Não, preciso ganhar muito, porque tenho um propósito para esse dinheiro. E pode ser uma questão de vida ou morte.

Não sou do tipo que reza, mas começo a pedir a Lady Luck, os anjos, Deus, fadas, duendes e qualquer outra coisa que possa estar por aí para aparecer e me ajudar. E então me lembro que o desespero nunca vence. O controle vence, mas não tão grande ou com facilidade. Não, os jogadores do intestino, eles se rendem.

Então eu sento e imagino que estou amarrada à cama de Stefano. Imagine que eu estou me rendendo a ele. Para o prazer. Não tenho escolha a não ser receber.

Um formigamento começa entre minhas pernas e eu tenho que pressionar minha parte interna das coxas para aliviar o latejar lento do meu clitóris. Meus mamilos endurecem e eu começo a suar. Todos os caras na mesa começam a olhar para mim, como se sentissem a mudança.

E recebo quatro ases. Quatro malditos ases!

E é aí que começo a sentir a energia pulsando ao meu redor. A cada mão que ganho, fico cada vez mais excitada, como se cada vitória fosse um presente sexual, cada dólar o estímulo que preciso para gozar.

Cinco horas depois, estou quase delirando de necessidade e ganhei *cem mil dólares*.

Eu jogo pelo seguro até o final do torneio. Quando finalmente acaba, o locutor dá meus ganhos totais e ouço aplausos atrás de mim. Eu me viro e observo a platéia. Eles estão assobiando e torcendo por mim. O som pega e

logo, todo o lugar está batendo palmas, incluindo os homens com quem eu estava brincando.

A vertigem aparece e eu rio, desarmada pela inesperada afeição de estranhos. Felizmente, Stefano aparece ao meu lado, porque não tenho certeza se me lembro de como andar, e então saímos de lá, até nossa suíte de hotel, onde ele me leva em todas as posições imagináveis até eu desmaiar de delírio absoluto. .

CAPÍTULO QUINZE

Corey

Fugir de Stefano hoje em dia não é uma tarefa tão fácil quanto deveria ser. Eu não o chamaria de controlador, mas ele definitivamente gosta de ficar de olho em mim.

Nós voamos de volta hoje e ele foi direto para o trabalho, mas eu tive que inventar uma história sobre encontrar um amigo para jantar para tirá-lo das minhas costas.

Eu rapidamente coloco a mala de dinheiro que trouxemos de volta em uma mochila e faço a ligação. De certa forma, ainda estou pegando a onda de ontem. É como se eu pudesse ver todas as possibilidades e como elas vão se moldar. Eu sei exatamente como jogar cada situação. Eu sei exatamente o que dizer para deixar Stefano à vontade, e eu sei exatamente o que dizer ao meu pai. Mantenho a ligação curta, urgente e enigmática.

Então eu entro no meu carro para encontrá-lo.

Não quero me encontrar no meu apartamento, mas também não quero ele perto do Bellissimo, então vai ter que servir. O ar dentro do meu minúsculo quarto cheira a mofo, como se eu não morasse lá há anos. Mesmo que ainda sejam meus móveis antigos e meus livros estejam nas prateleiras, não me sinto em casa. Não sou a pessoa que era quando morava aqui. Eu nem gosto muito dela. Ela estava fechada, entrincheirada em uma existência confinada. Medo de amar, medo de viver.

Pego um maço de dinheiro da bolsa e coloco embaixo da almofada do sofá. Não faz mal ter um pouco de dinheiro de emergência.

Uma batida soa na porta e meu pai a abre antes que eu responda. — O que está acontecendo? Você está em perigo? — Seu olhar é afiado e ele se levanta como se fosse tentar me abraçar ou algo assim.

Ah, está maduro. Como se ele alguma vez se importasse comigo. Ele está apenas esperando que eu queira dar a ele o furo sobre seu caso.

— Não. — Eu jogo a mochila cheia de meus ganhos no sofá e abro, dando a ele uma bela visão do dinheiro.

— Onde você conseguiu isso?

— Ganhei em um torneio de pôquer.

Meu pai bufa; ele não acredita em mim. Isso porque ele não acha que eu sou boa o suficiente para ganhar alguma coisa.

— Há um pouco mais de cem mil aqui.

Um pequeno sorriso brinca em seus lábios. Ele descobriu onde isso vai dar. Ou ele acha que tem. — Você quer comprar um pouco de segurança para o seu namorado.

Eu tinha razão.

Sempre suspeitei que meu pai fosse corrupto. Como alguém que realmente acredita na justiça pode ser tão idiota?

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. — Isso mesmo.

Ele acena com a cabeça lentamente. — Tudo bem. Eu posso fazer os problemas dele irem embora. Mas isso não significa que não haverá novos. E talvez eu não seja o investigador da próxima vez. Esse é realmente o tipo de cara com quem você quer estar acompanhada?

Sim. Eu já tive essa conversa comigo mesmo. Isso me corrói por dentro. Stefano é um produto de sua família e ele não pode fugir deles, mesmo que

ele e seu irmão estejam fazendo o possível para superar tudo isso. Portanto, é absolutamente possível que haja outra morte. Mais violência. Atos ilegais que podem colocar Stefano em perigo.

Mas não consigo nem pensar nisso. Estou apenas tentando encontrar meu caminho através desta crise, e se eu tiver uma maneira de proteger Stefano, vou fazê-lo.

— Isso é para eu descobrir — eu digo. — Não é o seu problema.

Meu pai dá uma risada sem humor. — Certo. — Ele pega o saco de dinheiro. — Eu vou limpar a bagunça desta vez. Mas sugiro que se afaste da família Taccone. Se eu estiver investigando você da próxima vez, não será tão fácil para mim suprimir evidências.

Eu quero perguntar a ele que provas ele tem, só para eu saber, mas estou louca para ficar longe dele. Eu me sinto suja e errado tendo essa conversa e quero que acabe.

— Consigo imaginar. — Eu ando até a porta e a seguro aberta para ele.

Ele tira um chapéu imaginário e sai. — Cuide-se, Corey Jean.

Foda-se.

Eu não digo isso porque ele não vale a pena respirar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Corey

Posso estar aproveitando a onda de sorte no meu caminho, mas uma sensação crescente de pavor me diz que minha corrida acabou.

O dinheiro acabou, namorado salvo.

Hora de ficar quieta e recarregar.

Nada mais parece doce ou especial. Minha vitória em Memphis, a doçura de Stefano, tudo parece manchado por essa troca.

Eu dirijo de volta, o vazio se estendendo dentro de mim, ameaçando assumir o controle, me arrastar para baixo. Eu quero subir para a suíte de Stefano e rastejar para a cama, puxar as cobertas sobre minha cabeça e bloquear a vida por algumas horas. Em vez disso, paro no escritório de Stefano para deixá-lo saber que estou de volta, ou talvez seja porque a culpa por mentir para ele está me corroendo.

Leo está em seu escritório, mas Stefano acena para mim com um sorriso. Mais uma vez, tenho aquela sensação de que minha sorte está indo por água abaixo. A flutuabilidade que me levou ao longo do torneio ainda está morta. Da próxima vez, vou prestar atenção ao aviso, sabendo que tudo está errado. Que algo está prestes a dar terrivelmente errado.

Do jeito que está, afasto o enjôo, sento-me na cadeira que Stefano me acena.

— Leo está apenas me mostrando um novo equipamento que adquirimos para segurança.

— Oh sim? O que é isso?

Leo pega um pequeno instrumento tipo varinha e aperta um botão. Luzes verdes iluminam a ponta. — Ele procura por microdispositivos com sinais neles. — Ele se levanta e passa sobre seu próprio corpo. Ele emite um sinal sonoro quando passa por cima do bolso da jaqueta. — Você vê? Esse é o meu celular. — Ele pega o telefone e o coloca sobre a mesa.

Ele continua acenando com a varinha, trazendo-a sobre minha bolsa, onde ela fica vermelha e apita novamente. — Esse é o seu telefone.

Eu abro minha bolsa e pego o telefone, colocando-o na mesa ao lado dele. Ele continua escaneando minha bolsa e o aparelho emite um bipe novamente.

— Isso é estranho, — , eu digo, cavando na minha bolsa novamente. — O que mais o desencadeia?

Leo e Stefano ficam paralisados. — Escutas. — As maneiras afáveis de Leo desapareceram, sua expressão gelada. — Posso? — As palavras são educadas, mas a maneira como ele as diz me faz estremecer.

Eu empurro minha bolsa em sua direção. Claro que eu sei que não há nada nela. Olho para Stefano, mas ele não está olhando para mim, ele está concentrado na bolsa.

Leo acena a varinha dentro da bolsa, acionando-a novamente, e vira a bolsa do avesso. Anexado ao forro está um pequeno botão que faz o dispositivo enlouquecer.

O frio passa por mim. — O que é aquilo? Eu nunca vi isso antes. — Minha voz está mais aguda. Eu pareço um mentiroso, até para meus próprios ouvidos, mas é a maldita verdade.

Leo saca uma arma e aponta para minha cabeça, o som alto no escritório silencioso.

Eu espero que Stefano diga a ele para guardá-lo, mas ele não diz uma palavra. Seu rosto está pálido, a expressão plana.

O pânico surge e eu fico de pé. O cano da arma me segue. — E-eu não sabia que estava lá.

Ainda mantendo a arma apontada para minha cabeça, Leo avança, balançando a varinha sobre mim. Não apita novamente. Stefano pega o inseto e o esmaga entre os dedos, então ele esmaga meu telefone na lateral da mesa até que ele se abra. Ele examina o interior dela e a coloca no chão.

Lágrimas lançam meus olhos. — Meu pai, — eu engasgo. — Meu pai deve ter colocado lá. Mas eu nunca disse nada a ele. Juro.

— Você está trabalhando com seu pai? — A voz de Stefano é estranhamente calma e distante.

Eu balanço minha cabeça rapidamente. — Não. — As lágrimas rolam pelo meu rosto. — Mas ele está aqui em Las Vegas. Ele está investigando o desaparecimento de Donahue. Eu disse a ele que não sabia de nada, mas talvez tenha sido quando ele... Limpo minhas lágrimas com as costas da mão. — Quando ele colocou lá.

Jesus, minha história parece estúpida e implausível, embora seja a verdade fria de pedra.

— Quando foi isso? — pergunta Stefano.

— Logo depois que aconteceu. — Minha voz falha. — Ele estava no meu apartamento quando cheguei em casa.

— E você escondeu isso de mim. Stefano diz isso como se eu tivesse me condenado para sempre.

— Ele também estava em Chicago. — Admito, como se contar a ele agora fosse compensar minhas omissões anteriores. — No casamento. Ele disse que tem provas. Eu dei a ele o dinheiro de Memphis para suprimi-lo.

Stefano se levanta, derrubando sua cadeira no chão. Não me mexo, embora esteja tremendo como um passarinho. Ele agarra meu cabelo e traz seu rosto perto do meu... Um tique muscular em sua bochecha, mas seus olhos estão mortos. — Você diz ao seu pai, — ele rosna, — que ele não deveria ser envolvido nos negócios da família.

É uma ameaça e estou completamente apavorada. É uma maravilha que eu não me mije.

— Você partiu meu maldito coração, Corey Simonson.

Eu aperto meus olhos fechados, porque sua expressão está quebrando a minha, mas ele me solta abruptamente e me empurra para longe. — Saia. Nunca mais volte aqui. Nunca mais me deixe ver seu rosto novamente, *Bella*. Eu não vou mostrar misericórdia uma segunda vez.

— Stefano, — eu sussurro-imploro. Quero explicar, ou melhor ainda, voltar no tempo e ser mais transparente desde o início. Talvez eu pudesse evitar essa traição de sua fé em mim.

Mas é muito tarde. Leo agarra meu cotovelo e me puxa pela porta, batendo-a atrás de mim.

Mal posso ver quando saio cambaleando, as lágrimas me cegando. Minha bolsa ainda está no escritório deles, então não tenho nada: sem chaves, sem dinheiro, sem telefone, sem lugar para ir.

Encontro meu caminho para fora e começo a andar, longe do Bellissimo, longe de Stefano. Longe de tudo que eu amava.



Stefano

Quando ela se vai, eu jogo a mesa. Eu quero quebrar tudo à vista. Ela nunca me amou. Ela me jogou. Arruinou-me.

Leo observa, em silêncio a princípio. — Quer que eu cuide dela?

— Não

Mesmo tão zangado como estou, tão quebrado, traído e *louco* como estou, nunca poderia prejudicar Corey.

— Não tenho certeza se você realmente tem a perspectiva necessária para fazer essa ligação.

Eu me jogo em Leo, corto seu ar enquanto o empurro contra a parede.
— Você *nunca* questiona meu julgamento. Não sobre isso. Não em nada.
capuchinho ?

— Sim. Entendi, chefe, — Leo diz rapidamente.

Eu saio correndo, porque se eu ficar, vou matar o cara. Eu subo para nossa suíte, *minha* suíte, *foda-se!* — e imediatamente sei que foi um erro.

O lugar cheira como ela. Me lembra ela. Me mata.

Eu entro em fúria, jogando móveis, enfiando meu punho na parede.

Todo esse tempo fodido eu pensei que ela estava se segurando porque ela estava protegendo seu coração. Mas ela não estava. Ela estava brincando comigo.

Eu ouvi os sinos de alerta sobre a porra do pai dela. Eu sabia que me envolver com ela iria me morder. Eu apenas escolhi ignorá-lo. Fiquei muito cativado pelo enigma que é Corey Simonson. Eu queria ser o cara que a libertou. Queria saber como é entrar na concha dela. Para ser seu homem.

Eu sou um idiota.

Eu ando ao redor da sala destruída, tentando me lembrar de cada coisa que eu já disse na presença dela. Ela me viu atirar em Donahue. Isso é um problema, com certeza. Mas o que mais.

Eu paro.

Ela me viu atirar em Donahue e não foi à polícia. Se ela tivesse, por que eles precisariam de uma escuta? A menos que eles queiram derrubar Nico também. Ou apenas obtenha o máximo de informações possível.

Eu esfrego meus dedos machucados.

E se ela me dissesse a verdade? Seu pai plantou nela depois do tiroteio. Ela não lhe disse nada. Ele está cavando, usando sua entrada, mas ele não tem nada.

Porque Corey não me trairia.

Emoção quente me sufoca. Meus olhos ardem.

Porra! Eu bato meu punho na parede novamente.

Eu não sei no que acreditar.

Léo estava certo? Meu julgamento está muito errado para saber o que está acontecendo?

Ou acabei de cometer o maior erro da minha vida?



Corey

NÃO SEI quanto tempo ando, até meus pés ficarem cheios de bolhas e minhas panturrilhas terem espasmos. De alguma forma, acabo voltando para o Bellissimo — exatamente onde não deveria estar. Pego o elevador até o andar superior do estacionamento e olho por cima da borda.

Não, não estou pensando em pular. Eu não sou estúpido ou suicida. Embora a dor no meu peito seja assustadora, tenho muito mais com que me preocupar agora do que um coração partido. Preciso me preocupar com minha sobrevivência imediata.

Estou tão fodida agora.

Acho que é bem possível que alguém venha atrás de mim, apesar de Stefano ter me liberado. O que significa que ir para a minha casa seria um erro.

Eu poderia entrar em contato com Sondra. Eu sei que ela faria qualquer coisa no mundo por mim, mas se Nico ou algum de seus soldados quiser me encontrar, ela será a primeira pessoa que eles procurarão em busca de respostas. Não quero colocá-la nessa posição.

Eu tenho o estoque de dinheiro debaixo da almofada do meu sofá. Eu preciso chegar lá e tirá-lo sem que ninguém me veja.

Volto para a Strip e chamo um táxi. Não é um grande plano, mas é um começo. Assim que tiver um lugar para ficar, posso contemplar o que perdi.

Stefano.

O único homem que já viu o verdadeiro eu.

CAPÍTULO DEZESSETE

Stefano

— Nenhum sinal dela? — Eu rosno no meu telefone para Leo. Eu o tenho sentado na frente do apartamento de Corey, na esperança de que ela apareça. Faz vinte horas desde que eu a expulsei e estou enlouquecendo.

Levei as primeiras seis horas para puxar minha cabeça para fora da minha bunda e perceber que Corey poderia não estar brincando comigo. Em retrospecto, parece óbvio. Ela teria deixado Leo escanear sua bolsa sem pestanejar se ela estivesse escondendo alguma coisa? Se ela soubesse que estava carregando um escuta? Estou procurando por ela desde então.

— Ninguém. Nenhum sinal de vida aqui.

Fanculo.

O fato de que o carro dela ainda está parado no estacionamento do Bellissimo e ela não está em seu apartamento, absolutamente me estripa.

Significa que ela está se escondendo. Ela está com medo.

De mim.

Porque eu sou o *stronzo* que a expulsou e disse a ela para nunca mais mostrar o rosto como um idiota. Tanto para *eu sempre vou defendê-la*. Eu deixei meu medo de não ser bom o suficiente, de uma filha de um federal nunca poder estar com um cara como eu criar alguma traição monstruosa na minha cabeça, em vez de apenas ter tempo para *ouvi-la*. Ela nem sequer tem um telefone, ou sua carteira.

Se for verdade que ela deu o dinheiro de Memphis ao pai, ela não tem nada.

Talvez ela tenha ido até ele.

É um pensamento desconfortável. Ele cuidaria dela? O homem que colocou uma escuta na bolsa da própria filha, colocando a vida dela em risco?

Eu preciso de respostas. Eu preciso da porra da informação. Vou até o escritório de Sondra e entro. Nico está com ela, sentado em sua mesa.

— Onde está sua prima? — Eu exijo.

Ela se levanta, seus olhos azuis redondos. — O que você quer dizer?

Eu caminho em direção a ela, mas Nico bloqueia meu caminho. — Dê um passo para trás, — ele avisa. — O que está acontecendo?

— Corey. Você já ouviu falar dela? De alguma forma?

As sobrancelhas de Sondra se apertam. — Não. O que aconteceu? Vocês brigaram?

Eu passo meus dedos pelo meu cabelo. — Você poderia dizer isso. — Eu me viro e olho pelas janelas do chão ao teto. — Fale-me sobre o pai dela.

Sondra respira fundo. — Ele é um idiota — , diz ela sem hesitação. — Eu não posso te dizer quantas noites ela passou quando criança na minha casa porque ela não queria ir para casa.

Meu peito aperta.

— Corey não fala com ele há anos.

— Você tem certeza disso? Ele estava ou está aqui, em Vegas. — Eu a observo de perto.

Sua expressão azeda como se algo cheirasse mal no quarto. — Ele estava?

— E em Chicago.

O medo pisca no rosto de Sondra e Nico amaldiçoa. — Do que diabos você está falando?

— Ele deixou cair uma escuta na bolsa de Corey. Ela diz que o pagou para desistir de sua investigação sobre mim.

Sondra cobre a boca com a mão. — Oh não. Então, onde ela está? O que aconteceu?

Eu ando ao redor da sala. — Eu fodi tudo. — Eu espeto uma mão raivosa no ar. — Eu a expulsei. Eu não sabia em que acreditar.

— Ah, não, — Sondra diz novamente.

— Agora ela está desaparecida. Eu tenho a bolsa e as chaves dela. Ela não está em seu lugar. O carro dela ainda está no estacionamento. Não sei onde diabos ela foi ou como encontrá-la.

— Há quanto tempo ela se foi?

— Desde ontem. Alguma ideia de onde ela iria? O que ela faria?

Os olhos de Sondra se encheram de lágrimas. — Não. Ela deveria ter me ligado.

Meu telefone toca e eu o pego. É um número de Michigan. Eu respondo. — Tacono falando.

— Agente Especial Simonson, FBI.

Eu fico tenso, aceno para meu irmão.

— Eu acredito que você está ciente de que estou investigando você.

Eu grunhi uma afirmativa. Minha mão aperta com tanta força o telefone que temo que ele rache.

— Estou disposto a discutir o abandono da investigação.

Eu vou matar esse homem.

Não espere, eu não posso. Ele ainda é a porra do pai de Corey.

— Quais são os seus termos? — Não me incomode em argumentar que ele já pegou dinheiro de Corey para desistir se a história dela for verdadeira, o que estou começando a acreditar que é.

— Quinhentos mil em dinheiro e eu destruo as provas. Entregue-o às 20h desta noite na garagem do Hard Rock Cafe.

Ele termina a chamada sem esperar pela minha resposta.

— Que provas? — Nico estala.

Eu balanço minha cabeça. — É um blefe. A menos que Corey esteja trabalhando com ele.

— Corey *não está* trabalhando com ele, — Sondra grita, os dedos fechados em punhos. — Como você pode pensar isso?

Eu deixo cair meu queixo no meu peito em derrota. — Eu não. Eu realmente não. Ela iria até ele em busca de ajuda? — Eu pergunto a Sondra. — Você acha que ela está com ele?

— De jeito nenhum, nunca. Estou lhe dizendo, ela nem está falando com ele.

— Então, qual é a peça? — Nico pergunta.

— Eu o encontrarei. Descubra se ele sabe onde Corey está.

— Então o que? — Nico quer saber.

Eu dou de ombros. Nenhuma porra de pista. — Eu vou descobrir isso porra.

— Leve Leo e Eddie. Você está trazendo o dinheiro?

— Não. — Minha voz é mais dura que pedra. De jeito nenhum vou dar mais dinheiro a esse homem. Ele já roubou o dela e ainda acha que pode

me chantagear? Foda-se ele. Federais sujos fedem mais do que os mais baixos do submundo.

— Bom.

Sim bom. Mas ainda não estou mais perto de encontrar Corey. — Sondra, se Corey ligar para você... — Eu paro e esfrego meu esterno porque não sei o que dizer. Mesmo se eu disser a Corey que acredito nela, ela realmente vai voltar aqui comigo?

Depois da maneira como eu a tratei? Ameaçei a vida dela?

Ela é uma mulher inteligente e que se respeita. Se ela não está com problemas agora, então ela já está o mais longe possível daqui.

O que me mata é que ela pode estar em apuros. Deixei-a com muito poucas opções.

E eu conheço centenas de coisas indescritíveis que acontecem com mulheres que ficam sem opções em Vegas.

— Se eu tiver notícias dela, direi a ela que você fodeu tudo e que realmente quer se desculpar, — Sondra completa.

Lanço-lhe um olhar agradecido.

— Sim, exatamente. Obrigado.

Os olhos de Sondra parecem assombrados, porém, e ela não pode nem estar tão preocupada com Corey quanto eu.

Madona me ajude.



Corey

São quatro da tarde e ainda estou na cama desagradável do motel. Não é como se eu tivesse dormido. Bem, talvez eu tenha cochilado um pouco, mas toda vez que durmo, sonho com Stefano levando um tiro. Ou atirando em mim.

Acordo com uma dor no peito como se realmente tivesse acontecido.

Como as coisas ficaram tão confusas? Como posso fazer isso certo?

Simplesmente não posso permitir que Stefano acredite que o usei. Por que eu nunca disse a ele o quanto ele significava para mim? Que ele é o único cara por quem eu já me apaixonei? O quanto eu aprecio, não, aprecio não é profundo o suficiente, como ele me devastou com sua consideração. Seu amor. Eu sei que ele nunca disse isso, mas só o amor faria um homem trabalhar tão duro para levantar a crença de sua mulher em si mesma. Se ao menos eu tivesse feito algo para mostrar a ele meu amor também. Então ele não teria duvidado de mim. Não teria acreditado que eu poderia traí-lo.

Eu tropeço para fora da cama e tomo um banho no banheiro sujo.

Qual é o meu plano?

Eu preciso de um plano. Descobrir onde realmente estou com os Tacones seria um começo. Preciso ligar para Sondra. E talvez ela possa me ajudar a descobrir uma maneira de provar para Stefano que eu não fazia parte do plano do meu pai.

Coloco minhas roupas sujas e vou até um Walgreens na esquina onde compro um par de chinelos, leggings e uma camiseta para pelo menos ter algo para vestir. Eu também compro um telefone descartável para fazer chamadas.

Quase não tenho mais o número de alguém memorizado, mas Sondra e eu somos próximas desde antes do surgimento dos telefones celulares. Ainda sei o número dela de cor. Eu ligo, meus nervos à flor da pele enquanto espero que ela atenda.

— Olá?

— Ei, sou eu.

— Corey, graças a Deus! Onde está você? Onde você esteve? Stefano está procurando por você.

— Eu estava com medo daquilo. O meu pai...

— Stefano me contou sobre a escuta e que você tentou pagar seu pai. Ele já ligou para Stefano para chantageá-lo por mais.

— *O que?*

De todos os cenários possíveis, esse não passou pela minha cabeça.

— Sim, Stefano vai encontrá-lo hoje à noite na garagem do Hard Rock.

Meu coração bate dolorosamente contra meu peito. Isso é exatamente o que eu preciso, meu pai e Stefano no mesmo quarto, ou garagem, conforme o caso. Uma chance de provar a Stefano que não faço parte dos esquemas desagradáveis do meu pai.

— Obrigado, é isso que eu preciso saber, — eu digo.

— Espere, Corey! — Sondra grita ao telefone para me impedir de desligar. — Onde você está? O que você vai fazer?

— Vou provar para Stefano que não fiz parte dessa merda. Ou pelo menos fazê-lo acreditar que eu não sabia que estava grampeada. Eu deveria ter contado a ele sobre meu pai investigando ele, isso é comigo. Mas eu não fazia ideia de que meu pai havia plantado uma escuta.

— Stefano está preocupado com você.

Meu peito se contrai dolorosamente.

Ele ainda se importa.

Eu posso consertar isso.

Não posso falar porque minha garganta está entupida de lágrimas. —

Obrigado, Sondra. Entrarei em contato.

CAPÍTULO DEZOITO

Stefano

Estou pronto para mastigar e cuspir todos ao meu redor. Preciso controlar minha agressividade ou vou esmagar o crânio do pai de Corey. Espero que ele saiba onde ela está.

Colocamos coletes de kevlar sob nossas camisas porque eu definitivamente não confio nesse cara. Nós três também colocamos nossos telefones para gravar. A vigilância de áudio funciona nos dois sentidos. Ter provas contra o Sr. Crooked Fed pode ser útil.

Eu não gostei do que Sondra disse sobre a infância de Corey com esse idiota. Eu já sabia que era uma droga, mas agora quero fazê-lo pagar por isso. Ele a machucou. Eu quero que ele sangre.

Ligue de volta, stronzo.

Chegamos ao Hard Rock e paramos no estacionamento subterrâneo. Saio com a mala cheia de nada e verificamos nossas armas. Há câmeras de vídeo nos cantos, mas me parece que alguém já atirou nelas.

Ok, idiota. Onde está você?

Ando pela garagem como se fosse dar um maldito passeio com meu cachorro pelas tulipas até encontrá-lo, encostado em um pilar.

— Simonson.

— Tacone.

— Onde está sua filha?

— Ela está em algum lugar seguro, — diz ele, simultaneamente me aliviando e arrancando meu coração. Ela foi até ele para pedir ajuda. *Está trabalhando com ele?*

Foda-se, eu sei que ela não está. *Ela não está.*

— Ela está pronta e disposta a testemunhar contra você, mas ela não quer.

Meu coração desacelera, arrasta como um cavalo manco no meu peito.

— Oh sim? — Agora eu sou apenas um fanfarrão adolescente. Eu não consigo nem pensar. Não é possível discernir o que é o que aqui. Droga. Corey é meu ponto cego. Eu deveria ter deixado Nico ou Leo liderar isso.

— Isso é treta!

Eu quase caio de joelhos.

Corey vem marchando ao virar da esquina, parecendo um anjo de fogo com seu cabelo vermelho caindo atrás dela.

— Corey, volte, — seu pai grita, mas ela o ignora. Ela está ardendo em *minha direção*. A raiva crepita ao redor dela e meu coração pula em velocidade. De repente tenho certeza dela — eu conheço essa mulher.

A fúria cruza o rosto de seu pai. Eu deveria ter prestado atenção, mas só tenho olhos para Corey. Eu preciso me desculpar, que ela saiba que eu acredito nela.

— Stefano, não faço parte do esquema dele. De jeito nenhum. Não acredite em uma palavra do que ele diz.

— Stefano, — Leo late, sacando sua arma.

É tarde demais. Simonson atira em Leo, acertando-o no peito.

Corey gira. — Não! — ela grita e pula na minha frente. Seu corpo estremece e desmorona no asfalto.

Saco minha pistola e atiro em Simonson. A bala o atinge bem na testa, mas não espero para vê-lo cair, estou correndo para Corey. — Ligue para o

911, — eu grito para os meus homens, pegando-a em meus braços. O sangue se espalha rapidamente pela blusa dela. Eu faço uma bola e empurro a ferida.

Não por favor.

Não a deixe morrer.

Agora não. Assim não.

Como pude duvidar do amor dela?

Ela levou um maldito tiro por mim.

E eu falhei com ela.

De todas as formas possíveis.

CAPÍTULO DEZENOVE

Corey

Minha garganta me mata, os olhos parecem arenosos. O cheiro adstringente de desinfetante atinge meu nariz antes que eu consiga quebrar minhas pálpebras.

Oh Deus. Eu estou viva. Estou viva e Stefano acha que o traí. Eu pisco, tentando me concentrar enquanto meus olhos se ajustam a estar abertos.

Um rosto aparece, mas não é o que eu quero ver, o que eu *preciso* ver.
— Stefano? — Eu consigo resmungar com os lábios secos.

Sondra salta da cadeira ao meu lado e se inclina. — Ela acordou!

— O que... — Eu lambo meus lábios. — Onde está Stefano?

— Saiu.

Meu coração dispara com o som áspero e cortante de sua voz. Ele está vivo. Livre. Aqui.

Mas ele parece zangado.

— Olhe como você fala com minha esposa. — Levo um momento para colocar o rosnado irritado antes que a figura de Nico apareça.

— *Por favor*, ambos saiam? — O charme normal e descontraído de Stefano está completamente ausente.

— Você tem sorte que eu sei como é estar no seu lugar com suas bolas penduradas no vento, — observa Nico.

— Foda-se e saia. — Stefano parece uma merda. Sua mandíbula está sombreada, expressão abatida.

— Eu voltarei, — Sondra me promete, mas eu mal lhe dou um olhar. Não consigo desviar o olhar do olhar intenso de Stefano, que está travado no meu rosto.

— Stefano. — Minha voz está tão rouca que mal consigo falar, mas tenho que tirar isso. Eu me empurro para sentar e balanço minhas pernas sobre a beirada da cama do hospital. A dor desce pelo meu braço esquerdo e eu suspiro.

— De volta à cama, de volta à cama. — Stefano cambaleia para o meu lado e coloca minhas pernas de volta no colchão. — O que você está fazendo?

— Stefano, eu não sabia sobre a escuta.

— Shh. — Ele coloca o dedo em meus lábios. — Eu sei, *Bella*. Eu sei. Eu não deveria ter duvidado de você. Eu sinto muito. Ele puxa a cadeira que Sondra ocupava e se senta ao meu lado, segurando minha mão. Um IV está ligado ao meu braço.

Eu esfrego meus lábios secos juntos. — Estou com sede.

Stefano pula e pega uma garrafa de água, que ele segura em meus lábios. Eu bebo, líquido escorrendo pelo meu queixo para o fino vestido de hospital.

De repente, há muito a dizer e não há palavras para dizê-lo. Olho para Stefano, perdida. — Você ainda está com raiva de mim? — É tudo o que consigo pensar em perguntar. É a única coisa que realmente importa para mim agora.

Sua testa franze. — Inferno sim, eu estou louco.

Meu coração despenca.

— Você nunca, *nunca* tome um tiro por mim novamente. Eu posso cuidar de mim mesmo.

Lágrimas brotam em meus olhos quando me lembro do momento de horror que experimentei quando pensei que ele iria morrer.

— Ei. — Ele acaricia minha bochecha com as costas dos dedos. — *Perdonami*. Corey, eu tenho que te dizer uma coisa. Ele olha ao redor da sala como se isso fosse fornecer-lhe força. — É ruim.

As lágrimas brotam novamente, embora eu não saiba o que ele vai dizer.

— Sei que temos muito o que conversar. Eu nem sei se você teria me perdoado pelo que eu fiz com você, como eu agi. Mas eu fiz algo ainda pior.

A expectativa torna tudo muito pior. Ou talvez seja a dor. Não consigo evitar que as lágrimas caiam dos meus olhos, embora não saiba o que ele vai dizer.

— Seu pai está morto. Eu o matei.

Oh.

Eu pisco as lágrimas restantes de volta.

— Ok.

Ele levanta uma sobrancelha. — Ok? Você me ouviu?

— Eu ouvi você, — eu resmungo, minha garganta machucada. — Ele matou Leo. Ele quase me matou. — Eu toco o curativo acima do meu coração. — É claro que você atirou nele.

Stefano acaricia meu cabelo para trás do meu rosto, segura minha bochecha, preocupação gravada em suas feições. — Leo não está morto; estávamos usando Kevlar. O médico diz que você vai sobreviver. Você vai

precisar de fisioterapia para o ombro, mas deve melhorar. — Ele pega minha mão e leva meus dedos aos lábios, beijando-os. — Corey, diga que você vai me perdoar. Por seu pai. Por te mandar embora. Eu estraguei. Grande momento. Mas eu nunca vou duvidar de você novamente, eu prometo. E se você me der outra chance, eu juro que vou trabalhar duro para compensar tudo para você. Vou passar o resto da minha vida tentando.

— Eu te amo, Stefano, — eu deixo escapar, minhas bochechas molhadas com lágrimas.

Por um segundo lá, eu juro que vejo umidade nos olhos de Stefano também, mas então meu durão pisca de volta. — Querida, eu também te amo. Eu sou louco por você. Diga que você vai voltar comigo quando eles deixarem você sair daqui.

Eu aceno através das minhas lágrimas. — Sim claro. É para lá que eu quero ir. — Eu fungo. — Você é o único que já viu o verdadeiro eu.

Stefano fica sério, pegando minhas duas mãos. — Quero descobrir tudo o que há para saber sobre você.

— Desculpe por ter me segurado. Eu era uma covarde. Meu medo de me machucar é exatamente o que me machucou. — Eu dou uma risada aguada. — Irônico, hein?

— Eu nunca vou te machucar de novo, — Stefano jura.

Eu aperto suas mãos. — O que aconteceu com meu pai? O que a polícia fez?

— Seu pai apareceu morto em um beco em Detroit, onde estava trabalhando em um caso.

— Ele ainda estava trabalhando em Detroit? Ele me disse que tinha sido transferido para cá.

Stefano balança a cabeça. — Não, ele mentiu sobre isso também. Ele estava aqui em um tempo pessoal, procurando maneiras de manipular a situação de sua filha para ganhar dinheiro. A propósito, seus ganhos de Memphis foram recuperados. A polícia vai querer falar com você sobre o ladrão de bolsas que atirou em você no estacionamento do Hard Rock pouco antes de encontrá-lo. Imagino que entrarão assim que souberem que você acordou.

— Entendi. — Pego a garrafa de água e bebo um pouco mais. Nem estou preocupada em falar com a polícia. Não questiono os métodos de Stefano.

A justiça foi feita, à sua maneira. Não importa para mim se aconteceu do lado certo ou errado da lei. Meu pai não defendeu essas leis.

— Um pouco de boa notícia? Acontece que seu pai nunca tirou sua mãe do seguro de vida dele como beneficiária. Ela vai receber um quarto de milhão assim que as coisas estiverem resolvidas.

Eu sorrio. Sim. A justiça definitivamente foi feita. Minha mãe merece esse dinheiro depois de aturar meu pai por todos aqueles anos antes de ele partir.

Ela pode se aposentar de seu emprego como atendente de escola, descobrir como se tornar feliz.

Eu... eu já sei o que me faz feliz, e ele está sentado bem na minha frente.

EPÍLOGO

Stefano

— Você não pode me manter prisioneira aqui para sempre, — Corey protesta de onde eu a tenho amarrada à cama.

— Mmm, não foi assim que nosso relacionamento começou? — Eu trabalho o nó na gravata de seda que a segura aberta e a pego em meus braços. Eu a mantive prisioneira em nossa suíte desde que ela voltou para casa do hospital há dois dias. Os médicos disseram que ela precisava descansar e deixar sua ferida se recuperar completamente antes de começar qualquer atividade e ela ainda não recebeu a luz verde.

— Eu sou capaz de andar, — ela protesta enquanto eu a carrego para a sala e a coloco no sofá.

— Chega de TV, — ela geme. — Estou entediada. Você não pode me deixar sozinha aqui por mais tempo. Estou enlouquecendo.

— Eu não estou deixando você. Nico tem as coisas cobertas esta noite. Eu vou ficar com você.

Sua expressão teimosa desaparece, e a suavidade e afeição que a substitui me tira o fôlego. Ela tem me mostrado vislumbres desse lado dela desde o hospital, e toda vez, isso me humilha até o fundo.

Eu arrasto uma mesa de canto na frente dela e pego uma cadeira para mim. — Que tal um jogo de cartas? Eu sugiro, embaralhando o baralho.

Ela zomba. — Você está falando sério?

— Hum hm. Apostamos em roupas. Ou... — lanço-lhe um olhar perverso — atos sexuais.

Seus lábios torcem. — Você não vai me deixar andar do quarto para a sala, mas você acha que estou pronta para chupar seu pau?

Eu pisco. — Tenho certeza de que podemos encontrar algo que funcione para você.

Ela sorri e pega as cartas da minha mão. — Você está ligado, amigo. Você sabe que é você quem vai se ver de joelhos, certo?

Estou contando com isso, amore.

Ela embaralha o baralho e dá a primeira mão, que eu perco imediatamente.

— Então você me queria de joelhos? — Eu deslizo para fora da minha cadeira e caio de joelhos na frente dela, abrindo suas coxas. Ela está vestindo nada além de um roupão de seda curto e uma calcinha. Eu corro meus dedos até a parte interna de suas coxas e ela estremece.

— Stefano. — Sua voz vacila quando eu belisco a parte interna de sua coxa com meus dentes. — Eu realmente não sei se sou a favor. — Quero dizer, eu quero, mas tenho medo de ficar muito animada e...

— Bem, há outras coisas para fazer de joelhos, — eu resmungo, enfiando a mão no bolso.

Ela me observa com um olhar interrogativo até eu pegar uma pequena caixa de anel e abri-la. Ela engasga e cobre a boca com a mão. — Stefano.

— Eu sei que você não gosta de apressar as coisas, mas de jeito nenhum eu vou deixar você levar um tiro por mim sem colocar um anel nesse dedo, — eu digo no discurso de proposta mais estúpido do mundo. Eu limpo minha garganta. — O que quero dizer é... *fique*, baby. Fique para sempre. Eu preciso de você ao meu lado, iluminando meu mundo. Eu sei que não temos

nosso futuro planejado, mas quero descobrir o meu com você. Eu quero fazer parte do seu. — Porra. Não sei onde quero chegar com este discurso. Existem questões que eu preciso resolver? Ou eu apenas a peço em casamento?

— Sim.

É como mergulhar em água morna. — Você disse sim?

— Sim. — Ela ri, lágrimas brilhando em seus olhos. — Cansei de jogar pequeno, jogar pelo seguro. Não temos tempo para *não* nos apressarmos nisso. Temos nossas vidas para começar a viver, juntos.

— Sim? — Eu ri. — Você vai usar meu anel?

Ela pega o diamante rosa da caixa e o desliza em seu dedo anelar esquerdo. — Eu estou usando. — Ela levanta a mão para me mostrar e eu beijo sua palma.

— Bom. Agora vou fazer valer meus direitos viris. — Eu beijo o interior de sua perna.

Seus dedos tecem em meu cabelo. — Stefano.

— Vou pegar leve com você só desta vez. — Eu pisco antes de empurrar sua calcinha para o lado e lambê-la.